



Janete da Rocha Machado

o VERANEIO de ANTIGAMENTE

Ipanema, Tristeza e os contornos
de um tempo passado na
Zona Sul de Porto Alegre





A proposta desta obra é analisar a formação e o desenvolvimento de parte da Zona Sul de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do sul, a partir do uso da região para o lazer e veraneio na primeira metade do século XX. Considerando as águas do Lago Guaíba como espaços de recreação e de descanso, o aproveitamento do local, à beira rio, desencadeou e sedimentou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso de toda a região. A orla do Guaíba, durante muito tempo, foi o local preferido pelos porto-alegrenses que não podiam se deslocar até o litoral, e isso ocasionou um desenvolvimento econômico, motivado pela vinda de grupos que visavam ao lazer. Nesse sentido, será abordada a forma como essas famílias, muitas delas de origem alemã, se apropriaram do local, vivendo e convivendo entre si, transformando a região em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira rio. Centrada em documentos, tais como jornais, revistas, diários, mapas, projetos arquitetônicos, fotografias e depoimentos orais, a pesquisa possibilitou também a produção de novos e instigantes questionamentos, bem como de outras visões. Assim, abordando questões urbanísticas e culturais, esse trabalho pretendeu não só uma análise do veraneio vivido em Porto Alegre no início do século passado, como também um estudo sobre o processo de urbanização dos bairros margeados pelo lago, entre eles o Ipanema e a Tristeza.



editora *fi*.org



O VERANEIO DE ANTIGAMENTE

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof.^a Dr.^a Claudia Musa Fay

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof.^a Dr.^a Helga Landgraf Piccolo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. René Ernani Gertz

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

O VERANEIO DE ANTIGAMENTE

IPANEMA, TRISTEZA E OS CONTORNOS DE UM TEMPO
PASSADO NA ZONA SUL DE PORTO ALEGRE

Janete da Rocha Machado



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MACHADO, Janete da Rocha

Ol veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre [recurso eletrônico] / Janete da Rocha Machado -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

193 p.

ISBN: 978-65-5917-544-4

DOI: 10.22350/9786559175444

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Ipanema; 2. Tristeza; 3. Zona Sul; 4. Porto Alegre; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

“Antigamente, nesta Porto Alegre que sonha e sofre, os balneários eram as banheiras. Só os indígenas, na sua inocente nudez, tomavam banho nas praias do Guaíba. Mas na segunda metade do século XIX começaram a funcionar em Porto Alegre as praias marginais do Guaíba. Moças e senhoras menos assustadas acorriam a elas, monasticamente vestidas. Mandavam armar umas barraquinhas pela areia ou nos matos próximos á praia, e, ali dentro, começavam a despir-se. Quatro, cinco, seis saias. E delas saiam cobertas até o tornozelo, o pescoço e os pulsos. A descoberto, somente a cabeça, as mãos e os pés. E, assim, entravam na água, nas praias do Caminho Novo, na de Belas e mais tarde, na Pedra Redonda”.

Walter Spalding (1967).

AGRADECIMENTOS

A realização desse estudo não seria possível sem o apoio e participação de algumas pessoas, entre elas:

À minha família, em especial, meu marido Sergio, que esteve sempre presente nas minhas atividades acadêmicas, incentivando-me e compreendendo os nossos desencontros. À minha mãe, Vera Regina, pelo apoio e ajuda incondicional em todas as horas. Aos meus filhos, Arthur e Pedro, por entenderem minhas ausências nas horas de lazer e nos momentos destinados às tarefas da escola. E à professora de Língua Portuguesa e tia Catarina Tolotti pela correção deste trabalho;

À professora Dra. Claudia Musa Fay, a qual com seu conhecimento, sua orientação e acompanhamento, possibilitou-me alcançar os resultados desse trabalho, desde quando ainda era um projeto na graduação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ao CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de auxílio. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, cujos conhecimentos a respeito de imigração e colonização no Brasil ajudaram no desenvolvimento de minha pesquisa. Também à professora aposentada da UFRGS, Dra. Helga Landgraf Piccolo, pelo profundo conhecimento sobre o bairro Tristeza e sobre os alemães na Zona Sul de Porto Alegre.

A artista plástica Rita Bromberg Brugger pelas bonitas ilustrações sobre a Zona Sul.

E, finalmente, aqueles que gentilmente disponibilizaram seu tempo, possibilitando o resgate das memórias dos bairros analisados, quer pelas entrevistas, quer pelos depoimentos, bem como o empréstimo de documentos sem os quais não seria possível recuperar os contornos de um tempo passado da zona sul de Porto Alegre.

A todos esses, que nos momentos difíceis da pesquisa me incentivaram e ajudaram na superação dos obstáculos, possibilitando à conclusão desse trabalho, expresso o meu profundo reconhecimento. Muito obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1	34
OS PRIMÓRDIOS DA ZONA SUL: DA SESMARIA DE DIONÍSIO RODRIGUES MENDES ÀS CHÁCARAS DE ANTIGOS ESTANCIEIROS	
1.1 DIONÍSIO RODRIGUES MENDES E A SESMARIA DE SÃO GONÇALO.....	34
1.2 JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES TRISTEZA	43
1.3 O PASSO DO CAPIVARA: A GRANDE FAZENDA DE JUCA BATISTA.....	50
1.3.1 A CHÁCARA DO COMENDADOR.....	53
2	58
O VERANEIO DOS ALEMÃES: AS PRIMEIRAS CHÁCARAS	
2.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ: AS ORIGENS DA ELITE E DA INDÚSTRIA GAÚCHA.....	58
2.2 A FAMÍLIA BROMBERG: DA ALEMANHA PARA A ZONA SUL DE PORTO ALEGRE.....	63
2.2.1 O VERANEIO DOS BROMBERG.....	72
2.3 COLONOS ALEMÃES NA ZONA SUL: O EMPREENDEDORISMO DOS DREHER.....	80
2.3.1 A CHÁCARA DOS DREHER E OS JARDINS DA DONA ISABEL	87
2.4 VILA CLOTILDE: A CHÁCARA DA BAILARINA LYA BASTIAN MEYER.....	92
2.5 OS CONDOMÍNIOS FAMILIARES E SEUS CHALÉS DE VERÃO.....	95
3	104
A TRISTEZA E O VERANEIO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
3.1 O TRENZINHO DA TRISTEZA.....	107
3.2 ASSUNÇÃO E CONCEIÇÃO: AS VILAS BALNEÁRIAS.....	116
3.2.1 VILA ASSUNÇÃO: O BALNEÁRIO ARISTOCRÁTICO	117
3.2.2 VILA CONCEIÇÃO E O VERANEIO DE HELGA LANDGRAF PICCOLO	121
3.3 OS HOTÉIS E OS CLUBES DE VERÃO DA TRISTEZA.....	125
3.3.1 O CLUBE VERANISTA JOCOTÓ.....	128
3.3.2 O HOTEL DA PRAIA	135

4 **140**

PEDRA REDONDA: LUGAR DE LAZER, DE REQUINTE E DE DESCANSO

4.1 AS IMAGENS DE VERÃO.....	140
4.2 O BALNEÁRIO DO SR. FUSTER: A FESTA DOS JORNALISTAS.....	148
4.3 OS PABST E O RESTAURANTE FAMILIAR À BEIRA RIO.....	151
4.4 MORRO DO SABIÁ: O MOVIMENTO APROXIMA-SE DE IPANEMA	156

5 **161**

IPANEMA: IMAGINÁRIO LIGADO À CIDADE MARAVILHOSA

5.1 SOCIEDADE DE TERRENOS BALNEÁRIO IPANEMA LTDA	161
5.2 IPANEMA: BAIRRO COM JEITO DE CIDADE DO INTERIOR.....	165
5.3 APOGEU: IPANEMA DESPONTA NO CENÁRIO PORTO-ALEGRENSE	174

CONSIDERAÇÕES FINAIS **180**

REFERÊNCIAS **186**

INTRODUÇÃO

Modernos condomínios, localização privilegiada e uma das regiões mais valorizadas da cidade, assim é a Zona Sul de Porto Alegre. Delimitada geograficamente por morros e arroios, a região abrange, atualmente, os seguintes bairros: Vila Assunção, Tristeza, Camaquã, Nonoai, Teresópolis, Vila Nova, Cavallhada, Sétimo Céu, Jardim Isabel, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Serriaria e Hípica. Com uma orla que encanta o visitante e o morador, os bairros Ipanema e Tristeza, analisados nesta pesquisa, ainda apresentam, nos fins de tarde, o mais bonito pôr-do-sol da cidade.

Contudo, pouco se conhece sobre a história da região que, no passado, foi zona de veraneio daqueles que não podiam se deslocar até o litoral gaúcho – “as praias de mar”. Durante muito tempo, foi o local escolhido para o descanso e o lazer, pois eram as praias da Tristeza e Ipanema, as preferidas pela população. E isso ocasionou um desenvolvimento econômico motivado pela vinda de pessoas, muitas delas oriundas de imigrantes alemães. *“A questão é que em um determinado momento a burguesia urbana porto-alegrense, onde avultavam os alemães, vai querer um lugar de veraneio. O mar era muito longe. A Tristeza tinha até hotéis, cujos donos eram empresários de origem germânica”*¹.

Eram grupos que buscavam o descanso e o lazer à beira do Guaíba e, para isso, mantinham chácaras e confortáveis residências para uso

¹ PICCOLO, Helga Landgraf. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 14 jan. 2013.

familiar. *“Como aconteceu com muitos porto-alegrenses que não resistiram aos atrativos da Zona Sul, adquirindo chácaras na Tristeza, também nós, acabamos comprando uma área de terras, pertencente aos descendentes da família de Oscar Bastian Meyer na Pedra Redonda”*². Essa aquisição ocorreu nos anos de 1920. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro empurrava a população para a Zona Sul, alterando assim a rotina. Fato semelhante aconteceu com a família Silveira, proprietária de terras na encosta do Morro do Sabiá, uma área verde ainda hoje bastante preservada, possuindo belos exemplos de Mata Atlântica. Na década de 1950, desejoso de uma casa para aproveitar os fins de semana, Silveira comprou a chácara de veraneio de Francisco Brochado da Rocha³ que estava à venda. Era uma linda propriedade arborizada à beira rio, perfeita para o descanso e o lazer da família e dos amigos. *“Sendo o atrativo maior, as águas limpas do Guaíba, muitos amigos vinham com a intenção de aproveitar o rio. O Guaíba era balneável e nas suas águas meus filhos mais velhos aprenderam a nadar, recebendo aulas de uma professora de natacão”*⁴.

A existência de um trem municipal e de um trapiche na beira da praia, onde atracavam os vapores, facilitava a chegada dos grupos. *“Muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, na Tristeza e na Pedra Redonda. Elas faziam isto: a mulher e os filhos ficavam toda a semana, e o marido trabalhava na cidade e vinha em um trenzinho que tinha*

² DREHER, Martha Elisabeth. Carta escrita em 1970. [Acervo da Família Dreher adquirido em 2012].

³ Filho do ex-prefeito de Porto Alegre Otávio Rocha, Brochado formou-se advogado, foi político, Secretário de Estado, Ministro da Fazenda e Consultor da República. Era comum na primeira metade do século XX, políticos conhecidos da vida pública do Brasil procurarem as praias da Zona Sul para descanso. Entre eles figuram João Goulart, o Jango e Getúlio Vargas. Os dois ícones da política brasileira ficavam em locais discretos, como a Pedra Redonda e a Vila Conceição, sempre que vinham ao Rio Grande do Sul.

⁴ SILVEIRA, José Schmitt. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 08 jan. 2013.

aqui”⁵. O “Trenzinho” de que fala a depoente pertencia a Estrada de Ferro do Riacho, porque seu final de linha se situava, inicialmente, à beira do Arroio Dilúvio. Era uma linha de trem que percorria, desde o centro de Porto Alegre até a Zona Sul, cerca de quatorze quilômetros. Alguns historiadores, entre eles Sergio da Costa Franco, são unânimes em afirmar que foi devido ao trem que alguns bairros da Zona Sul progrediram. “Conhecido como o Trenzinho da Tristeza, o trem trafegava lentamente, passando por diversos bairros da capital, entre eles, o Menino Deus, o Cristal, a Assunção, A Tristeza, a Vila Conceição e a Pedra Redonda. Faltou pouco para ele chegar até o Balneário Ipanema”⁶.

As denominadas vilas balneárias, entre elas, Assunção, Conceição e Pedra Redonda, que integravam o bairro Tristeza, foram as primeiras a atrair o porto-alegrense na primeira metade do século passado. Além disso, por ser o acesso à praia mais restrito, pois as residências possuíam praia particular, o local abrigava clubes náuticos aonde as pessoas também chegavam por barcos. As finas moradias da Pedra Redonda possuíam também ancoradouros próprios, guarda-barcos e equipamentos para a prática de esportes no rio. “*Meu avô, Waldemar Bromberg, praticava vela e remo no Guaíba, por isso ele era assim bronzado. E nós, a terceira geração, também aproveitamos muito o rio*”⁷.

Tempos mais tarde, e como consequência do crescimento da Tristeza e arredores, seria a vez de Ipanema, a praia vizinha, despontar no cenário do verão. A atração maior ficava por conta das límpidas águas do Guaíba e da grande enseada aberta ao público que favorecia a chegada

⁵ LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

⁶ MACHADO, Janete da Rocha. História da Via Férrea na Zona Sul de Porto Alegre. Oficina do Historiador, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, p. 5, jun. 2010.

⁷ BROMBERG, Lilian Dorothy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

dos banhistas. Quem conta é o professor, historiador e morador do bairro Ipanema desde 1940, Harry Rodrigues Bellomo: *“Eram tão limpas que se podia ver os peixinhos. As pessoas tomavam banho com sabonete. Grupos de esportistas praticavam natação no Guaíba pois, nesse tempo, as águas do rio ainda eram boas, livres dos despejos cloacais, e o Arroio Capivara ainda não poluía a nossa praia”*⁸.

Maria de Lourdes Mastroberti, frequentadora assídua de Ipanema, aproveitava os domingos de calor e sol à beira do rio, fazendo piqueniques com as amigas. *“Com dia bonito, a gente ia para aproveitar a praia. No fim de semana, no domingo. Saía bem cedinho e voltava à tarde. E tinha aquelas famosas barraquinhas – entrava nelas, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô na praia”*⁹.

Com o advento das primeiras estradas asfaltadas, surgem os loteamentos, crescendo a procura por terrenos à beira do lago. O acesso direto por ônibus e a existência de praia pública, diferente das outras praias, permitiu que Ipanema fosse procurada por uma classe mais popular. A compra dos lotes foi feita por grupos da classe média, entre eles, profissionais liberais e funcionários públicos, os quais compraram seus terrenos e construíram confortáveis chalés. *“Eram casas de madeira, próprias de verão, mais simples”*¹⁰.

Com um projeto urbanístico moderno, idealizado pelo engenheiro Oswaldo Coufal, surgiu nos anos 1930, uma praia no estilo de Copacabana, no Rio de Janeiro. O projeto previa ruas largas, calçadas e arborizadas, amplas avenidas e a promessa de se transformar na mais

⁸ BELLOMO, Harry R. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 05 dez. 2008.

⁹ MASTROBERTI, Maria de Lourdes. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 15 jan. 2010.

¹⁰ FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

agradável estação de veraneio da população. Anúncios publicitários em jornais da época divulgavam a venda dos terrenos: “Balneário Ipanema: terrenos na praia em prestações – sem juros – ruas calçadas e arborizadas e água canalizada. Auto-bonde à porta com magnífica praia de areia”¹¹. O nome Ipanema foi uma homenagem do loteador à conhecida praia carioca, local em que Oswaldo Coufal costumava passar férias.

Assim, abordando questões urbanísticas e culturais, esse livro, que é fruto da pesquisa de Mestrado desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, entre os anos de 2010 e 2014, com orientação da professora e historiadora Dra. Claudia Musa Fay, analisou a forma como ocorreu o desenvolvimento de parte da Zona Sul de Porto Alegre, a partir do hábito do veraneio na primeira metade do século XX de alguns grupos. Esse trabalho permitiu também, por meio desse recorte, um estudo sobre o processo de urbanização de Ipanema e Tristeza, bairros margeados pelo lago Guaíba¹².

A pesquisa, igualmente, reportou à questão da socialização dos grupos, a partir do convívio entre moradores e veranistas, em um determinado período do ano. E isso foi criando espaços públicos e privados, destinados ao veraneio e ao descanso. Surge, nesse período, em Porto Alegre, a necessidade de lazer que Dumazedier¹³ vai chamar de

¹¹ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931. p. 15.

¹² Guaíba: rio ou lago? Em 1820, quando Saint-Hilaire avistou o Guaíba, não teve dúvidas em anotar em seu diário que se tratava de um lago. Os moradores da época chamavam-no de Lago de Viamão, denominação existente desde o século XVIII. O Guaíba é um lago, pois: Os rios que nele desembocam formam um delta. Esse tipo de depósito sedimentar ocorre quando um volume de água confinado por canais encontra-se com um grande corpo de água; Cerca de 85% da água do Guaíba fica retida no reservatório por um grande período de tempo; O escoamento da água é bidimensional, formando áreas com velocidades diferenciadas, típico de um lago; Os depósitos sedimentares das margens possuem geometria e estrutura características de sistema lacustre; A vegetação da margem é de matas de restinga, identificadoras de cordões arenosos lacustres ou oceânicos (MENEGAT Rualdo. Atlas Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998, p. 37).

¹³ DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 25.

“a dinâmica produtiva do lazer”, ou seja, o progresso científico e técnico leva ao aumento do tempo livre, bem como as mudanças socioculturais conduzem a uma regressão dos controles institucionais e à emergência de um novo desafio social do indivíduo de dispor de si próprio. Dumazedier define o lazer como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade para repousar ou para divertir-se. Para esse sociólogo francês, o lazer é primordialmente liberação do trabalho profissional que a empresa impõe. Para a criança, é liberação do trabalho imposto pela escola. O lazer é liberação das obrigações fundamentais primárias impostas pelos demais organismos básicos da sociedade: instituição familiar, instituição sócio-políticas, sócio espirituais.

Para entender como procede a questão do lazer nas sociedades ocidentais, torna-se necessário compreender as formas pelas quais os homens viveram seus múltiplos tempos, em especial o tempo do trabalho e o do não-trabalho. O tempo do não-trabalho seria o tempo livre, no qual o tempo do lazer estaria inserido. Assim, Dumazedier vai entender o lazer como um fenômeno que surge num período específico da história da humanidade. A partir, então, da Segunda Revolução Industrial (século XIX), com a automação dos processos produtivos, ocorre uma diminuição da carga horária de trabalho, ocasionando um tempo livre maior para os grupos desfrutarem do lazer e do descanso. E esta liberação maior do trabalho está relacionada aos progressos técnicos ocorridos ao longo dos anos, pois “todos associaram o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual dos trabalhadores e ao aumento de sua participação nos negócios da cidade”¹⁴.

¹⁴ Ibidem, p. 20.

Conforme o autor, o lazer não é ociosidade, pois ele não suprime o trabalho. Os momentos de descanso usufruídos pelo homem correspondem a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana ou do ano com as férias. Na análise de Dumazedier, o direito do lazer foi, historicamente, reivindicado pelos grupos ao longo dos tempos: “o direito à preguiça é o grito de um homem erguido contra a redução do trabalhador ao papel de produtor”¹⁵. Desta forma, entende-se que o lazer empreendido pelos porto-alegrenses nas primeiras décadas do século vinte vai estar associado a permanências em lugares aprazíveis como as praias. E era isso que buscavam as famílias quando se dirigiam aos balneários do Guaíba: lazer à beira rio.

Para Joana Schossler, a mudança de ares, a ida ao campo, por exemplo, deram origem à vilegiatura, prática que consistia na ida até um local previamente determinado durante apazada temporada, que na Europa dividia-se entre estação mundana (inverno e primavera) e a vilegiatura (verão e parte do outono)¹⁶. Para essa autora ocorria também a ampliação dos laços de sociabilidade, prestígio e poder entre os grupos que compartilhavam o mesmo espaço social, ou seja, as praias. Segundo Schossler, “a vilegiatura marítima como forma de sociabilidade foi rapidamente incorporada como processo de imitação pela burguesia manufatureira ou comerciante, que passou a frequentar as estações balneares em função de ritmos ou hábitos intensificados a partir do século XIX”¹⁷.

¹⁵ DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 21.

¹⁶ SCHOSSLER, Joana. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 20.

¹⁷ Ibidem, p. 23.

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes da burguesia ascendente. Segundo Nicolau Sevcenko, os grupos buscam, a partir do início do século XX, uma estação de cura e recreio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se tornando impulsionadores do turismo, fortalecido pelo governo. Nos anos 1930, Vargas institui o direito geral ao repouso anual. Assim, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir de um tempo maior de lazer. “A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos vizinhos, das hierarquias profissionais, dos papéis sociais e das reservas de conduta”¹⁸.

Em Porto Alegre, a ascensão social de algumas famílias, aliada às novas práticas de lazer, permitiu, ao longo da primeira metade do século XX, não só o uso de férias em lugares aprazíveis, como também o sonho de uma confortável casa de veraneio à beira rio – um espaço de sociabilidades. Os grupos buscavam recreação proporcionada pelo Guaíba e pela região, como andar a cavalo, caçar, pescar, velejar e tomar banhos no rio. Os encontros de famílias também serviam para compor as relações sociais e de negócios na região. Alguns balneários funcionaram como espaços de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade da época. Por conta dessa elite, ora residente, ora sazonal, o sucesso de algumas praias esteve associado sempre aos incrementos ocorridos no local.

A venda de terrenos à beira do lago, a construção de lindas viviendas, o embelezamento dos balneários, a administração de hotéis e restaurantes, bem como a melhoria nos meios de transportes se deu por

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3. P. 563.

grupos de empreendedores¹⁹ sagazes que souberam ampliar suas fortunas durante os anos vindouros do veraneio. Sobrenomes como Bier, Daudt, Bercht, Mentz, Dreher, Bromberg, Bins, Ely, Niemeyer, entre outros, são lembrados, na Zona Sul, pelas suas magníficas chácaras de verão à beira do Guaíba. *“Meu marido, através de seus negócios, era muito bem relacionado. Nossa chácara na Pedra Redonda vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres lembro Getúlio Vargas e da Darcy, o Dr. João Neves da Fontoura, o Daniel Krieger, o Osvaldo Vergara, entre outros”*²⁰.

De outra forma, a pesquisa revelou também questões como o aproveitamento das águas do lago para banhos e para o descanso da população em temporadas de calor e férias, ocasionando um crescimento urbano dessa parte da cidade. Assim, é fato que o processo de formação e desenvolvimento de alguns bairros da Zona Sul da cidade esteve diretamente relacionado à procura dos balneários pelos porto-alegrenses. E esse deslocamento até as praias do Guaíba foi consequência, na época, não somente do crescimento da população e da procura por lazer, como também pela dificuldade que era viajar até o litoral gaúcho. As longas distâncias e a precariedade das estradas dificultavam o veraneio nas “praias de mar”. Para se chegar a Torres ou Tramandaí era preciso, pelo menos, um dia de viagem, atravessando lagoas, matos e enfrentando dificuldades diversas. E esses fatos se comprovam com os

¹⁹No século XVII, surgem as primeiras relações entre assumir riscos e empreendedorismo, onde empreendedores estabeleciam acordos com governos para a realização de serviço ou fornecimentos de produtos, arcando com o lucro ou prejuízo. Porém, foi no final do século XVII e início do XVIII que o termo passou a ser utilizado para se referir àquele que criava e conduzia empreendimentos. Ainda no final do século XIX e início do século XX, empreendedores eram confundidos com administradores, pois eram identificados apenas pelo ponto de vista econômico. Foi somente no século XX que ao termo empreendedorismo foi associada a ideia de inovação. FAY, Claudia Musa. SCHEMES, Claudia. PRODANOV, Cleber. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. Revista História Econômica & História de Empresas. XIII. 1 (2010), 157-186.

²⁰DREHER, Martha Elisabeth. Carta deixada em 1970. [Acervo da Família Dreher].

estudos de Schossler, a qual afirma: “somente em meados da década de 1930, com os investimentos públicos na urbanização e infraestrutura dos balneários que o acesso às praias de mar tornou-se mais acessível”²¹.

A partir da busca de novos fatos para compor a história do veraneio e da urbanização da Zona Sul, a pesquisa deparou-se com um conjunto de memórias construídas por moradores, resultado de vivências do passado e de lembranças reconfiguradas no presente. A história oral se constitui em fontes obtidas a partir da realização de entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado e do presente. Durante alguns anos, foram feitas entrevistas com famílias, outrora veranistas dos balneários analisados²². É importante salientar que a maioria dos depoentes são grupos com idades que variam entre 60 e 90 anos, porém todos em perfeitas condições intelectuais.

Para Ecléa Bosi, estudiosa da memória e das lembranças dos mais velhos, “há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar”²³. Para a autora, “os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”²⁴. Eles são os guardiões do passado e a

²¹ SCHOSSLER, Joana. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 7.

²² Todas as entrevistas gravadas estão disponíveis para consulta no LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL DA PUC/RS (LAPHO). Disponível em: <<http://www.lapho.com.br/>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

²³ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 63.

²⁴ Ibidem, p. 18.

eles é dada a função social de lembrar e aconselhar, pois para esses grupos, a lembrança é a sobrevivência do passado, o qual se conserva no espírito de cada ser humano, aflorando a consciência na forma de imagens e de lembranças. Ecléa salienta ainda a importância da convivência dos velhos com os mais jovens e adultos num processo pleno de aculturação: “O reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito²⁵.”

Assim, a pesquisa avançou a partir dos dados obtidos com a história oral. Para Paul Thompson²⁶, a importância de uma entrevista para a história é que ela é um testemunho e, como tal contém afirmações que podem ser avaliadas, podendo fornecer informações tão válidas quanto as que provêm de outra fonte. São testemunhos que, de certa forma, foram excluídos ou colocados no anonimato sem direito à memória. A oralidade na história do veraneio da Zona Sul serviu para construir a narrativa.

Segundo Jacques Le Goff, há especialistas na memória que o autor identifica como os “homens-memória”²⁷. Para Le Goff, os homens-memória podiam ser os guardiões dos códices reais, historiadores da corte, tradicionalistas, chefes de família idosos ou sacerdotes, mas todos com um importantíssimo papel de manter a coesão do grupo, pois ele será o indivíduo que vai lembrar mais do que os outros. E essa memória só foi possível a partir dos dados coletados e documentados pela pesquisadora

²⁵ Idem, p. 74.

²⁶ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

²⁷ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 429.

ao longo dos anos em que o estudo se desenvolveu. Dessa forma, priorizou-se, ao longo do trabalho, a coleta e o registro dos depoimentos²⁸, bem como de materiais, os quais acrescentaram fatos inéditos ao conhecimento sociocultural da cidade. O contato com acervos familiares, até então desconhecidos, trouxe à luz, fatos novos ao trabalho, os quais permitiram a análise de novas representações acerca do veraneio vivido naqueles tempos.

Após delimitar o tema histórico, “O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre”, procurou-se responder às seguintes questões específicas: como e em que momento surge a ideia de veranear nas águas do Guaíba? Quais as condições que levaram esses locais a se tornarem balneários conhecidos e procurados pela população? Quais eram os grupos interessados e por que escolheram a Zona Sul como local de lazer? E, por fim, como representantes de um segmento específico da sociedade, entre eles uma elite proveniente de imigrantes alemães compreendeu e interpretou por meio dos relatos orais a construção do veraneio?

Desta forma, partindo da convicção de que é explícita a relação da recuperação da memória da região e seu desenvolvimento turístico e econômico, é inegável a importância que se deve dar ao resgate da história do lugar. Assim, considerando a história, um dos elementos mais importantes neste processo, optou-se, nesse trabalho, por traçar um estudo com os seguintes objetivos: identificar os primórdios da região nos séculos XVIII e XIX, com a implantação do regime de sesmarias no

²⁸ Mais que os livros, filmes e programas de televisão mostram, há um forte interesse popular pelas memórias históricas. Esse interesse cada vez maior provavelmente é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos (BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 88).

estado e a transformação de uma dessas glebas em fazendas à beira do lago; analisar o processo de imigração alemã, inicialmente no bairro Tristeza e, posteriormente, nas regiões vizinhas, impulsionando o veraneio na região; indicar o surgimento e a ascensão de famílias burguesas nos bairros analisados e sua relação com a implantação dos primeiros loteamentos e jardins residenciais, culminando com o desenvolvimento urbanístico de Zona Sul; e, por fim, apontar de que forma os bairros analisados surgem como espaços de identidade urbana, de contato dos moradores com o rio e como lugar de lazer, de banho e de veraneio no século passado.

Há que se considerar, ainda, que outra forma de se recuperar e preservar a história de um local é por meio dos lugares de memória. É a construção da memória das famílias, consolidada, neste caso, por pessoas ilustres, que, de alguma forma, foram importantes na configuração da cidade. A história do veraneio na Zona Sul possui alguns desses exemplos em nomes de ruas, de instituições e até em nome de bairros. Conforme informa Gay da Fonseca: *“Hoje minha mãe é rua, é colégio, é instituto. No bairro Ipanema ela foi homenageada com seu nome para a escola estadual Odila Gay da Fonseca. Foi uma homenagem justa que o governo prestou a ela”*²⁹.

Para Maria Cristina Dreher Mansur, se justifica a homenagem a sua avó, pioneira na Pedra Redonda: *“O nome do bairro Jardim Isabel foi homenagem a minha avó Martha Elisabeth, pois todos a conheciam por Dona Isabel”*³⁰. Fonseca relembra também a homenagem feita a Déa Coufal, esposa do loteador do bairro: *“A Déa Coufal foi amiga da minha*

²⁹ Fernando Gay da Fonseca relembando as realizações de sua mãe, Odila, moradora do bairro Ipanema (FONSECA, Fernando Affonso Gay. Retratos. Canoas: Editora da ULBRA, 2003, p. 132-133).

³⁰ DREHER, Maria Cristina Mansur. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 10 set. 2012.

mãe. Elas percorriam isso tudo aqui fazendo um trabalho de assistência aos necessitados. O nome da rua é em homenagem a ela” ³¹. Observa-se nesse gesto uma forma de tentar preservar a memória de um lugar e de um tempo perdido no passado. Conforme Nora: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, e que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, porque essas operações não são naturais, sem vigilância comemorativa, a história de-pressa os varreria” ³².

Além dessas memórias, a pesquisa está sedimentada em uma documentação textual e visual, as quais possibilitaram uma ampla reconstituição do período estudado. Informações foram coletadas em diferentes arquivos públicos, entre eles, o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho, cujo acervo contempla história, geografia e legislação sobre a cidade. O local reúne e preserva aproximadamente um milhão de documentos datados a partir do século XVIII, os quais registram a formação de Porto Alegre. São jornais, mapas, plantas e cartas que expõem a política das administrações municipais. Neste local, também foram colhidas informações contidas nos periódicos da Revista do Globo, a qual, por meio de reportagens e anúncios, trazia, em suas páginas, cenas dos balneários analisados. Matérias ilustradas eram publicadas nesta revista elogiando as belezas da região e divulgando os elegantes “points” recém-criados na orla balneária da cidade.

³¹ FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

³² A história de um povo também pode ser contada através dos nomes das ruas das suas cidades. Os endereços que escrevemos em documentos, formulários, remetentes e destinatários de correspondência, retratam características de um território, sinalizam acontecimentos marcantes e, em muitos casos, são nomes de pessoas, cujas histórias de vida a grande maioria dos cidadãos desconhece. É, sobretudo, entendida como uma forma de homenagear *post mortem*, aqueles que se destacaram em vida (NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUCRS, 1993, p. 13).

Outro local utilizado foi o Museu Histórico Joaquim José Felizardo. O prédio abriga três importantes acervos sobre a história de Porto Alegre: o histórico, o fotográfico e o arqueológico. No acervo fotográfico e digitalizado da Fototeca Sioma Breitman foi possível recuperar imagens antigas e inéditas sobre os bairros analisados. As fotografias desse acervo permitiram, por meio de um “dar a ver a cidade”, um novo olhar sobre parte da história de Porto Alegre. São imagens que interagem, possibilitando uma análise mais completa acerca de hábitos de vilegiatura vividos às margens do Guaíba. A prática de banhos na Zona Sul possui registros fotográficos valiosos que remontam aos anos de 1900, na virada do século.

E, por fim, a busca por documentos escritos aconteceu no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, cuja coleção se compõe de áreas da comunicação. O acervo pertence às áreas da imprensa, as quais tratam da imprensa escrita e da publicidade. Nestes locais, foram analisadas várias reportagens de jornais dos anos 1930, entre eles periódicos do Correio do Povo. A venda de terrenos nos loteamentos recém-criados exigiu a divulgação nos jornais de grande circulação na época. Os anúncios, além de retratar as paisagens e os encantos da região, ofereciam vantagens no financiamento e a promessa de uma rápida valorização dos lotes. Assim, a diversificação das fontes por meio da documentação como jornais, revistas ilustradas, diários, depoimentos, mapas, fotografias, projetos urbanísticos e acervos particulares, entre outros, permitiu também a produção de novos questionamentos e de novas visões. Assim, com uma proposta de estudo que procurou problematizar o passado, a pesquisa partiu da primeira sesmaria doada

ainda no século XVIII e se encerrou no final da década de 1950 com a configuração dos bairros pela lei 2022 de sete de dezembro de 1959³³.

A historiadora Hilda Flores em seus estudos sobre a Zona Sul e o bairro Tristeza³⁴, vai dividir o desenvolvimento da região em quatro momentos distintos. O primeiro se daria com a fase da sesmaria (século XVIII), o segundo momento seria o da colonização (século XIX), o terceiro, a fase balneária (1900 a 1930) e o último, o período de urbanização da região (1930 aos nossos dias). Assim, os dois últimos períodos, identificados pela historiadora Hilda, serão analisados nesta pesquisa, uma vez que se referem ao veraneio e à urbanização na região. Observa-se, naquele momento, identificado por Flores como da conurbação, uma mudança de cenário, indicando que a Zona Sul deixava para trás seu aspecto mais rural para ingressar numa era de crescimento. Na realidade, toda a paisagem citadina de Porto Alegre passava por uma significativa transformação, como por exemplo, a remodelação na orla do Guaíba.

Estruturada, a partir da delimitação temporal, a obra foi dividida da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado “Os primórdios da Zona Sul: da sesmaria às chácaras de antigos estancieiros” abordou as histórias do primeiro povoador da região, o sesmeiro Dionísio Rodrigues Mendes e de seus descendentes, entre eles André Bernardes Rangel e José Guimarães Tristeza. As terras de Dionísio estendiam-se desde o arroio da Cavallhada (atual bairro Cristal) até o do Salso (atual bairro Ponta Grossa), abrangendo toda a zona balneária sul de Porto Alegre. A sede da fazenda, também conhecida por São Gonçalo, ficava em Belém

³³ Como vereador, Ary da Veiga Sanhudo apresentou à Câmara Municipal o primeiro projeto de lei que regulamentou os limites e os nomes dos bairros de Porto Alegre. Autor de “Porto Alegre, crônicas de minha cidade”, editado em dois volumes (1961 e 1975).

³⁴ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979.

Velho, onde o sesmeiro vivia com sua família e agregados, desenvolvendo a lavoura e a criação de alguns animais. Foi Dionísio Rodrigues Mendes, portanto, o primeiro proprietário das terras as quais originariam, posteriormente, os bairros analisados.

O segundo capítulo desvendou a história das primeiras chácaras e das finas residências de veraneio, surgidas a partir da grande sesmaria de Dionísio. Algumas delas de propriedade de alemães, resultado da divisão das fazendas dos antigos estancieiros – herdeiros, portanto, de Dionísio. A Zona Sul de Porto Alegre configurou-se, no início do século XX, em poucos vilarejos e algumas chácaras situadas à beira do lago. É desse período o surgimento das primeiras famílias burguesas na região. Descendentes de imigrantes alemães, elas aproveitaram o local não só para o lazer e o descanso, como também para os negócios - oportunidades que floresciam apoiadas no desenvolvimento da economia da colônia alemã. Sandra J. Pesavento vai afirmar que eram grupos vinculados ao circuito de acumulação de capital comercial, o qual resultou na formação dos primeiros complexos industriais do Estado. “Esta liderança empresarial, com origens sociais marcadas pela influência imigrante e pela presença do capital mercantil, constituiu-se basicamente de grupos familiares, entrelaçados entre si por casamentos; a partir da primeira década do século XX”³⁵.

É pertinente citar que entre essas famílias burguesas que veraneavam na Zona Sul, a pesquisa identificou e analisou alguns grupos. Entre eles, os Bromberg, empresa familiar empreendedora no ramo de exportação e importação de maquinário para as primeiras indústrias gaúchas.

³⁵ PESAVENTO, Sandra J. A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 20.

A Bromberg S/A ficou conhecida como uma das maiores distribuidoras de maquinário alemão na América do Sul. Outra família de empreendedores analisada foram os Dreher. Pioneira também no ramo de importação e exportação de produtos alimentícios, esta foi igualmente precursora na navegação fluvial, cujas embarcações faziam, regularmente, as linhas Porto Alegre-Palmares e Porto Alegre-Tapes. Alguns vapores mais conhecidos (Montenegro, Camaquã, Gustavo e Palmares) pertenciam à “Navegação Dreher & Cia”. Os Dreher possuíam ainda um grande armazém de Secos & Molhados no centro de Porto Alegre. O estabelecimento possuía trapiche próprio na beira do Guaíba para a chegada dos navios e das mercadorias.

Também compõem esse grupo a família Meyer, cuja residência situada na chácara no Morro do Sabiá, ainda hoje é referência arquitetônica no bairro. A “Vila Clotilde” - homenagem a três gerações de mulheres da família, entre elas a bailarina clássica Lya, foi erguida nos anos de 1920 por Oscar Bastian Meyer, um rico proprietário de imóveis e lojas no centro de Porto Alegre. Tempos mais tarde, outras famílias e outras residências de verão marcariam o cenário da Zona Sul. A Morada da Felicidade, de propriedade da família Schmitt, e a Vila Nina, residência de verão dos Luce e dos Bins, são exemplos de condomínios familiares confortáveis, à beira do Guaíba, os quais remetem aos áureos tempos de verão vividos na região e que foram analisados na presente pesquisa.

Com o título “A Tristeza e o veraneio na primeira metade do século XX”, o terceiro capítulo priorizou a história do lazer e do veraneio nas vilas balneárias do bairro Tristeza. A procura pelas praias da Conceição e Assunção e, principalmente, da Pedra Redonda, nos primeiros anos do

século XX, intensificada por melhorias urbanísticas implantadas, possibilitou o desenvolvimento de bairros como Ipanema e Tristeza. Nesses locais, desenvolveu-se uma infraestrutura voltada ao turismo e ao lazer, com a construção de hotéis, restaurantes, clubes e a melhoria nos meios de transporte. A linha do trem, também conhecida por Estrada de Ferro do Riacho, a qual transportava os veranistas do centro até a Zona Sul foi a responsável pelo desenvolvimento da Tristeza e arredores. Da mesma forma, intensificou-se a utilização do lago por meio do transporte fluvial. Vapores como o Guaporé, o Bubi e o Santa Cruz traziam, pelo Guaíba, famílias até a Pedra Redonda. A construção de trapiches pela Intendência Municipal facilitou a chegada desses grupos que vinham em busca de lazer e diversão à beira do Guaíba.

O quarto capítulo traz as histórias da Pedra Redonda identificada na pesquisa como lugar de lazer, de requinte e de descanso. Nas primeiras décadas do século XX, o local conhecido por “Praia Nova”, acolhia visitantes atraídos pelos belos cenários da Zona Sul. A partir da análise de algumas fotografias disponíveis no acervo da Fototeca Sioma Breitman do Museu Joaquim José Felizardo, foi possível identificar esses cenários típicos de praia. Os registros fotográficos são suportes materiais na construção do conhecimento, uma vez que se transformam em um rico acervo, recompondo, assim, parte da história de um lugar. A investigação buscou entender também como eram os costumes da época, tais como: a prática de banho no lago Guaíba, o lazer das famílias porto-alegrenses e, principalmente, os períodos de férias de grupos que não podiam se deslocar até o litoral gaúcho.

As novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos tornaram alguns balneários da

Zona Sul, locais de encontros e de entretenimento. Com direito a hotéis, restaurantes e cassinos, as praias desenvolveram-se, adquirindo boa infraestrutura para receber o turista. Salienta-se que o requinte esteve sempre associado aos usos do local, pois era frequente a presença de uma burguesia, a qual utilizava o lago para tecer relações sociais e políticas. É desse período a procura por terrenos e residências à beira do lago, desenvolvendo assim, além da economia local, um espaço de sociabilidades, os quais serviam para o prestígio e o poder dos grupos. A praia funcionava, desta forma, como um espaço de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade portoalessense da época. Paulatinamente, a grande enseada foi se transformando em um espaço de identidade urbana e de contato dos moradores com o Guaíba.

Finalizando o estudo, o quinto capítulo identificou o empreendedorismo de Oswaldo Coufal e de seus sócios na criação do Balneário Ipanema – um loteamento planejado e consolidado nos anos 1930, direcionado para uma classe média. Utilizando-se de um suposto imaginário ligado à Cidade Maravilhosa no Rio de Janeiro, e com ampla divulgação nos jornais da época, o loteador denominou as ruas e ao balneário com a mesma nomenclatura daqueles locais cariocas. Coufal tencionava transformar Ipanema em um ponto turístico da capital. O nome Ipanema foi uma homenagem à Copacabana, conhecida praia carioca, local em que costumava passar férias. Com um plano de urbanização que incluía a igreja, as praças e a orla, a remodelação ficou sob responsabilidade de Ubatuba de Faria, conhecido engenheiro e projetista da época. Seguindo todas as normas estéticas de um moderno urbanismo e baseado no conceito de “Cidade-Jardim”, o projeto do novo

balneário traçou ruas, praças e definiu lotes os quais obedeciam a um planejamento moderno e arrojado.

Assim, considerando-se todos esses aspectos, a história dos primórdios da Zona Sul de Porto Alegre, bem como de seu veraneio nas praias do Guaíba, remetem a um tempo de mais de duzentos anos, o que atesta uma história de longa duração³⁶, a qual merece ser divulgada e, principalmente, preservada. Conforme Sérgio da Costa Franco, “uma cidade só existe, torna-se palpável, adquire densidade humana e espiritual, quando é capaz de resgatar de maneira permanente o seu passado. Sem passado não há história, sem história perde-se a identidade e o futuro”³⁷. A história de uma cidade é um verdadeiro legado para as futuras gerações. Importante resgate não só para a comunidade local, como também para os historiadores. Uma peça que se soma a outra, formando assim um mosaico que constitui a história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

³⁶ Segundo Fernand Braudel, a história situa-se em três escalões, uma história dos acontecimentos que se insere no tempo curto (concepção positivista); a meia encosta, uma história conjuntural, que segue um ritmo mais lento, em profundidade, uma história estrutural de longa duração, que põe em causa os séculos (BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Publicações Europa-América. F. Braudel: *Os tempos da história*, 1990, p. 131).

³⁷ FRANCO, Sergio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 5.

1

OS PRIMÓRDIOS DA ZONA SUL: DA SESMARIA DE DIONÍSIO RODRIGUES MENDES ÀS CHÁCARAS DE ANTIGOS ESTANCIEIROS

1.1 DIONÍSIO RODRIGUES MENDES E A SESMARIA DE SÃO GONÇALO

No início do século XIX, as terras onde hoje está a Zona Sul de Porto Alegre faziam parte de uma imensa zona rural da cidade. Originária da primeira sesmaria doada ainda no século XVIII, o local se configurou em grandes extensões de terras, em cujas fazendas se cultivavam arroz, milho, aipim e frutas, além da criação de gado leiteiro. Isso só era possível devido à irrigação pelos arroios Capivara, Cavalhada e Salso, os quais proporcionavam fertilidade à região e, portanto, condições favoráveis para a agricultura e pecuária. Eram os limites dessas terras produtivas e apresentavam águas límpidas e cristalinas, perfeitas para o uso. Assim como eram limpas também as águas do rio, o que motivou, tempos mais tarde, o uso da região para o lazer e o veraneio.

As praias de mar eram ainda de difícil acesso, pela precariedade de vias e meios de locomoção. Veraneiar em Torres nas primeiras décadas do século significava uma viagem de não menos de uma semana, em que toda a sorte de meios de condução eram empregados (...). As demais praias nem existiam. Por isso havia praticamente duas opções para veraneio das famílias porto-alegrenses: Canoas, com vastas chácaras de figueiras frondosas, acessível por ferrovia com desembarque na estação local, ou por rodovia precária; e a zona sul, mais próxima e onde amenas praias e o encanto da beleza natural cativavam o visitante³⁸.

³⁸ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 57.

Francisco Riopardense de Macedo, em seus estudos sobre as origens de Porto Alegre, define o desenvolvimento da cidade a partir das áreas vocacionais e o surgimento dos bairros decorrente de uma ordem geográfica, influenciando na ocupação do solo porto-alegrense:

A linha de elevações, Morro do Osso, tem sido através destes dois séculos, a barreira que impede a urbanização para o lado sul, constituindo verdadeiro divisor dos três setores da população. O primário ocupando o lado meridional e os secundários e terciários estabelecendo-se no norte, com derrame pelas margens do Guaíba³⁹.

Conforme Macedo, os acidentes geográficos, como os morros da Zona Sul, definiram a ocupação e o desenvolvimento econômico da região, ficando o setor primário, agricultura e pecuária, ao sul da cidade. Por isso, a demora no povoamento e no desenvolvimento desses bairros se comparados com os demais da cidade. Daí a origem da primeira atividade econômica nas terras onde hoje se situa a Zona Sul de Porto Alegre: o cultivo de alguns produtos agrícolas e a criação de gado.

Ao sul da linha de elevação Morro do Osso, pelo tipo de ocupação do sítio, nenhuma nucleação de importância ali surgiu e pela barreira topográfica (linha de elevações citada), aquela área foi aproveitada para pequena agricultura e pecuária de pouca importância⁴⁰.

Durante muitos anos prevaleceu, na Zona Sul da cidade, uma economia voltada para as atividades primárias.

Tais lugares, pois, só começam a suplantam suas condições de isolamento em decorrência de suas atividades turísticas. Antes disso, no entanto,

³⁹ MACEDO, Francisco R. Porto Alegre, história e vida da cidade. Porto Alegre: UFRGS, 1973, p. 223.

⁴⁰ MACEDO, Francisco R. Porto Alegre, história e vida da cidade. Porto Alegre: UFRGS, 1973, p. 223.

fundamentalmente se caracterizavam como fornecedores de produtos hortifrutigranjeiros e de animais de pequeno porte⁴¹.

Para Walter Spalding, o Rio Grande do Sul era o grande celeiro da América do Sul em gado bovino, e isso representava a maior riqueza da época, atraindo um grande número de tropeiros. “Esse gado bovino, introduzido pelos jesuítas, particularmente pelo padre Cristóvão de Mendoza Orellano, em 1634, era, na realidade orelhano, isto é, sem dono”⁴². Assim, ocupando as terras com tropas de gado e ranchos organizados, os grupos iam ficando e se estabelnoiteecendo em terras sob litígio das duas coroas. Na realidade, desde o Tratado de Tordesilhas em 1494, o território gaúcho estava sob domínio espanhol. Contudo, devido ao pouco interesse das coroas pela região, alguns desbravadores portugueses começaram a chegar e se estabelecer, pois era o caminho a ser percorrido para abastecer a Colônia de Sacramento, uma vila portuguesa.

No século XVIII, a Província de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, sofreu sua primeira divisão, originando as sesmarias. A grande abundância de gado, requerendo grande extensão de campo para criá-los justificava as concessões de terras aos primeiros sesmeiros. Portugal, pensando em ocupar a região, alvo de disputas entre lusos e castelhanos, resolveu conceder as terras a quem estivesse ocupando-as por um período superior a cinco anos e que possuísse casa, criação, plantação e que requeresse a carta de doação. Também deveriam dispor de mão-de-obra para o trabalho, como agregados, escravos ou índios. O sistema de posse utilizado por Portugal em todas as suas colônias, incluindo o Brasil, consistia em dividir a terra em lotes e distribuí-los a particulares.

⁴¹ FERNANDEZ, Érico Pinheiro. Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 260.

⁴² SPALDING, Walter. Pequena história de Porto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967, p. 167.

Para Moacyr Flores, “a sesmaria era uma área de terra devoluta, com mais ou menos três léguas de comprimento por uma de largura, ou 18 km por 6 km de largura” ⁴³. No Rio Grande do Sul, o regime de glebas teve início no século XVIII e tinha por objetivo a política expansionista portuguesa, a qual pretendia estabelecer uma ligação terrestre permanente com a Colônia de Sacramento e ocupar as terras que por direito pertenciam à Espanha. Inicialmente, esses lotes de terras eram concedidos aos tropeiros que se deslocavam pelo estado em busca do gado selvagem. Mais tarde, elas foram oferecidas aos militares como uma forma de recompensa pelos serviços prestados à Coroa, e logo após eram dadas àqueles que possuísem, além do interesse de ocupar a região, recursos suficientes para manter tal assentamento.

Conforme Guilhermino Cesar, “as sesmarias concedidas multiplicavam-se assombrosa e desordenadamente, a capitania foi retalhada em propriedades extensas” ⁴⁴. Nos campos de Viamão se instalaram os primeiros sesmeiros, e a vida começava a organizar-se em torno das estâncias, símbolo do gaúcho e do estado. Eram grandes concentrações de terras nas mãos de poucos formando uma aristocracia pastoril, a qual tinha por objetivo, o desenvolvimento da agricultura, da pecuária, a povoação e a defesa do território. Nos últimos decênios do século XVIII, e ainda no início do seguinte, a regra geral era o latifúndio, por força do qual se modelou o patriciado gaúcho, matriz dos chefes de clãs rurais. E será a partir desse patriciado existente no Estado que sairão os futuros dirigentes, homens de prestígio que terão projeção política no período da Revolução Farroupilha.

⁴³ FLORES, Moacyr. Origem e fundação de Porto Alegre. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13.

⁴⁴ CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul: período colonial. POA: Martins Livreiro, 2002, p. 207.

Na região que corresponde atualmente à cidade de Porto Alegre foram doadas três sesmarias: a Jerônimo de Ornellas, a Sebastião Francisco Chaves e a Dionísio Rodrigues Mendes. É importante que se diga que foi na Estância de Sant'Ana, de Jerônimo de Ornellas, que começou, efetivamente, a capital dos gaúchos. Compreendendo os atuais bairros do Centro, Cidade Baixa, Bom Fim, Floresta, Navegantes, Independência e Moinhos de Vento, as terras de Jerônimo de Ornellas foi o local onde teve início o primeiro núcleo a partir de uma pequena povoação. A sesmaria de Sebastião Francisco Chaves ficava ao sul das terras de Jerônimo de Ornellas, limites com o Arroio Dilúvio. As terras desse sesmeiro abrangiam os atuais bairros Teresópolis, Santa Teresa, Cristal, Partenon, Azenha, Menino Deus, Santana, Medianeira, Glória e Praia de Belas. E por fim, a sesmaria que coube a Dionísio Rodrigues Mendes, foi a que mais lentamente de desenvolveu. Limítrofes com a sesmaria de Sebastião Chaves, as terras de Dionísio compreendiam os atuais bairros da Zona Sul da cidade.

Na primeira divisão territorial de Porto Alegre, foram feitas três fazendas. A de Dionísio Rodrigues Mendes tinha sede no Morro São Gonçalo, em Belém Velho. A fazenda estendia-se do arroio da Cavalhada até o arroio da Gabiroba ou do Salso, nas proximidades da Ponta Grossa, abrangendo a zona balneária sul de Porto Alegre. Em 1799, seu filho André Bernardes Rangel mandou medir a fazenda e, em 1801, conseguiu o título de sesmaria. O filho mais velho de Dionísio, Manoel Rodrigues Rangel, não teve descendência. André fixou residência em Ipanema, seus filhos e genros fixaram-se em toda sua fazenda, sem demarcarem limites de área. Sua esposa falecera em 1823 e André, em 1826. Seus filhos e genros entraram em luta judicial. As terras de André abrangiam os atuais bairros: Vila Assunção, Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Cavalhada e parte da Vila Nova⁴⁵.

⁴⁵ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Editora do Autor, 1996, v. 2, p. 90.

Para Hilda Flores, Dionísio teria ocupado a região alguns anos após os outros sesmeiros. “Provavelmente veio à Belém (Velho), sede de sua fazenda, só no ano de 1735, ou após” ⁴⁶. É importante destacar que Dionísio também construiu charqueadas (exploração de carnes e couros) nos bairros Cristal e Vila Assunção, daí o nome do local de Ponta do Dionísio, na Assunção, porto de onde saíam as embarcações que navegavam no Guaíba. As charqueadas que ficavam nas terras desse sesmeiro, ajudaram a desenvolver a região. Sobre esse assunto, relata Archymedes Fortini ao retratar povoadores perpetuados pelo nome:

Os nomes de alguns deles vieram refletir-se na própria geografia local, como o de Dionísio Rodrigues Mendes, que foi um dos arrojados companheiros de empresa de João Magalhães, genro de Francisco Brito. Teve ele seu nome perpetuado na península que, no Guaíba, se chama, “Ponta do Dionísio” e é constituída pela extremidade mais distante de sua estância, em Belém Velho ⁴⁷.

No final do século XVIII, quando a cidade de Porto Alegre foi loteada e urbanizada, o local, hoje compreendendo a Vila Assunção, pertencia a um dos filhos de Dionísio, André Bernardes Rangel, que, no entanto, residia em Ipanema. A partir de 1830, a charqueada da Vila Assunção foi explorada por André. Os produtos dessa atividade eram enviados à cidade, partindo do porto da Ponta do Dionísio. Tempos mais tarde, André tentou legalizar as terras deixadas por seu pai, mas não obteve sucesso.

Nesse período residia em Ipanema, nas proximidades da AABBB (Associação Atlética do Banco do Brasil) Bernardino José Sanhudo, cujas terras se

⁴⁶ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 15.

⁴⁷ FORTINI, Archymedes. Porto Alegre através dos tempos. Porto Alegre: Divisão de Cultura, 1962, p. 25.

estendiam desde a Pedra Redonda até Ipanema. Também era morador o Capitão Alexandre Bernardes. As terras deste compreendiam a região onde está a Avenida Cavalhada, finalizando nas proximidades do Arroio Capivara e fronteira às terras de Juca Batista. O local era conhecido por Lomba do Capitão Alexandre. Neste local havia uma olaria, cujos tijolos eram embarcados no Guafba e transportados até o centro da cidade⁴⁸.

Conforme Flores, não é fácil saber como se desenvolveram, exatamente, as fazendas daquela época, pois a documentação é escassa. Porém, é certo que as terras dos primeiros sesmeiros eram destinadas à criação, maneira eficiente para ocupar efetivamente o território do Rio Grande de São Pedro. E era isso que queria a coroa portuguesa, em função de sua política expansionista. “A estância de criar foi a célula-máter da vida social e política do Rio Grande do Sul”⁴⁹. O estancieiro era uma espécie de senhor feudal nos campos da Capitania de São Pedro, onde a criação de gado significou uma das mais importantes fontes da economia do estado. O produto da atividade pecuária era destinado, principalmente às charqueadas que floresceram em diversos locais do Rio Grande do Sul. Esse é o caso da charqueada do Morro do Cristal, situada dentro da sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes.

Para Érico Pinheiro Fernandez, “o assentamento dos sesmeiros na região de Porto Alegre, assim como o trabalho daqueles que os sucederam, pode ser dividido em duas fases distintas: uma de ocupação e a outra de povoamento propriamente dito”⁵⁰. Assim, a primeira fase se caracterizou pelo desenvolvimento de atividades agropastoris, com tarefas

⁴⁸ LORENZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011. [Primeiro pároco do Santuário de Nossa Senhora Aparecida em Ipanema, de 01 de fevereiro de 1959 a 31 de dezembro de 1968].

⁴⁹ SPALDING, Walter. Pequena história de Porto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967, p. 22.

⁵⁰ FERNANDEZ, Érico P. Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 252.

essencialmente ligadas a terra. Nesse período, a região sul da cidade configurou-se por grandes vazios ou imensas estâncias de produção agropecuária como é o caso da fazenda de Dionísio Rodrigues Mendes. Com o propósito de ilustrar essa dicotomia ocupação/povoamento, Érico Pinheiro Fernandez, por meio da pesquisa no Arquivo Histórico do Estado, recupera informações sobre a grande fazenda de Dionísio:

Possui um campo, e sua fazenda que está estabelecido há 50 anos, por ser um dos primeiros povoadores de Viamão, cujo campo tem mais ou menos duas léguas de extensão. Tem em sua companhia alguns filhos e genros que vivem da lavoura e criação. Possui 300 cabeças de gado, 6 bois, 12 cavalos, 100 éguas e 25 potros⁵¹.

E Hilda Flores, a partir do recenseamento de 1785, tece a seguinte observação:

A casa senhorial, erguida com tijolos fabricados em olaria própria, paredes grossas com poucas aberturas, no estilo da arquitetura colonial açoriana; acomodações para os escravos, que todo o sesmeiro possuía para o serviço de lavoura e pastagem de animais, ranchos, currais, olarias. Além dos escravos de origem africana que os fazendeiros em geral possuíam, na de Dionísio havia também índias administradas, que se ocupavam com o serviço doméstico⁵².

A sesmaria de Dionísio delimitava-se a oeste pelo Guaíba, a leste por Belém Velho, ao norte pelo Arroio do Salso e ao sul pelo Arroio Cavalhada – limites com a sesmaria de Sebastião Chaves. Eram terras que

⁵¹ Documento do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e Arquivo Histórico do Estado, citado por Rubem Neis no Zero Hora, Porto Alegre, 12 jun. 1989. p. 33. (FERNANDEZ, E. P. Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 253).

⁵² FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reu/s. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 16.

abrangiam grandes extensões, incluindo áreas de encostas de morros, Mata Atlântica, campos, arroios e a orla do Guaíba. Porém, desconhecendo o valor de tanta terra, Dionísio nunca formalizou a posse de suas propriedades, como era de hábito naqueles tempos. Por muitos anos, conservou as terras, sem venda e sem partilha oficial. Apenas um lote de sua vasta propriedade teve de ser desapropriada por determinação real:

Apenas à época da formação do primeiro loteamento de Porto Alegre mandado proceder por determinação de José Marcelino de Figueiredo em 1772, Dionísio teve permutada por outra, uma área situada próximo ao arroio Cavalhada, no bairro do mesmo nome, para servir de Fazenda Real. Da guarda de bois e cavalos do serviço real da mesma vila que pelo seu uso ficaram denominando o Campo da Cavalhada⁵³.

Com o passar dos anos, as terras de Dionísio foram ocupadas por herdeiros, todos explorando a lavoura e a criação de gado. E isso se estendeu até a data da morte do sesmeiro em 1791 e de sua esposa, Beatriz Barbosa Rangel em 1794. Assim, as terras deixadas por Dionísio perpetuaram-se em seus filhos, genros e netos, como é o caso de André Bernardes Rangel, filho de Dionísio e, de José da Silva Guimarães Tristeza, cuja esposa era neta do grande sesmeiro. As terras de André originaram os atuais bairros Ipanema, Pedra Redonda e Jardim Isabel, e as de José da Silva, os bairros Vila Conceição, Vila Assunção e Tristeza.

Em 1826 faleceram sogro e genro, ou seja, André Bernardes Rangel e José da Silva Guimarães Tristeza. Parte de suas terras, aquelas correspondentes ao centro do bairro Tristeza, foram compradas por Manoel José Sanhudo, tio dos menores órfãos, e que já possuía, por herança, uma gleba de terras ao sul das

⁵³ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 17.

de Guimarães Tristeza. Com o falecimento de Sanhudo em 1854, as terras que englobam o centro do bairro Tristeza, passaram por herança aos filhos⁵⁴.

O problema da falta de registro oficial das terras se agravou, gerando ações na Justiça, o que provocou a medição das propriedades. O fato legou à história um mapa que data de 1833. Nele é possível identificar as poucas fazendas na região, entre elas as de André Bernardes Rangel e de José da Silva Guimarães Tristeza. “Em toda a área praieira havia em 1833 apenas 14 residências, ou seja, 14 pequenos núcleos humanos, contando, cada um com moradia dos filhos e descendentes de André Bernardes Rangel”⁵⁵.

A seguir, a história dos primórdios do bairro Tristeza e do primeiro povoador que daria nome à região: José da Silva Guimarães Tristeza.

1.2 JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES TRISTEZA

O bairro Tristeza, assim como os demais bairros analisados nesta pesquisa, pertence, atualmente, a denominada Região Geral de Planejamento Seis⁵⁶. Esta macrozona é caracterizada como uma região predominantemente residencial, estruturada com baixas densidades populacionais e integrada à paisagem natural. A zona apresenta como referências, o Parque Natural do Morro do Osso e o Lago Guaíba, os quais definiram a região como “Cidade Jardim”⁵⁷. Entre os bairros

⁵⁴ Ibidem, p. 20.

⁵⁵ Idem, p. 27.

⁵⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria do Planejamento Municipal. Regiões de Planejamento e Macrozonas com bairros vigentes. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/regpla+macroz+bairros_vig.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁵⁷ O conceito de Cidade Jardim foi proposto no final do século XIX. O objetivo era unir os aspectos de cidade (empregos e infra-estrutura) com os do campo (natureza e o ar mais puro). Assim, a cidade atrairia a população a residir nestes locais mais campestres, como o bairro Tristeza.

praianos da Zona Sul, a Tristeza foi o primeiro que surgiu, ainda no século XIX. Era um arrabalde que abrangia uma área maior do que a atual, pois incluía os atuais bairros Vila Conceição, Vila Assunção e Pedra Redonda. Com a chegada dos primeiros colonos italianos e alemães à região, tem-se um desenvolvimento econômico, motivado principalmente pela agricultura e pelos serviços associados ao veraneio.

Em 1904, o viajante Vittorio Buccelli, responsável por relatar ao governo da Itália aspectos pitorescos e exóticos do Brasil, identificou alguns cenários da Zona Sul de Porto Alegre, entre eles os do bairro Tristeza. Na busca por estreitar os laços comerciais entre o Brasil e a Itália, intensificando assim a imigração, o viajante, por meio de uma literatura de viagem, recuperou informações importantes do antigo arraial com suas casas típicas de veraneio à beira rio - um local de lazer e de descanso⁵⁸. “Mais adiante, sempre à direita, destaca-se um grupo de casinhas alegres, numa praia encantadora e sorridente, que por uma estranha antítese chama-se Tristeza”⁵⁹.

Foi Buccelli quem definiu inicialmente o Arraial da Tristeza como um local de férias e de lazer, para onde migravam, todos os anos, muitas famílias porto-alegrenses. Assim, apesar do nome melancólico, a Tristeza passou a significar alegria, transformando-se na primeira estação de veraneio da cidade, local onde famílias mantinham suas chácaras de verão à beira do Guaíba.

⁵⁸ MACHADO, Janete da Rocha. Um viajante italiano e seu olhar sobre a Zona Sul de Porto Alegre na primeira metade do século XX. Artigo elaborado para a disciplina “Sociedade, Urbanização e Imigração V” do Curso de Pós-Graduação da PUCRS, ministrada pela professora Dra. Núncia Constantino. Porto Alegre, I/2012.

⁵⁹ BUCCELLI, V. Un viaggio a Rio Grande del Sud. Milão: Officine Cromo – Tipografiche L. P. Palestirini & C, 1906, p. 58.

O que efetivamente encantava, por uma série de lindas atrações, comodidade de locomoção e proximidade da cidade era Tristeza, arrabalde situado em grande parte à beira-rio com espesso arvoredo e suas casas típicas de moradores permanentes e outras residências de famílias da capital. O rio, deslizando sereno e dominador, decorava as casas residenciais cheias de vida⁶⁰.

Entretanto, é importante ressaltar que antes do bairro Tristeza viver esse período de desenvolvimento relacionado às atividades de lazer, a região foi habitada por grupos descendentes do primeiro sesmeiro, já citado. Posteriormente, a região foi, gradativamente, sendo povoada por famílias oriundas de colonos italianos e alemães. Eram grupos que desenvolveram, especialmente, atividades agrícolas nas terras deixadas por Dionísio.

Esse lugar, como ponto de parada dos tropeiros que vinham de Itapuã, já era conhecido de longos tempos. Havia duas ou três casas à beira da estrada velha. Lá por 1875, à margem da praia, já contava de seis a oito casas, longe uma das outras. Entre os moradores, havia um cidadão chamado José da Silva Guimarães. Quando conversava sobre qualquer coisa, sempre dizia: - É uma tristeza!⁶¹

José da Silva Guimarães, mais conhecido por Juca Tristeza, fixou moradia na área onde hoje se encontra o bairro Vila Conceição. Instalou-se com sua família em uma área que logo se consolidou em uma estância. No local (alto do morro da Conceição), residiu durante muitos anos. O chacareiro era genro de André Rangel, primogênito de Dionísio, e foi a partir desse parentesco que pode herdar as terras que iam desde a Ponta dos Cachimbos (fronteira com a Pedra Redonda) até a Estrada da Cavallhada,

⁶⁰ SANMARTIN, Olyntho. Um ciclo de cultural social. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 43.

⁶¹ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 9.

abrangendo todo o atual bairro Tristeza. A área em torno da chácara se caracterizou por campos e pelas praias desertas do Guaíba.

O que outrora se entendia por Tristeza era um arrabalde de maior extensão, pois incluía os bairros de Vila Conceição e Vila Assunção. O próprio povoador que deu nome ao bairro, José da Silva Guimarães Tristeza, tinha a sede de seu sítio na hodierna Vila Conceição, próximo à Rua Nossa Senhora Aparecida, segundo apurou em minucioso estudo o Monsenhor Ruben Neis ⁶².

Flores analisa o surgimento da Tristeza a partir dos estudos do padre Ruben Neis ⁶³, onde é possível também reconhecer o nome da família Martinez, idealizadores do loteamento da Vila Conceição.

André morava em Ipanema e José da Silva Guimarães Tristeza, seu genro, na Vila Conceição, onde construiu a sede das suas terras na parte quase mais elevada da colina, nas adjacências da atual Rua Nossa Senhora Aparecida, onde é hoje a residência de Mario Martinez. O progenitor deste, Antônio Monteiro Martinez aproveitou velhos alicerces existentes no terreno ⁶⁴.

Uma das versões mais aceitas a respeito da origem do nome “Tristeza” para o bairro, encontra-se nos estudos desse padre. Para ele, José da Silva Guimarães tornou-se conhecido pelo apelido de Juca Tristeza pelo fato de ter perdido os dois filhos mais velhos do sexo masculino, ainda pequenos. A partir de então, seguiu vivendo em melancolia. Quando nasceu o terceiro filho, em 1817, uma menina, ele registrou-a com o nome de Senhorinha Tristeza. A partir daí, todos ficaram

⁶² FRANCO, Sergio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 407.

⁶³ O Padre Celestino Ruben Neis nasceu na cidade de Bom Princípio em 1925. Foi ordenado sacerdote do Clero Regular em 1949. Como diretor do Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre empreendeu pesquisas nos registros civis (nascimentos, casamentos e óbitos) e testamentos. Como historiador e genealogista, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico do RS em 1972 (MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 378).

⁶⁴ FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus**. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 26.

conhecidos como a “Família de Tristeza”, a qual passou a usar o nome Tristeza em documentos oficiais, como registros de identidade. Para Flores “é lícito supor que a perda de seus dois primeiros filhos varões o deixou tristonho, fato que o espírito popular registrou, e que nem mesmo o nascimento de uma filha mulher pode curar” ⁶⁵.

Com o falecimento de José Guimarães Tristeza, em 1826, a fazenda passou a ser conhecida por “A Chácara do Finado Tristeza”, denominação que perdurou por várias gerações. As terras trocaram de dono logo após a morte de Tristeza, passando para Manoel José Sanhudo, seu cunhado. “As terras de Guimarães Tristeza passaram às mãos de seu cunhado e aos filhos deste, recebendo povoamento mais intensivo a partir do último quartel do século XIX” ⁶⁶. Os descendentes de Sanhudo prosseguiram no ramo pecuarista e agrícola na região. Na árvore genealógica de Manoel José Sanhudo, disponibilizada na Internet, consta como sendo filho de André Bernardes Rangel. Em 1876, Sanhudo vendeu a fazenda para Guilherme Ferreira de Abreu Filho. Eram terras que iam desde o Guaíba até a Estrada da Cavallhada. Em 1895, o local foi transformado na residência dos padres Palotinos, os quais vieram com o propósito de dar atendimento aos imigrantes italianos – os primeiros colonos da Tristeza. Os padres compraram a chácara e fixaram ali residência e capela. No ano de 1923, os palotinos venderam as terras para Antônio Monteiro Martinez.

Em 1930, Martinez nomeou o novo bairro em homenagem a sua esposa, Zulmira Martins Martinez, devota de Nossa Senhora da Conceição. Ele idealizou e criou o loteamento Vila Conceição. Os primeiros lotes

⁶⁵ Ibidem, p. 27.

⁶⁶ Idem.

foram vendidos a grupos de origem alemã, atraídos, principalmente, pela proximidade com o lago, viabilizando assim, a prática de esportes náuticos e os banhos no Guaíba.

Desta forma, as terras que outro;ra se configuraram como de cultivo de hortifrutigranjeiros e criação de animais, transformaram-se em confortáveis propriedades com infraestrutura para uso do lazer e recreio de famílias alemãs à beira do Guaíba.

Figura 1 – Praias do Guaíba



Fonte: Ilustração de Martha W. Schidrowitz.

Na ilustração de Martha Schidrowitz (fig. 1)⁶⁷ observam-se alguns balneários do Guaíba, entre eles Belém Novo, Espírito Santo, Ipanema, Pedro Redonda e Vila Conceição. O desenho mostra também as praias do outro lado do lago, como Alegria⁶⁸, Elsa e Florida e suas possibilidades

⁶⁷ Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha. Obra organizada por Norency do Couto e Silva, Arthur Porto Pires e Leo Jeronimo Schidrowitz. 1942. Editora Cosmos, Porto Alegre.

⁶⁸ Até a década de 1970, pessoas de poder aquisitivo, de Porto Alegre e Região Metropolitana, principalmente os alemães, tinham suas casas de veraneio nas praias da Alegria, Florida e vila Elza. Essas praias foram tão famosas na região, que os dois principais times do nosso estado, o Grêmio Football Porto Alegrense e o Sport Club Internacional, faziam suas concentrações nessas praias. Disponível em:

de diversão na época, como a pesca, a prática de esportes náuticos e os banhos nas águas do lago.

Em outra imagem (fig. 2) vê-se o mapa do Guaíba. Nele é possível identificar as praias da orla sul: Ipanema, Pedra Redonda, Vila Conceição e Vila Assunção. O desenho também mostra algumas residências de verão, o Hotel da Praia, a igreja de Ipanema, o Cine Gioconda, entre outros.

Figura 2 - Mapa da Zona Balneária Sul de Porto Alegre



Fonte: Ilustração de Rita Bromberg Brugger, 2013. ⁶⁹

A partir do final do século XIX, nas terras de Juca Tristeza, se desenvolveram os balneários da Pedra Redonda, Vila Conceição, Assunção e Tristeza, e na fazenda de Juca Batista, surgiu Ipanema. A fazenda do Juca Batista é o tema do próximo capítulo.

As praias do Balneário Alegria foram famosas, principalmente com os alemães - Guaíba Online (guaiba.online). Acesso: 16 abr. 2022.

⁶⁹ Ilustração da artista plástica Rita Brugger.

1.3 O PASSO DO CAPIVARA: A GRANDE FAZENDA DE JUCA BATISTA

Durante muitos anos, o Capivara, arroio que cortava a sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes, serviu como demarcador das terras dos primeiros estancieiros. As águas do arroio faziam fronteira entre as escassas fazendas e o Lago Guaíba. Dizem os mais antigos que o nome deriva do fato de existirem na região muitas capivaras, animal típico do sul do Brasil, cujo habitat são as proximidades dos rios e arroios. O fato é que o arroio Capivara serviu, durante muitos anos, à população local, ajudando a desenvolver a economia da zona sul da cidade.

As águas, provenientes de fontes da Vila Nova e Belém Velho, eram utilizadas para irrigar a plantação e dar de beber ao gado leiteiro. Entre essas poucas fazendas existentes no local, encontrava-se a gleba de João Batista de Magalhães, mais conhecido por Juca Batista. Situada onde é hoje o bairro Ipanema, a chácara de Juca Batista foi símbolo de prosperidade e opulência na região.

De origem portuguesa, Juca Batista tornou-se um próspero comerciante na Zona Sul. Juntamente com sua esposa, Otília Flores de Magalhães, Batista empreendeu nas terras deixadas por seu pai, cerca de 80 hectares, um império fundamentado no trabalho e na ajuda ao próximo⁷⁰. Era a vida organizando-se em torno das estâncias, símbolo do gaúcho e do Estado. “Adorador dos matos existente entre os morros, ele dedicava-se ao cultivo de árvores frutíferas, plantava roças e tinha tambo de leite, garantindo o sustento da família e de seus funcionários que lá residiam, assim como o dos contratados pelas imediações”⁷¹.

⁷⁰ MACHADO, Janete da Rocha. O empreendedorismo de Juca Batista. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Zona Sul, 13 jul. 2012. p. 6.

⁷¹ JUCA BATISTA, uma vida de doação. Jornal CS Zona Sul, 1 quin. abr. 1997. p. 5.

Nascido em 29 de setembro de 1870 em Belém Velho, Juca soube aproveitar a prodigiosa natureza da região, desenvolvendo a plantação de árvores frutíferas e a criação de gado leiteiro. A extensão de suas terras abrangia desde o Belém Velho até o atual bairro Ipanema. Sua residência ficava nas imediações da avenida que hoje leva seu nome, estrada que no passado, apesar do chão batido, era a única forma de deslocamento entre o centro e a zona sul. O asfalto só viria bem mais tarde, na década de 1930, uma iniciativa do então vereador Flores da Cunha, na época, padrinho de Juca. Também eram limites de suas terras, a Lomba do Capitão Alexandre, atualmente conhecida por estrada da Cavalhada e as terras de Bernardo Dreher, onde hoje está a Pedra Redonda, o Jardim Isabel e o Morro do Osso.

Por muitos anos, Juca Batista empreendeu ações em prol da comunidade carente, tanto de sua região como nas vizinhanças. Deslocando-se, de barco, pelo rio, fornecia produtos oriundos de sua fazenda a outras regiões da cidade. Em 1896, presenteou aos pioneiros colonos italianos da Vila Nova com as primeiras mudas de árvores frutíferas e verduras. Também ajudava a manter, por meio de um trabalho social, algumas instituições de caridade, entre elas a Santa Casa de Misericórdia, o Pão dos Pobres e o Asilo Padre Cacique, desenvolvendo assim, seu lado filantrópico.

Em plena Segunda Guerra Mundial, diante da crise e do racionamento de alimentos, Juca Batista entregava ranchos aos pobres das vizinhanças. Em 1917, teria recebido do exército brasileiro uma faca de ouro gravada com agradecimentos. Na ocasião, Juca permitiu a

utilização da beira do rio⁷², parte integrante de sua propriedade, para os soldados em treinamento militar.

Juca Batista foi ainda fundador da primeira casa comercial no bairro, a “Ferragem Juca Batista”, possibilitando aos moradores locais o acesso a diversificados produtos. Inaugurada em 1878, a antiga casa de campanha era o local onde se podia comprar de tudo: desde o alfinete até alimentos perecíveis como açúcar e o café. Era um estabelecimento típico de “secos e molhados”, onde a população local recorria sempre que necessitava. “Juca Batista doou uma parte de suas terras para a construção do cemitério da Vila Nova”⁷³. Anos mais tarde, ele cedeu outro lote para edificação da escola hoje denominada Escola Estadual Odila Gay da Fonseca em Ipanema.

A família de Juca Batista também aproveitava as terras situadas à beira do Guaíba para banhos e recreação. Conforme se vê na imagem a seguir (fig.3), era comum filhos e netos do fazendeiro utilizarem o lago para recreio, especialmente nos meses mais quentes de verão. Na imagem é possível identificar ainda que não havia as estradas que atualmente ligam os bairros e a orla do Guaíba. Essa modernidade só viria anos mais tarde (em torno dos anos 1930), com o loteamento e a urbanização do bairro Ipanema empreendido pelo engenheiro Osvaldo Coufal.

⁷² Anos depois, na beira da praia, as terras de Juca Batista transformaram-se no Balneário Juca Batista.

⁷³ MAGALHÃES, Teresa Terra. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 10 jul. 2012. Porto Alegre [Teresa foi casada com Walter Magalhães (já falecido) neto de Juca Batista].

Figura 3 – Juca (sentado) e família na praia particular localizada em sua fazenda



Fonte: Acervo de Teresa Magalhães Terra

Hoje, o nome de Juca Batista é lembrado em avenida e linha de ônibus que liga Ipanema ao centro de Porto Alegre, uma forma de homenagear aquele que foi um dos primeiros empreendedores da região. A seguir as histórias do Comendador Castro e de seu casarão de lazer erguido nas terras de Juca Batista.

1.3.1 A CHÁCARA DO COMENDADOR

No final do século XIX, como em todos os grandes centros, nota-se uma tendência por parte da população mais rica em habitar certos bairros considerados mais aristocráticos. Em Porto Alegre, isso não foi diferente, e os bairros escolhidos foram o Menino Deus e a Independência. O bairro Independência se configurava como um prolongamento da artéria principal, a Rua da Praia. O Menino Deus, embora mais afastado, também atraía devido à proximidade com o Guaíba. Eram arrabaldes que chamavam a atenção pelas sofisticadas moradias onde residia uma

aristocracia originária do alto comércio, das finanças e da indústria gaúcha⁷⁴. Essa mesma elite residente, nos meses de janeiro e fevereiro, devido ao forte calor, mudava-se para outro espaço da cidade, a Zona Sul, local onde possuíam confortáveis vivendas de verão à beira rio. Naqueles tempos, as águas limpas do Guaíba e a natureza bastante preservada atraíam a população da “urbe”. Entre as finas residências, uma chamava a atenção da população local: o casarão de Antônio Francisco de Castro, mais conhecido por Comendador Castro, situado hoje na rua do mesmo nome no bairro Ipanema.

Nascido em Portugal em 1872, Castro veio ainda moço para o Brasil a fim de dedicar-se ao comércio. Tinha apenas doze anos de idade quando chegou ao Estado. Durante anos, trabalhou muito, adquirindo a prática necessária para empreender o seu próprio negócio. Com o passar do tempo, tornou-se um dos grandes proprietários de imóveis em Porto Alegre. A atividade comercial principiou com uma firma de exportação e importação. Depois, Castro diversificou seus negócios adquirindo armazéns de Secos e Molhados no centro da cidade, bem como de um trapiche na beira do Guaíba. Na virada do século, já era um dos homens mais ricos da cidade. Foi diretor do Banco da Província do Estado do Rio Grande do Sul e presidente da Beneficência Portuguesa em dois momentos (1907 e 1924). Além disso, ele exerceu, por muitos anos, o cargo de Cônsul de Portugal no Estado, por isso seu título de Comendador. Em 1891 casou-se com Cecília Vasconcellos de Castro. Desse enlace matrimonial resultaram sete filhos: dois homens e cinco mulheres.

⁷⁴ MACHADO, Janete da Rocha. A Chácara do Comendador Castro. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 9, n. 283, 29 nov. 2013.

Conforme seu neto, João Lydio do Castro, o comendador comprou no século XIX, as terras em Ipanema, local conhecido por Passo do Capivara, onde ficava a grande fazenda de Juca Batista. A busca por ares mais saudáveis levou-o a compra da chácara, local onde construiu sua residência de veraneio, um casarão à beira rio, disponibilizando, assim, um amplo e confortável espaço destinado ao lazer e ao descanso da família. *“O vovô comprou a chácara para o lazer, para o verão e férias. Quando chegava janeiro e fevereiro a gente ia prá lá. Eu tomei muito banho no rio, a água era boa. Em frente à casa da chácara tinha um lago. Minha mãe remava ali. Tinha barco e tudo. Eu me lembro”*⁷⁵.

Figura 4 - Família do Comendador Castro (canto a direita) na chácara em Ipanema/1927



Fonte: Acervo de João Lydio de Castro.

Nascido em 1927, João Lydio de Castro conviveu dois anos com o avô. Em 1929, com o falecimento do Comendador, foi aberta a rua que hoje tem seu nome nas terras que deixou aos herdeiros. Na década de 1930, a família vendeu parte da propriedade a Oswaldo Coufal, o loteador do Balneário

⁷⁵ CASTRO, João Lydio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 nov. 2013.

Ipanema. “O vovô vendeu as terras para o Coufal, era um chácara que dava fundos para a praia e para as terras do Juca Batista” ⁷⁶. A residência, porém, permaneceu ainda com a família Castro que a alugou para a instalação da primeira escola do bairro, a qual se denominou “Passo do Capivara”. O casarão ainda existe, apesar do abandono em que se encontra. Ergue-se imponente e vivo na memória dos mais velhos. Atualmente, a importância deste prédio reside em seu valor histórico, pois ele ainda retrata uma época em que Ipanema não passava de uma zona rural da cidade. Um grupo ligado ao patrimônio histórico e cultural da cidade está tentando recuperar o espaço, transformando-o em um centro cultural do bairro Ipanema⁷⁷. Recuperar este espaço é sinônimo de uma busca que deve se concretizar no resgate da memória urbana. É uma iniciativa que corrobora para o entendimento da história da formação da cidade, que possui um significativo acervo de prédios e bens patrimoniais, os quais precisam ser conhecidos, e, principalmente, preservados.

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ Ciente da necessidade de criação de um centro cultural no bairro Ipanema e motivados pela possibilidade de vê-lo funcionar no antigo prédio que pertenceu ao Comendador Castro, surgiu um grupo de trabalho que está dando prosseguimento ao projeto. A partir da necessidade e da vontade dos moradores locais, o projeto do Centro Cultural de Ipanema passa a ser levado adiante por profissionais voluntários (estudantes, pesquisadores, arquitetos, promotores de eventos, contadores, professores, advogados, etc.) e junto à principal entidade representativa dos moradores locais, a AMBI - Associação dos moradores do bairro Ipanema (MORALES, Márcia. Projeto Cultural do Bairro Ipanema. Porto Alegre, 2013).

Figura 5 - Casarão do Comendador Castro em Ipanema



Fonte: Acervo de João Lydio de Castro.

No próximo capítulo será analisado o veraneio dos alemães na Zona Sul de Porto Alegre e o advento das primeiras chácaras de lazer à beira rio.

2

O VERANEIO DOS ALEMÃES: AS PRIMEIRAS CHÁCARAS

2.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ: AS ORIGENS DA ELITE E DA INDÚSTRIA GAÚCHA

A Europa viveu no século XIX um processo amplo de expansão do capitalismo. A consequência disso para alguns países europeus foi a expulsão do camponês da terra e o fim dos pequenos artesãos, os quais migraram para os grandes centros. As cidades ficaram superlotadas e sem condições de absorver a mão-de-obra trabalhadora, criando assim problemas sociais em países como Alemanha e Itália. A solução foi enviar o excedente populacional para o exterior, e nesse cenário político internacional da época, o Brasil se apresentou como uma boa saída, pois o país vivia a transição de uma economia baseada no trabalho escravo para o livre e assalariado. Havia, então, interesse do governo brasileiro em receber colonos, cujo propósito era o de estimular a ocupação efetiva do território. “Nesse contexto internacional, o Brasil se configurava como um país de imigração, receptor dos braços europeus que emigravam em busca de terra e trabalho”⁷⁸. A absorção maior de imigrantes se deu na região sudeste do país, onde os colonos eram incorporados às grandes fazendas de café de São Paulo. Os cafeicultores recebiam empréstimos do governo federal para custear o transporte de imigrantes para o Brasil.

No Rio Grande do Sul, os alemães foram deslocados para regiões virgens não cultiváveis como a Encosta da Serra, obrigando assim o

⁷⁸ PESAVENTO, Sandra. História da indústria sul-rio-grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985, p. 26.

desenvolvimento do local, com melhorias como a abertura de estradas e o início das comunicações. O primeiro grupo de imigrantes chegou ao estado em 1824, iniciando uma agricultura de subsistência em pequenos lotes de terras. Anos mais tarde, a produção desses primeiros alemães se diversificou bastante. Entre os artigos produzidos estavam os produtos para selaria, tecidos, chapéus, vinhos, ferramentas, charutos e cigarros, sapatos, tijolos, panelas e produtos alimentícios.

Com o tempo, o trabalho desses colonos ocasionou um aumento do excedente da produção agrícola, passando a ser vendido para o mercado regional e nacional. Tratava-se assim de uma nova atividade, pois além da agricultura, passaram a desenvolver o comércio e uma ainda incipiente atividade artesanal. Para Sandra J. Pesavento tratava-se, basicamente, de uma produção mercantil não capitalista, na qual o artesão, com ferramentas simples, produzia para o consumo local e para o mercado, com o auxílio de mão-de-obra familiar. E foi a partir desse excedente da produção, gerado pelo trabalho dos alemães e pela acumulação de capital, que surgem as primeiras indústrias no Rio Grande do Sul.

Sem dúvida alguma, foi no chamado complexo colonial imigrante, a partir da chegada dos alemães, que se configurou uma acumulação de capital-dinheiro-passível de, sob determinadas condições, converter-se em capital industrial. Basicamente, esse capital-dinheiro originário apresentou-se como um capital comercial, auferido da venda dos produtos da zona colonial por um dos seus elementos, que se especializara na tarefa de intermediação⁷⁹.

⁷⁹ PESAVENTO, Sandra J. De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). Os alemães no sul do Brasil. Canoas: Editora da Ulbra, 1994, p. 200.

Para Jean Roche, o comércio também teve suas raízes nas colônias alemãs, cuja prosperidade esteve associada ao trabalho do imigrante e às trocas, as quais possibilitaram o desenvolvimento da economia. “Desde sua fundação, as colônias alemãs do Rio Grande do Sul constituíram grupos rurais cuja estrutura era muito mais complexa que a da sociedade luso-brasileira da Campanha”⁸⁰. Conforme o autor, “houve simbiose entre o comércio e a agricultura”⁸¹. Com destino certo, os produtos eram encaminhados a principal praça comercial do estado, a cidade de Porto Alegre.

Na visão de Alencastro⁸², a diversidade dos grupos de imigrantes que chegavam foi fator determinante na definição dos processos de produção e nas relações de trabalho implementadas no Estado. Na segunda metade do século XIX, conforme esse autor, “já haviam se consolidado no Sul do país as comunidades alemãs e, em menor medida, as italianas, que iriam constituir uma nova fase da diversidade cultural brasileira”⁸³.

A concepção capitalista e o espírito empreendedor de alguns alemães, oriundos de regiões mais desenvolvidas da Alemanha, como Hamburgo, foram fundamentais para o surgimento das primeiras indústrias no Estado⁸⁴. Desta forma, os alemães foram os agentes responsáveis pelo desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Por meio do comércio e do consequente processo de industrialização, os

⁸⁰ ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 403.

⁸¹ Ibidem, p. 403.

⁸² ALENCANTRO Luiz Felipe; RENAUX Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 291-335.

⁸³ Ibidem, p. 316.

⁸⁴ MACHADO, Janete da Rocha. Família Bromberg: da Alemanha para a Zona Sul de Porto Alegre (1900-1930). p.2. Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual – 8 e 9 de agosto de 2013. PUCRS. Porto Alegre. GT História, Imagem e Cultural Visual – ANPUH – RS.

teuto-brasileiros transformaram-se nos executores de um processo de modernização histórica no final do século XIX e início do XX.

Inicialmente, os alemães fixaram-se nos núcleos coloniais de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Santa Cruz do Sul e Montenegro. E como comerciantes faziam a redistribuição dos produtos. Nesse cenário, surge, na segunda metade do século XIX, a figura do caixeiro-viajante, o qual desempenhava a função de intermediário imprescindível entre Porto Alegre e a Serra. Conforme Roche, eles andavam pelas colônias “apresentando amostras, fechando negócios e efetuando a cobrança dos fornecimentos”⁸⁵. É importante ressaltar que foram alguns antigos caixeiros-viajantes que fundaram inúmeras casas comerciais de sucesso em Porto Alegre, pois era para lá que convergia toda a produção agrícola das colônias alemãs. Da capital, parte da produção, seguia para o resto do Brasil e também para o exterior, transformando a cidade em um grande polo de disseminação da economia imigrante.

Entre as atividades econômicas desenvolvidas pelos alemães estavam as de importação e exportação de produtos, as quais possibilitaram o acesso de algumas famílias ao alto comércio sul-rio-grandense. Para Jean Roche, a exportação de produtos coloniais foi preponderante, transformando-se no grande negócio de muitas casas comerciais. Negócio que, segundo o autor, era transmitido de uma geração a outra: “os comerciantes estão unidos entre si por interesses comuns, por laços de família, pela mesma origem”⁸⁶.

⁸⁵ ALENCANTRO Luiz Felipe; RENAUX Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 432.

⁸⁶ ALENCANTRO Luiz Felipe; RENAUX Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 445.

Já os importadores se originaram das primeiras casas de comércio fundadas por alemães em Porto Alegre. Havia uma grande variedade de artigos importados, principalmente da Alemanha, país com o qual mantinham sólidas relações comerciais. Assim, “estreitaram, mais e mais seus laços materiais e espirituais com a Alemanha”⁸⁷. Entre os produtos importados estavam os metais, automóveis, máquinas, tecidos e móveis. E entre os grandes importadores, figuram nomes como Bromberg, Dreher, Ely, Meyer, Adams, Hermann, Linck, etc. Todos esses nomes, citados, se transformaram em proprietários de grandes casas comerciais em Porto Alegre, ampliando suas fortunas e investindo em negócios diversificados.

A Porto Alegre do fim do século ostentava várias casas comerciais cujos proprietários eram alemães ou de origem. O caso de maior monta era, sem sombra de dúvida, o da poderosa firma de Martin Bromberg, que importava de Londres, Antuérpia, Hamburgo e Nova Iorque ferragens, ferro bruto e máquinas para as diferentes indústrias; arame, máquinas para os serviços da lavoura, cimento, tintas, cevada; Negociando a varejo e por atacado, a Bromberg era ainda o exemplo mais acabado de diversificação das aplicações de capital⁸⁸.

Na análise de Roche, o empreendedorismo do primeiro Bromberg foi preponderante para o sucesso dos negócios da família no Brasil. Fundadores de grandes casas de comércio, incluindo exportação e importação de produtos, os Bromberg, ao ampliarem relações com a Alemanha, puderam investir na industrialização do Rio Grande do Sul. A aquisição de terras no Balneário da Pedra Redonda, na virada do século XX, se insere nesse universo de teuto-brasileiros na Zona Sul de Porto Alegre, tema que será tratado nos próximos capítulos.

⁸⁷ Ibidem, p. 446.

⁸⁸ Idem, p. 201.

2.2 A FAMÍLIA BROMBERG: DA ALEMANHA PARA A ZONA SUL DE PORTO ALEGRE

Foi na cidade de Porto Alegre onde grupos oriundos de imigrantes alemães fundaram grandes casas de comércio. Na obra “A colonização alemã e o Rio Grande do Sul”⁸⁹, Jean Roche analisa os negócios Bromberg a partir da chegada à capital⁹⁰ do primeiro imigrante e sua estreita ligação com Hamburgo na Alemanha. Conforme o autor, a casa comercial dos Bromberg “ficou estabelecida em Porto Alegre, em estreita ligação com a Alemanha, de onde provinha o essencial de suas importações, que distribuía por todas as colônias e mesmo por todo o Rio Grande do Sul”⁹¹.

Eram os primórdios da formação de uma elite ascendente no estado, a qual se transformaria lentamente no mais importante comércio teuto-rio-grandense do sul do Brasil. No ano de 1913, em comemoração ao meio século da fundação das casas Bromberg, com o patrocínio da família, foi editado o álbum “Bromberg & Cia (1863-1913)”. Na primeira parte da obra, é possível identificar os primórdios dos negócios originados ainda na Alemanha no século XIX:

Naquela época, quando ainda não estava unida a Alemanha e seus filhos viam-se constrangidos a recorrerem ao patrocínio alheio quando se achavam em terras estranhas, veio ao Brasil, procedente da antiga cidade hanseática de Hamburgo, o chefe-senior da firma, o Sr. Martin Bromberg, para ali, a sombra da afamada hospitalidade do maior dos paizes sul-americanos, lançar a pedra fundamental de uma casa comercial que, surgindo de condições acanhadas, hoje, devido ao espírito empreendedor e à energia

⁸⁹ ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969.

⁹⁰ O primeiro a chegar foi Martin Bromberg em 1863.

⁹¹ ROCHE, op. cit., p. 435.

incançável dos que lhe estavam e estão à testa, atinge a um grau de desenvolvimento colosso⁹².

Escrita em português e em alemão, a obra apresenta um retrospecto de todos os negócios Bromberg no Brasil e no exterior. Também dignifica o trabalho dos fundadores e trabalhadores da Bromberg & Cia na segunda metade do século XIX:

Hoje, depois de 50 annos de existência, ella estende as suas ramificações pelas costas do Atlantico, abrangendo os Estados Brasileiros e vai, muito além das frondosas mattas virgens do Norte e das vastas planícies do Sul, arraigar-se nas plagas da Republica Argentina. Para transplantar a cultura de dois milênios do velho mundo ao novo, assiduamente coadjuvaram os fundadores e colaboradores da firma⁹³.

A partir do final do século XIX, o grupo Bromberg tornou-se referência na produção e distribuição de máquinas, utensílios para casa e até automóveis. O sucesso da firma Bromberg & Cia contou com a participação de outros alemães, cujo empreendedorismo foi preponderante para o desenvolvimento dos negócios no Brasil:

Em 1863, a firma Holtzweissig passou às mãos de Martim Bromberg, sócio do genro de Hotzweissig, Jacob Rech, que estabelecera uma casa de importação de objetos manufaturados e ferramentas, sob o nome social de Kopp e Rech. Bromberg substituiu Kopp nesta segunda sociedade que se chamou Jacob Rech e Cia. (...) Em 1870, pouco antes da guerra franco-prussiana, Rech foi instalar-se em Hamburgo, onde fundou a firma pessoal J. Rech,

⁹² BROMBERG & Co., Hamburgo. Retropecto 1863 – 1913. Porto Alegre, 1913, p. 5. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia - Meio Século. Jornal "O Brazil", órgão do Partido Republicano (2 de agosto de 1913).

⁹³ BROMBERG & Co., Hamburgo. Retropecto 1863 – 1913. Porto Alegre, 1913, p. 5. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia - Meio Século. Jornal "O Brazil", órgão do Partido Republicano (2 de agosto de 1913), p. 5.

comprada por Martin Bromberg em 1887, juntamente com todos os interesses constituídos no Brasil⁹⁴.

Alguns anos depois da constituição da sociedade Bromberg e Rech, outros alemães ingressaram como sócios no negócio. Entre eles estava B. Sesiani, cuja experiência como caixeiro viajante foi fundamental para o sucesso dos negócios:

Este novo sócio tinha sido anos atrás proprietário de uma loja de ferragens em Porto Alegre, trabalhava com a freguesia urbana e, como primeiro caixeiro viajante do Estado do Rio Grande do Sul, percorria a cavalo a campanha em busca de seus fregueses. Todos os artigos e ferragens de que necessitava, comprava-se a casa Jacob Rech & Cia⁹⁵.

Com o aumento das vendas, surgiu a necessidade de ampliar as lojas. Sendo assim, mais um germânico incorporou-se ao negócio: Breyer. Esse instalou-se na cidade de Rio Grande, constituindo, ali, a primeira filial da firma Holtzweissig, Breyer e Cia.

Conforme consta no álbum comemorativo aos Bromberg:

Sob a activa gerencia destes três sócios, as transações das firmas Holtzweissig & Cia, e Jacob Rech e Cia, tomaram tal incremento que seus chefes resolveram fundar uma casa no Rio Grande. Mandaram um dos seus colaboradores, o Sr. Breyer para aquella cidade afim de abrir ali uma filial sob a firma Holtzweissig, Breyer e Cia⁹⁶.

⁹⁴ ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 439.

⁹⁵ BROMBERG & Co., Hamburgo. Retropecto 1863 – 1913. Porto Alegre, 1913, p. 6. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia - Meio Século. Jornal "O Brasil", órgão do Partido Republicano (2 de agosto de 1913), p. 6.

⁹⁶ BROMBERG & Co., Hamburgo. Retropecto 1863 – 1913. Porto Alegre, 1913, p. 5. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia - Meio Século. Jornal "O Brasil", órgão do Partido Republicano (2 de agosto de 1913), p. 6.

O sucesso dos negócios foi tanto que era preciso alguém gerenciando as encomendas na Alemanha, conseqüentemente algumas mudanças se faziam necessárias:

Em 1870, pouco antes de romper a guerra franco-alemã o Sr. Rech transferiu a sua residência para Hamburgo onde fundou uma casa de comprar sob a sua firma individual J. Rech. Até então os sr. Bromberg, Rech e Sesiani haviam ainda sempre effectuado as suas compras por intermédio de uma casa de comissões hamburguesa, mas, devido a extensão que assumiam as transacções no Brazil, urgia que eles próprios tomassem a seu cargo as compras em Hamburgo. Continuaram na gerencia das casas no Brazil os srs. Bromberg, Sesiani e Breyer⁹⁷.

Com o intuito de ampliarem ainda mais os negócios de importação e exportação de máquinas e ferramentas, a Bromberg inaugurou novas casas de comércio no Rio Grande do Sul. As cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre passaram a ter outras filiais. Em 1895 foi alterada a razão social da empresa, a qual se denominou Bromberg & Cia.

Depois do traspasse do Sr. Rech, falecido em dezembro de 1887, o chefe sênior Sr. Martin Bromberg, ficou sendo o único proprietário da casa de compras em Hamburgo, conservando para ella a antiga firma J. Rech. Simultaneamente tomou conta de todas as casas no Brazil, abolindo a exportação de manufacturas⁹⁸.

Filho de um banqueiro, fato que lhe favoreceu os investimentos, Martin Bromberg⁹⁹ transformou a empresa na maior distribuidora de

⁹⁷ Ibidem, p. 7.

⁹⁸ Idem, p. 9.

⁹⁹ Martin casou com Bertha Sophie Luise e teve dez filhos. Em 1913, alguns de seus filhos estavam assim domiciliados: Martin Bromberg Junior em Hamburgo em companhia de seu pai; Waldemar e Arthur Bromberg em Porto Alegre; Fernando Bromberg em Rio Grande e Erwin Bromberg em São Paulo. (ARQUIVO DA FAMÍLIA BROMBERG).

maquinário alemão na América do Sul, com destaque para os conhecidos locomóveis¹⁰⁰. As máquinas em questão foram as responsáveis pelo desenvolvimento da indústria madeireira, pois foram comercializadas para o mercado das serrarias. Além dos locomóveis, a firma Bromberg seguiu importando da Europa uma infinidade de produtos, tais como ferragens, máquinas para indústrias e para a agricultura, cimento, tintas e até cevada para a fabricação de cervejas. O empreendimento também financiou a criação de outras indústrias como a Mernak em 1912. “O Banco da Província financiou juntamente com a Casa Bromberg, de Porto Alegre, a instalação da fábrica de máquinas Mernak, de Cachoeira do Sul”¹⁰¹. Lilian Dorothy Bromberg, descendente de Martin, relata sobre os primórdios do empreendimento no Brasil:

O meu bisavó Martin Bromberg tinha uma firma de importação e exportação em Hamburgo. Ele começou a perceber, na segunda metade do século dezanove, que estavam exportando implementos agrícolas e outras coisas aqui para o centro sul da América do Sul. Em 1863, veio investigar e percorreu toda essa zona. Entrou por Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires. Andou por todos esses lugares, voltou para a Alemanha e depois retornou ao Brasil. Ele começou os negócios aqui¹⁰².

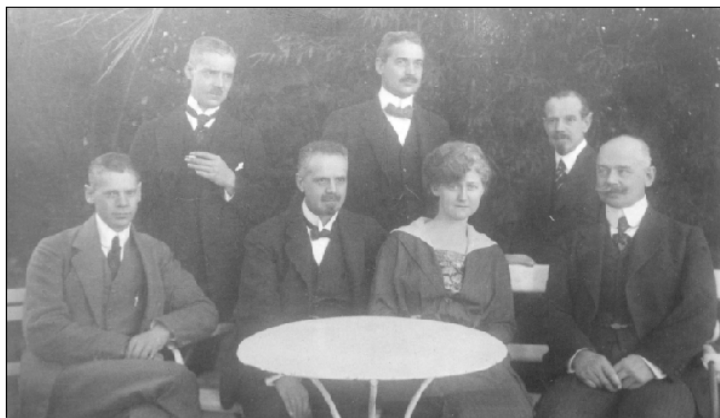
Na realidade, o empreendedorismo de Martin permitiu a diversificação dos negócios, pois, além da mecanização do arroz, a firma foi a primeira a cultivar fumo na cidade de Santa Cruz do Sul.

¹⁰⁰ A locomóvel é uma máquina térmica que gera energia mecânica e pode transformá-la em elétrica, utilizando diversos tipos de combustíveis, dentre eles a casca de arroz. É constituída basicamente de fornalha, caldeira e máquina a vapor; motor recíproco, normalmente de 1 a 3 cilindros. Até o fim dos anos 1990, ainda existiam 63 locomóveis no Rio Grande do Sul (BUENO, E.; TAITELBAUM, P. Indústria de Ponta. Uma história da industrialização do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009, p. 132).

¹⁰¹ PESAVENTO, Sandra J. História da indústria Sul-Rio-Grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985, p. 33.

¹⁰² BROMBERG, Lilian. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

Figura 6 - Os filhos de Martin Bromberg e a nora Dorothy Booth/1900



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Para Roche, o nome Bromberg esteve associado a uma infinidade de negócios:

Foi a Casa Bromberg que vendeu o maior número de arados. Foi o elo que permitiu estabelecer dezenas de redes de irrigação para a rizicultura, instalando tantas estações de bombas. Foi ela que equipou engenhos completos (beneficiamento, secagem, ensacagem do arroz). Foi ela que instalou o maior número de centrais elétricas e de usinas (cervejaria, tecelagem, metalurgia) no Rio Grande do Sul, onde assegurou a urbanização de vastas zonas a drenas e a prover de canalizações, construiu vias férreas (Novo Hamburgo-Taquara, Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa)¹⁰³.

Os Bromberg também estiveram presentes na fundação da União de Ferros, empresa que deu o primeiro emprego a Alberto Bins, homem

¹⁰³ ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 440.

bem sucedido nos negócios¹⁰⁴ e no meio político¹⁰⁵. Assim, a abrangência das firmas pelo Estado foi ampla, influenciando a economia gaúcha na primeira metade do século passado. O fato de a família estar em constante contato com os negócios na Alemanha favoreceu extremamente as relações comerciais com a Europa.

As relações com a Alemanha permaneceram mais estreitas, tanto mais que, pelo fato de ter retornado Bromberg a Hamburgo, a maior parte de seus filhos ali nasceram e alguns deles ali fizeram seus estudos. Enfim, convém não esquecer que Bromberg, o fundador deste enorme negócio, era filho de um banqueiro de Hamburgo, que lhe forneceu os primeiros capitais¹⁰⁶.

Em 1891, após enfrentar problemas de faturamento, ocasionados pela desvalorização da moeda nacional, as empresas são recuperadas por Arthur Bromberg, um dos filhos de Martin.

O negócio recebeu o nome de Bromberg e Cia, o qual conservou até 1932, ano em que foi mudado para o de Bromberg Sociedade Anônima, Importadora, Comercial e Técnica. O maior número de ações ficou na família Bromberg e seus afins. Estreitaram-se as relações com a Alemanha, onde a agência de compras adquirida por Martin se tornara o centro de uma organização que

¹⁰⁴ Os cofres da marca Berta ficaram conhecidos nacionalmente pela qualidade e durabilidade, concorrendo com os melhores da Europa. Era o único cofre aceito por bancos estrangeiros, pois possuía uma camada isolante que o protegia inclusive de grandes incêndios, como o que ocorreu no ano de 1917 em vários estabelecimentos alemães de Porto Alegre (BUENO, E. Indústria de ponta: uma história da industrialização do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Buenas Idéias, 2009, p. 47).

¹⁰⁵ Alberto Bins se destacou no meio político. Foi deputado estadual, vice-intendente em 1926 (gestão de Otávio Rocha). Candidato na eleição que ocorreu no ano de 1928 elegeu-se Intendente de Porto Alegre, mantendo-se no cargo até 1937, quando Getúlio decretou o Estado Novo e Alberto Bins teve seu mandato encerrado. Retirou-se da política, dedicando-se as suas indústrias (BAKOS, Margaret M. Porto Alegre e seus eternos intendentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013).

¹⁰⁶ ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 441.

cobria não só o Rio Grande do Sul, senão também o sul do Brasil e a Argentina¹⁰⁷.

Com a participação de Arthur nos negócios da família, os demais irmãos também começaram a fazer parte da administração das empresas. Assim, cinco dos dez filhos de Martin se envolveram com as filiais espalhadas pela América. Em Porto Alegre, as lojas foram administradas por Waldemar, irmão de Arthur, conforme relembra Lilian Bromberg: “No início eram coisas para os imigrantes, para a terra: arados, máquinas e ferramentas. Mas, conforme o tempo foi passando, foram mudando ou aumentando as possibilidades para coisas da moda”¹⁰⁸.

Figura 7 - Armazéns da Bromberg na beira do Guaíba



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Em 1912, a Bromberg & Cia era a primeira colocada entre os exportadores hamburgueses que negociavam com a América do Sul. No ano

¹⁰⁷ Ibidem, p. 440.

¹⁰⁸ BROMBERG, Lilian. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

seguinte, ao comemorar seu cinquentenário¹⁰⁹, podia ser considerada a firma mais sólida do Brasil. Em Caxias do Sul, as firmas foram representadas por Abramo Eberle¹¹⁰ que depois se transformou em um próspero empresário do ramo metalúrgico. Em cinquenta anos, a soma das transações duplicou, apesar da crise de 1929 e das duas guerras mundiais. “A Bromberg foi inscrita na famosa lista negra, mas protegida por Daudt, Berta, Kraemer, Janke e a União de Ferros, constituída em 1898”¹¹¹. O abalo sofrido pelas empresas Bromberg não teve o mesmo impacto que nas demais firmas alemãs no Estado porque, conforme Jean Roche, a Bromberg possuía uma rede de venda de notável organização, resistindo aos golpes econômicos da primeira metade do século XX. Em Porto Alegre, as lojas situavam-se no centro da cidade. A matriz, com sede na Rua da Praia, era o endereço certo para comprar tudo o que fosse necessário para casa, desde utensílios úteis até artigos finos de decoração. Assim, a loja da Andradas era conhecida por “Palácio Encantado da Dona de Casa”. A Bromberg Sociedade Anônima foi a primeira empresa gaúcha a importar o fusca da Volkswagen, da Alemanha, conforme relembra Rita Bromberg Brugger, neta de Arthur e de Waldemar Bromberg:

Sou bisneta do fundador. Nasci e morava em Porto Alegre e, certamente, fui uma das melhores e mais assíduas clientes. Tudo o que a nossa família e a vizinhança precisava, eu comprava depois da aula: desde os alfinetes, lâmpadas, tintas, cristais. Tudo o que conseguia carregar e levar de ônibus.

¹⁰⁹ No ano de 1913, em homenagem aos 50 anos da empresa, foi editado em Hamburgo na Alemanha o álbum fotográfico comemorativo da empresa Bromberg & Cia (1863 – 1913).

¹¹⁰ Interessante a leitura da dissertação intitulada “Imagens do labor: memória e esquecimento nas fotografias do trabalho da antiga metalúrgica Abramo Eberle (1896 – 1940)” de Anthony B. Tessari defendida na PUCRS em 2013 com orientação da professora Dra. Claudia Musa Fay. Na pesquisa em questão, o autor faz uma análise da empresa Metalúrgica Abramo Eberle a partir de 107 fotos de um álbum fotográfico produzido pela metalúrgica, fábrica fundada na cidade de Caxias do Sul no final do século XIX.

¹¹¹ ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 440.

Morávamos além da Tristeza e por lá o comércio se baseava principalmente em cebola e batata. Presenciei a enchente de 1941 e também o “quebra-quebra”, em 1943 ou 1944, quando depredaram o varejo. Lembro de vidro estilhaçado e tudo quebrado dentro da loja. O meu pai comprou um dos primeiros fuscas que chegaram na firma, era verde claro¹¹².

A seguir as histórias do veraneio da família Bromberg na Zona Sul de Porto Alegre.

2.2.1 O VERANEIO DOS BROMBERG

Editada e impressa na Inglaterra, a obra “Impressões do Brazil no Século Vinte”, avalia as condições do Brasil às vésperas da Primeira Guerra Mundial e traz um histórico das empresas Bromberg, bem como de seus gestores.

De vários portos ingleses, de Hamburgo, Antuérpia e de Nova York, importam os srs. Bromberg & Cia, em grande escala, todas as espécies de ferragens, ferro bruto, maquinismos para toda a sorte de indústrias, arame, máquinas para agricultores, cimento, tintas, cevada e lúpulo para cervejarias e outros materiais para uso de fábricas diversas. A firma, que negocia a varejo e por atacado, tem igualmente uma bem montada seção de engenharia e outra para instalações elétricas¹¹³.

A obra citada acima também faz referência às terras adquiridas em Porto Alegre por Waldemar Bromberg, um dos filhos de Martin: “*Waldemar nasceu em Hamburgo, onde foi educado e adquiriu prática comercial. Na*

¹¹² BROMBERG, Rita Brugger. Palácio Encantado. [Depoimento no Blog do Almanaque Gaúcho do Ricardo Chaves. Zero Hora, Porto Alegre, 15 dez. 2011].

¹¹³ Um volume interessante para se avaliar as condições do Brasil às vésperas da Primeira Guerra Mundial é a publicação *Impressões do Brazil no Seculo Vinte*, editada em 1913 por Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd. e impressa na Inglaterra em 1918 para circular no Brasil e outros países. A obra tem 1.080 páginas (LLOYDS GREATER BRITAIN PUBLISHING COMPANHNY (Eds.). *Impressões do Brazil no século vinte*. Sua história, seu povo, commercio, industrias e recursos. p. 824.

*idade de 21 anos, veio para Porto Alegre assumir as lojas Bromberg, da qual, quatro anos depois, se tornava sócio. É dono de valiosas propriedades em Porto Alegre”*¹¹⁴. As valiosas terras de que fala a obra refere-se à chácara de veraneio da família Bromberg na Zona Sul de Porto Alegre, no antigo bairro da Tristeza, atual Pedra Redonda. Como informa sua neta Lilian:

*O meu avô Waldemar que nasceu na Alemanha veio para cá como comerciante, ele fez parte do grande comércio da firma Bromberg S. A. E o vínculo dele com a Pedra Redonda é que ele comprou um pedaço de terra, fundos para praia, e aqui montou a sua casa, e passou a veraneiar. Ele tinha uma casa na Mostardeiro, 27, e durante os fins de semana e no verão passava aqui na casa da praia*¹¹⁵.

Em torno de 1900, Waldemar se casou com Dorothy Booth, imigrante de origem inglesa, cuja família já residia na Zona Sul. Era comum, naqueles tempos, as famílias estrangeiras frequentarem os mesmos locais de sociabilidades, como os clubes, as festas e, no verão, a beira do rio. E foi isso que aconteceu com os Booth e os Bromberg, conforme relato:

*Ainda, no século 19, as colônias alemã e inglesa em Porto Alegre se davam muito bem, o que fez a 'alemoada' frequentar a residência dos Booth nos fins de semana. Assim, Waldemar Bromberg conheceu Dorothy Booth, uma das filhas de Charles Edward Booth, com quem se casou e teve cinco filhos*¹¹⁶.

Charles Edward Booth era um egresso da Marinha Mercante Inglesa, por isso ficou conhecido por Comandante Booth¹¹⁷. Charles chegou a Zona Sul ainda no século XIX, sendo um dos primeiros na região. Os

¹¹⁴ LLOYDS GREATER BRITAIN PUBLISHING COMPANY (Eds.). Impressões do Brasil no século vinte. Sua história, seu povo, commercio, industrias e recursos. p. 824. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g00.htm>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

¹¹⁵ BROMBERG, Lilian Dorothy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ MACHADO, Janete da Rocha. Da Inglaterra para a Zona Sul. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 31 maio 2013.

Booth compraram uma área que ia desde a beira do rio até a Cavalhada. Após descobrir uma mina de argila (hoje imediações da AABB na Avenida Coronel Marcos), o comandante edificou ali a sua olaria. Os tijolos fabricados eram transportados até o Centro de Porto Alegre pelo Guaíba. Para o escoamento da produção havia, na beira do rio, fundos do atual Clube Macabi, um trapiche construído para esse fim (Figura 15). Sobre as histórias do trapiche conta uma das bisnetas do comandante:

Os tijolos fabricados eram da marca três estrelas, eles eram transportados em trôlei sobre trilhos até a ponta de um trapiche, onde eram carregadas chatas que levavam o material para o cais do porto. Quando a olaria encerrou suas atividades, a madeira do trapiche foi vendida para um cidadão que tentou arrancar as colunas do fundo do rio. Como elas não cederam e o guindaste usado virou, o tal cidadão resolveu serrar as colunas no nível da água. Os tocos ainda estavam todos lá na década de 1960 e causaram vários acidentes com lanchas que não conheciam o local e passaram por cima quando as águas do rio cobriam tudo¹¹⁸.

Os tijolos da marca três estrelas, fabricados na olaria de Charles, ficaram famosos, pois foram utilizados para a construção do Paço Municipal em 1898, a sede da Intendência de Porto Alegre. Ainda sobre o que sobrou do trapiche, relembra a descendente de Charles:

Eu e meus irmãos e todos os amigos, residentes e veranistas da Pedra Redonda, cada um tinha o seu toco. A gente ficava durante horas pendurado dentro d'água, conversando, colocando as 'focacas em dia'. No verão dava pé no último toco do trapiche, era o mais grosso. Mas, geralmente a gente tinha que nadar até lá¹¹⁹.

¹¹⁸ BROMBERG, Rita Brugger. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 06 abr. 2013.

¹¹⁹ Idem.

Toda a área ao longo da Antiga Travessa Pedra Redonda, hoje Avenida Coronel Marcos, pertencente a Charles Edward Booth, foi, no transcorrer dos anos, sendo loteada por descendentes do comandante e também por empregados da olaria. Entre esses descendentes figuram os Bromberg, cuja moradia de verão (fig. 9) construída em meio a espessos arvoredos e com vistas ao lago, priorizava o descanso e ao lazer.

Figura 8: Waldemar e filhos na praia da Pedra Redonda/1929



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

Na imagem acima (fig.8) é possível identificar Waldemar Bromberg (de costas e vestindo camisa clara) acompanhado dos filhos (em traje de banho) na praia localizada nos fundos da propriedade.

A chácara de veraneio da família, situada, portanto, no balneário da Pedra Redonda, que na ocasião pertencia ao bairro Tristeza, era uma das mais belas da região. Com uma confortável vivenda e uma infraestrutura completa, montada para o recreio, Waldemar e família podiam usufruir do espaço à beira rio, inclusive nos finais de semana. A fina

moradia possuía guarda-barcos e atracadouro próprio, o que facilitava a prática de esportes no Guaíba.

Para Lilian, neta de Waldemar, os alemães buscavam o sol e os prazeres do rio: “Meu avô velejava, remava e pescava. E o rio era um convite para um banho imediato. Não se pensava duas vezes”¹²⁰. A ampla moradia (fi. priorizava espaço e conforto. A bonita cobertura do telhado protegia do forte calor nos meses mais tórridos, proporcionando, assim, bem-estar aos frequentadores da propriedade. O avarandado, típico de casas de veraneio, servia para melhor acomodar a família e os convidados. Sendo o atrativo maior, as águas limpas do rio, a escada de poucos degraus levava até a praia. A chácara também possuía jardins bem ornamentados, árvores centenárias e um piso de grama bem ao estio alemão¹²¹.

Figura 9 - Casa de veraneio de Waldemar Bromberg/1906



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

¹²⁰ BROMBERG, Lilian Dorothy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

¹²¹ MACHADO, Janete da Rocha. A família Bromberg e o lazer na Zona Sul. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 set. 2013.

Em outra imagem (Figura 10), é possível identificar a família em momento de lazer e de conversas na varanda da residência, permeando uma nova cena social em plena virada do século XX. É importante salientar ainda que o caráter de exotismo do local servia para um público que tinha dinheiro e podia gastar com lazer e férias durante alguns meses do ano. Além disso, a indumentária dos fotografados, como sofisticados vestidos e elegantes ternos, possibilita um entendimento acerca do requinte dessa classe que dispõe de recursos financeiros. A imagem analisada deixa ver, portanto, sociabilidades, as quais incorporaram a ideia de um tempo vivido na zona sul, relacionando-se com a presença de famílias burguesas, sendo a maioria delas oriundas de imigrantes alemães. Uma herança, saudosamente, acalentada pelos mais velhos nas suas lembranças que remontam ao “glamour” e ao charme vivenciados, especialmente, nos meses de verão, às margens do Guaíba.

Figura 10 - Waldemar, Dorothy e Martim Bromberg na varanda da residência/1911



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

A próxima imagem (Figura 11) registra o encontro entre as duas famílias: os Booth e os Bromberg nos espaços compartilhados entre as

chácaras de verão à beira do Guaíba. . O momento, congelado no tempo, deixa ver um possível evento de confraternização entre os integrantes das duas famílias vizinhas. Pois não era raro acontecerem festas ao ar livre, os chamados “garden party”. O cuidado com o guarda-roupa, tanto masculino quanto feminino, remete ao requinte da “Belle Époque”, típico daquele período de transição.

Figura 11 - As Famílias Booth e Bromberg na chácara da Pedra Redonda/1910



Fonte: Acervo da Família Bromberg.

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes de uma classe ascendente. Para Sevcenko os grupos buscam, a partir do início do século XX, uma estação de cura e recreio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se tornando impulsionadores do turismo. Nos anos 1930, Vargas institui o direito geral ao repouso anual. Assim, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir um tempo maior de lazer.

A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos vizinhos, das hierarquias profissionais, dos papéis sociais e das reservas de conduta”. Era o início da vocação balneária (...)

fazendo das praias o foco principal do lazer e uma extensão natural dos quintais e das salas¹²².

Assim eram as residências que possuíam praia particular na zona sul de Porto Alegre, pois as águas do Guaíba chegavam aos quintais dos fundos das famílias mais prósperas da cidade. Lilian Bromberg relembra ainda como sua família usufruía de confortos à beira rio, pois somente os grupos com mais posses possuíam sua charrete com chofer:

A família tinha uma charrete que buscava no final da linha do trem na Tristeza no início do século. Antes da charrete era a carroça que fazia a conexão com o trem e a chácara. Meu avô, Waldemar Bromberg, praticava vela e remo no Guaíba, por isso ele era assim bronzeado. E nós, a terceira geração, também aproveitamos muito o rio¹²³.

Com o passar do tempo, muitas famílias que faziam o seu veraneio na zona sul, passaram a residir no local. E foi assim com Waldemar Bromberg, conforme relembra sua neta: “Depois de seu retorno da Alemanha, Waldemar e Dorothy passaram a residir o ano todo na Pedra Redonda”¹²⁴. Em torno dos anos 1930, devido à quebra da Bolsa de Valores de Nova York, as empresas enfrentaram uma forte retração nos negócios, obrigando a família a abrir o capital aos novos sócios. “Quando a firma quebrou, decorrente da quebra da bolsa de Nova York em 1929, foi aberta a sociedade anônima para salvar a firma e aí entraram outros sócios”¹²⁵.

Entre as medidas de contenção, uma forçou Waldemar a residir definitivamente na zona sul da cidade: a venda da fina moradia situada na

¹²² SEVCENKO Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 571.

¹²³ BROMBERG, Lilian Dorothy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

¹²⁴ BROMBERG, Lilian Dorothy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

¹²⁵ Ibidem.

Avenida Mostardeiro. Assim, o novo empreendimento dos Bromberg, após reestruturação, passou a se chamar Bromberg Sociedade Anônima. As lojas em Porto Alegre se mantiveram até 1982, quando a firma encerrou todas suas atividades no Rio Grande do Sul. Os negócios bem sucedidos das firmas Bromberg irradiaram-se pelo sul do Brasil e por outros países da América do Sul, influenciando diretamente no desenvolvimento da economia do estado e na ascensão de grupos que tinham estreita ligação com a Alemanha. A aquisição de terras no balneário da Pedra Redonda se insere nesse universo de teutos brasileiros na zona sul da cidade.

Como era de costume na época, os grupos mais endinheirados da cidade residiam na Independência e veraneavam nas praias da Zona Sul. Os progressos empreendidos pelas firmas Bromberg a partir do final do século XIX, no Rio Grande do Sul, possibilitaram a ascensão social da família, a qual pode comprar grandes extensões de terras e vivendas em lugares aprazíveis como a Zona Sul. A seguir, a trajetória e o sucesso da Família Dreher.

2.3 COLONOS ALEMÃES NA ZONA SUL: O EMPREENDEDORISMO DOS DREHER

No início do século passado, as terras onde hoje se encontra o Bairro Jardim Isabel¹²⁶, pertenciam a Bernardo Dreher e família. O local abrigava, além da exuberante Mata Atlântica, uma próspera chácara, responsável pelo abastecimento de produtos hortigranjeiros à população local. Eram

¹²⁶ O bairro Jardim Isabel foi criado em 2009, pela lei de número 10724, sendo um dos bairros mais recentes de Porto Alegre. (ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA JARDIM ISABEL - ASCOMJIP, 2013).

terras fronteiriças ao Morro do Osso¹²⁷, ao Morro do Sabiá e próximas ao Guaíba, locais que ainda hoje conservam o seu bioma original¹²⁸. Assim como as demais famílias de origem germânica, os Dreher também faziam uso do rio para banhos nos dias mais quentes do verão. A moradia servia aos integrantes da família e também aos amigos e familiares que vinham em busca de recreação na Zona Sul. Algumas fotos pertencentes ao acervo da família Dreher comprovam essa prática.

Conforme carta deixada por Martha Dreher, esposa de Bernardo pode-se ter uma ideia de como era a Zona Sul naqueles primeiros anos do século passado: “Em 1923, a região era escassamente povoada, só existindo uma casa comercial, a venda do Juca Batista, na curva da Estrada da Cavallhada, e, na vizinhança da nossa chácara, alguns casebres modestos pertencentes a gente humilde”¹²⁹. A história de Bernardo Dreher remonta ao século XIX, quando seu avô, Joahann Karl Dreher (1820 – 1898), imigrante alemão recém-chegado da Europa, dá início a uma série de empreendimentos de sucesso no Rio Grande do Sul. Entre esses negócios, estava o da exploração de pedras, cuja técnica foi trazida da cidade de Idar na Alemanha. “A oficina dos Dreher ficava em Idar-Oberstein, até hoje o centro mais importante no processamento de pedras preciosas e semipreciosas. Eles eram especialistas em ágatas”¹³⁰.

¹²⁷ O Morro do Osso faz parte da Crista de Porto Alegre e localiza-se próximo à margem do Lago Guaíba. Possui aproximadamente 220 hectares de área natural e constitui um importante reduto biológico, praticamente isolado pela crescente urbanização dos bairros Tristeza, Ipanema, Camaquã e Cavallhada, adjacentes ao morro. Esse patrimônio natural destaca-se pela sua biodiversidade, tanto em ambientes de campo como de mata, e contempla áreas de apurada beleza paisagística e valor arqueológico. (MENEGAT, Rualdo (Coord.). Atlas ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 1998, p. 80).

¹²⁸ MACHADO, Janete da Rocha. Colonos alemães na Zona Sul de Porto Alegre. Os Jardins da Dona Isabel. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 12 out. 2012. p. 4-5.

¹²⁹ DREHER, Martha Elisabeth. Carta escrita em 1970. [Acervo da Família Dreher].

¹³⁰ WEIMER, G. As memórias de Joahann Carl Dreher e de Heinrich Georg Bercht. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1988, p. 8.

Desta forma, a região localizada no distrito de Birkenfeld, estado da Renânia, era um centro de lapidação de pedras, e o nome Dreher, que significa torneiro, provavelmente, originou-se da profissão. “No distante ano de 1840, em plena Guerra dos Farrapos, chegava em Porto Alegre o jovem imigrante Joahann Carl Dreher, natural de Vollmersbach, proximidades de Idar na Alemanha Ocidental”¹³¹. A escassez destas pedras na Alemanha impulsionou os Dreher, então especialistas na lapidação de ágatas, a buscarem a matéria-prima no sul do Brasil, na região de São Jerônimo e no Alto Taquari. Apesar de muito trabalho, o resultado dos negócios com as pedras foi compensador e Joahann se tornou um conceituado comerciante, dando origem a uma das mais sólidas fortunas de Porto Alegre. Fortuna esta que iria se perpetuar e se sedimentar nas mãos de seu filho, Edmundo Dreher. A partir das memórias do próprio Joahann, o autor Günter Weimer recupera os primórdios dessa história de sucesso e de empreendedorismo da família Dreher no Estado:

Completei minha primeira coleção de pedras enquanto, por vezes, passava por mais bocados. Seguidamente saía de manhã cedo quando os cristais da geadá ainda brilhavam na grama e procurava pedras nos pequenos regatos afluentes do Taquari, as quais levava nas costas por sobre os barrancos até a casa dos Schreiner. Não poucas vezes aconteceu que as laranjeiras das chácaras abandonadas pelos moradores por causa da revolução, forneciam o necessário para o café da manhã¹³².

A diversificação nos negócios, empreendida pelas três gerações da família, permitiu aos Dreher acumular ganhos, ampliando a fortuna. O grupo foi pioneiro também no ramo de importação e exportação de

¹³¹ Ibidem, p. 5.

¹³² WEIMER, G. As memórias de Joahann Carl Dreher e de Heinrich Georg Bercht. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1988, p. 27.

produtos alimentícios, bem como precursores na navegação fluvial, cujas embarcações faziam, regularmente, as linhas Porto Alegre-Palmares e Porto Alegre-Tapes. Ficaram conhecidos os vapores Montenegro, Camaquã, Gustavo e Palmares, todos pertencentes à “Navegação Dreher & Cia”. A companhia oferecia também serviços de iates, chatas e vapores, com viagens para os portos de Tapes, Arambaré e Porto Alegre.

O Vapor Montenegro da Navegação Dreher, movido por duas rodas laterais, com acomodações para passageiros, transportavam os veranistas de Porto Alegre até Palmares. Partindo de manhã cedo da capital, chegava-se pelas 3 horas da tarde em Palmares, donde um trenzinho com bitola de trilhos de 60 centímetros, em viagem de 3 horas, conduzia a gente até Conceição do Arroio, hoje cidade de Osório, lugar de pernoite. Na manhã seguinte, pelas 7 horas, o mesmo trem levava os passageiros da Estação até o porto, um percurso de poucos minutos, onde se iniciava a viagem de lancha a motor, através das lagoas Osório, Pinguela, Quadros e Itapeva, até Porto Estácio, sendo o resto do percurso até Torres feito de ônibus¹³³.

Esse domínio de mercado só deixou de existir quando o governo construiu a estrada de ferro em 1921, possibilitando, desta forma, uma comunicação mais rápida à Capital, bem como, servindo de complemento à navegação lacustre que acontecia de Osório a Torres.

O círculo comercial estava fechado através dos filhos, netos e bisnetos do pastor de Três Forquilhas: Vogel e Diehl, abrangendo todo o comércio local; os Dreher recebendo mercadorias, principalmente a cachaça e os demais produtos coloniais que transportavam no vapor Gustavo. A trajetória realizada pelo vapor era via Lagoa dos Patos, Guaíba, atracando no trapiche de

¹³³ DREHER, Martha E. Uma viagem a Torres pelas lagoas do litoral há 50 anos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 07 jun. 1977. P. 30.

Edmundo Dreher & Cia que se encarregava da distribuição dos secos e molhados, na capital e arredores ¹³⁴.

Os Dreher possuíam ainda armazém de Secos & Molhados no centro de Porto Alegre. O estabelecimento tinha trapiche próprio na beira do Guaíba para atracamento dos navios e mercadorias. No armazém, eram guardados e comercializados grandes estoques de produtos estrangeiros como vinhos, sardinhas, bacalhau e azeite de oliva, originários de Portugal, país com que mantinham boas relações comerciais. Assim, o sucesso e o espírito empreendedor do primeiro Dreher foram transmitidos às gerações seguintes, e o seguidor foi, primeiramente, Edmundo. Após a morte deste, seguiu nos negócios, seu filho Bernardo. Conforme documento abaixo se observa a diversidade dos negócios administrados por Edmundo Dreher.

Entre as mais importantes casas importadoras da capital do estado figura a que sob a razão social de Edmundo Dreher & Cia foi fundada em 1879. Os importantes negócios que trata esta conhecida e conceituada casa, a importação e exportação de gêneros de estiva formam o principal elemento. É um dos principais exportadores de banha refinada deste estado. Representante de várias fábricas desse produto e associada em algumas delas como sejam: J. Renner & Cia em São João de Montenegro, e A. Evers & Cia, em Sta Cruz: destacam pela sua superior qualidade e pela aceitação que tem nos mercados consumidores do Brasil as marcas Roza, Tres Estrellas e Excelsior. Edmundo Dreher e Cia são igualmente representantes e agentes gerais da grande fábrica de conservas alimentícias de Carlos H. Oderich & Cia em São Sebastião do Caí. Em Tapes a firma é proprietária de um importante engenho de arroz, com uma capacidade de 500 sacos diários ¹³⁵.

¹³⁴ SILVA, Marina Raymundo. Navegação Lacustre Osório – Torres. Porto Alegre: Jollo, 1999, p. 58.

¹³⁵ Carta deixada por Ernesto Dreher. Acervo da Família Dreher doado gentilmente por Maria Cristina Dreher Mansur em outubro de 2012. [Acervo particular da Família Dreher].

Durante muito tempo, Edmundo permaneceu o chefe dos negócios no Rio Grande do Sul. Nascido em São Leopoldo, em 1857, fez seus estudos na cidade natal e também em Porto Alegre, adquirindo nesta última a prática comercial, indispensável para o sucesso do empreendimento. Em 1879, estabeleceu-se, individualmente, até fazer do nome Edmundo Dreher referência no Estado. Homem de grande visão empreendedora foi diretor e membro de diversas companhias com sede no Rio Grande do Sul. Em 1930, a empresa de navegação passou para o nome de Bernardo Dreher, devido ao falecimento de Edmundo, conforme informação obtida junto aos descendentes.

A terceira geração dos Dreher seguiu o mesmo caminho de sucesso das anteriores, porém, por um período mais curto, devido a questões político-econômicas do Estado Novo de Getúlio Vargas. Bernardo Dreher nasceu em seis de abril de 1887 em São Leopoldo e faleceu em Porto Alegre em onze de janeiro de 1952. Concluiu seus estudos no Colégio Nossa Senhora da Conceição, escola dos Padres Jesuítas de São Leopoldo. Recém-formado, empregou-se na firma do pai “Edmundo Dreher & Cia Importadores e Exportadores”. Em 1914, casou-se com Martha Elisabeth Bercht, filha de Jorge Bercht, membro do grupo de comerciantes conceituados da capital. A Família Bercht era proprietária de uma chácara de veraneio na Tristeza. Há indícios de que tenha sido esse o motivo que levou Bernardo a comprar alguns hectares de terras na Zona Sul, onde é hoje o Bairro Jardim Isabel. Conforme relembra Martha Dreher:

Como aconteceu com muitos Porto-Alegrenses que não resistiram aos atrativos da hoje denominada Zona Sul, adquirindo pequenos sítios ou chácaras nos arredores da Tristeza e Pedra Redonda, também nós, meu marido e eu, acabamos comprando uma área de terras de regular tamanho, situada

defronte à Chácara Meyer, pertencente aos descendentes da Família de Oscar Bastian Meyer. Nesta chácara existe uma colina revestida de espesso mato, refúgio de muitos pássaros, onde se ergue a Casa da Juventude e donde se descortina bonita vista sobre o Guaíba. O lugar é conhecido por “Morro do Sabiá”, designação que deu nome à região¹³⁶.

Assim, Bernardo instalou-se na Zona Sul de Porto Alegre em torno da década de 1920, com o intuito, inicialmente, de usufruir o lazer conforme já o faziam outras famílias burguesas da época. Com o tempo, passou a fixar residência no local, exercendo também atividades na terra, como plantação e criação de animais.

Figura 12 – A Família Dreher em dia de praia. Pedra Redonda/1940



Fonte: Acervo da Família Dreher.

Da diversidade comercial empreendida a partir do primeiro Dreher ainda no século XIX, os negócios reduziram-se a uma chácara onde se cultivavam produtos hortifrutigranjeiros.

¹³⁶ Nossa Chácara - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970. [Acervo particular da Família Dreher].

2.3.1 A CHÁCARA DOS DREHER E OS JARDINS DA DONA ISABEL

Durante muitos anos, a chácara dos Meyer foi a única vizinhança da Família Dreher naquela longínqua e inóspita região de Porto Alegre. Foi, em princípios de 1920, que Bernardo Dreher adquiriu cerca de 40 hectares de terras em uma região conhecida como Pedra Redonda, Zona Sul de Porto Alegre. Conforme relata Martha:

A área de terras por nós adquirida no longínquo ano de 1923, pela quantia de cinquenta contos de réis, pertencia ao capitalista Otto Niemeyer que também morava na Tristeza, onde possuía muitas propriedades. Naquela época, ainda não existiam os balneários de Ipanema, Espírito Santo e Guarujá, cujas terras eram propriedade particular e suas praias inacessíveis ao público. A respeito, lembro um artigo do Pe. Ruben Neis, publicado há algum tempo no Correio do Povo, em que o referido sacerdote afirma que toda a imensa área de terras, desde o hoje balneário Espírito Santo, passando por Ipanema, Pedra Redonda, Vila Conceição, Tristeza e Vila Assunção pertencia um único fazendeiro, só havendo ali campos e matos¹³⁷.

As terras compradas por Bernardo eram limítrofes à Chácara de Oscar Bastian Meyer no Morro do Sabiá e à fazenda do Juca Batista. Atualmente, essas propriedades integram o bairro Ipanema. Após a compra das terras, Bernardo Dreher construiu a moradia da família – um lindo palacete, mais conhecido por “Castelinho”, e que ainda está no mesmo local onde foi edificado em 1923. Para a obra foram trazidos ladrilhos, vitrais e azulejos da Europa.

¹³⁷ Nossa Chácara - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

Figura 13 - Palacete dos Dreher/2013. No detalhe o ano da construção: 1923



Fonte: Acervo da Família Dreher.

O casarão adquiriu fama, anos mais tarde, pelos encontros de negócios que ali ocorriam. Martha Dreher relembra esses momentos: “Como meu marido, através de seus negócios, era muito bem relacionado, nossa chácara vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres lembro o Dr. Getúlio Vargas e Da. Darcy, entre outros”¹³⁸. Com o passar do tempo, os espaços da chácara foram sendo tomados pelos estábulos, chiqueiros, galinheiros, hortas, orquidários, pomares e pelos bonitos jardins da dona Isabel, como era conhecida na região, a esposa do seu Bernardo:

*Tínhamos criação de ovelhas, porcos, coelhos, aves. No pátio, ao redor da casa havia araras, macacos, tamanduás – um verdadeiro jardim zoológico. Certa vez, depois da enchente de 1941, até um jacaré apareceu no açude. Nos matos da chácara, viviam muitos animais selvagens, como guaraxains, tatus, porco-espinho, ratões do banhado, preás, além de cobras e lagartos. Nos campos, havia bandos de quero-queros e até perdizes apareciam de vez em quando*¹³⁹.

¹³⁸ Nossa Chácara - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

¹³⁹ Idem.

Era um grande arranchamento em terras as quais costeavam o Morro do Osso, local de fauna e flora ricas. Daí, a existência de animais e plantas na chácara dos Dreher. Naqueles tempos, não havia ainda a Coronel Marcos, avenida que, atualmente, liga o centro aos bairros mais distantes da Zona Sul. Os caminhos eram de chão batido, o que dificultava o deslocamento. Assim, o transporte pelo Guaíba foi, durante muitos anos, uma alternativa muito utilizada. Contavam os antigos moradores do lugar que, nas terras pertencentes a Bernardo ocorriam fenômenos sobrenaturais. Na divisa leste da chácara, à beira da Estrada Conselheiro Xavier da Costa, fronteira ao Bairro Ipanema, existia uma centenária figueira, local de lendas e superstições. Entre as histórias contadas pelos mais velhos, figuram as de assombrações e de tesouros, como as descritas em carta por Martha Elisabeth Dreher:

Diziam os moradores da zona que às vezes apareciam luzes debaixo da árvore e, por acreditarem que o lugar era assombrado, ninguém se atrevia a passar ali à noite. Também corria o boato de que um tesouro enterrado havia ali e, de fato, notavam-se sinais de escavação próximo das raízes da figueira¹⁴⁰.

Isso atraiu os moradores das vizinhanças que vinham em busca dos tais tesouros, aumentando desta forma, o número de famílias residindo na região. Neste período, em torno dos anos 1930, além das atividades da chácara, Bernardo Dreher envolveu-se com outros negócios. É dele a primeira usina de açúcar do Estado, a Usina Santa Martha Ltda. O empreendimento, localizado no Município de Osório, foi inaugurado em 1929 por Getúlio Vargas, na época presidente do Rio Grande do Sul. Alguns anos depois, visando à ampliação dos negócios, reatou as relações

¹⁴⁰ Idem.

comerciais com a firma de navegação de seu pai “Navegação Dreher”, pois era preciso agilizar o escoamento da produção de açúcar, ou seja, transportar a mercadoria entre Porto Alegre e a região do litoral norte. Bernardo também era dono de um importante engenho de arroz em Tapes, cuja capacidade de produção era de 500 sacos diários. Em 1940, Bernardo Dreher abandonou essas atividades para dedicar-se, juntamente com sua esposa, às lidas da chácara na Zona Sul.

Ao desligar-se das mencionadas atividades na década de 1940, época em que a zona da chácara fazia parte do cinturão verde da cidade, Bernardo dedicou-se de corpo e alma ao cultivo e comércio de hortaliças e frutas provenientes de suas hortas e pomares, além da manutenção de seus valiosos orquidários¹⁴¹.

Desta forma, a família cultivava e comercializava uma infinidade de produtos extraídos de sua horta e pomar. O restante dos produtos oriundos da chácara, Bernardo transportava até o Mercado Público e comercializava no Centro da cidade.

Em matéria de verduras e frutas, as hortas e pomares organizados por meu marido primavam pela qualidade de seus produtos. Tinham praticamente de tudo e, especialmente, as frutas – maçãs, pêssegos, ameixas, marmelos, mangas, caquis, etc. Eram famosos pelo tamanho e qualidade, tanto que na época de colheita sempre aparecia muita gente de Porto Alegre para comprá-las. O que não era vendido eu aproveitava para fazer geleias, marmeladas, goiabadas e sucos¹⁴².

¹⁴¹ Nossa Chácara - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

¹⁴² Idem.

No auge do veraneio da Pedra Redonda¹⁴³ e com o advento da Estrada de Ferro do Riacho, cresceu a procura por terrenos na região. É desta época a construção das primeiras vivendas de veraneio – as imponentes e admiradas residências com praia particular. Surgem, também, os bairros Ipanema, Espírito Santo, Guarujá e, com eles, proliferam os loteamentos, resultado da divisão das terras de antigos chacareiros, como Bernardo Dreher. Na década de 1950, a região dos Jardins da Dona Isabel não escapou do crescimento e da urbanização imposta à Zona Sul da cidade. A chácara, outrora símbolo de opulência, transformou-se no loteamento “Jardim Vila Isabel”:

Por não se enquadrar na zona da produção hortigranjeira, nossa chácara, devido à valorização das terras e elevação dos tributos, teve de ser urbanizada, constituindo o loteamento Jardim Vila Isabel, onde os antigos campos, matos, hortas e pomares cederam lugar a bonitas vilas e aprazíveis jardins. Esta mudança, de certo modo, me causa tristeza, mas, ao mesmo tempo, fico contente quando me conscientizo de que muitos ex-moradores de apartamentos, encontraram ali a paisagem, o espaço, o ar puro, o sol e a tranquilidade que todos nós hoje tanto almejamos¹⁴⁴.

Pelo Projeto de Lei nº 10.724 de nove de julho de 2009¹⁴⁵, o loteamento Jardim Vila Isabel se transformou no Bairro Jardim Isabel. Resultado do empenho dos moradores e da Associação Comunitária Jardim Isabel e Ipanema (ASCOMJIP) criou-se o bairro, cujo nome foi escolhido como uma forma de homenagear aquela que foi a primeira

¹⁴³ O auge do veraneio na Zona Sul de Porto Alegre se deu nas três primeiras décadas do século passado.

¹⁴⁴ Nossa Chácara - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

¹⁴⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Os bairros de Porto Alegre criados por lei. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=129>. Acesso em: 15 abr. 2022.

colonizadora dessas terras: Martha Elisabeth Dreher ou simplesmente Dona Isabel.

A seguir as histórias de Lya Bastian Meyer, a primeira bailarina clássica do Rio Grande do Sul, e de sua chácara de veraneio no Morro do Sabiá.

2.4 VILA CLOTILDE: A CHÁCARA DA BAILARINA LYA BASTIAN MEYER

Filha única de Oscar e Clotilde, Lya Bastian Meyer, nasceu em Porto Alegre, onde teve uma infância feliz ao lado de seus pais, desfrutando dos prazeres e das alegrias da chácara de verão na Zona Sul de Porto Alegre¹⁴⁶. A residência onde Lya nasceu e morreu, foi edificada às margens do Guaíba em uma região chamada de Morro do Sabiá na Pedra Redonda. Em homenagem a sua esposa Clotilde e demais mulheres da família, Oscar nomeou a chácara de Vila Clotilde, um refinado bosque com ares de parque inglês.

Proveniente de uma família de boa posição social e financeira, a menina Lya foi envolta em um mundo de conforto, carinho e instrução. Estudou nos melhores colégios da cidade e do exterior, aprendeu línguas, o que lhe possibilitou, ainda muito jovem, a descoberta da dança. Primeira gaúcha a cruzar o oceano para estudar balé, Lya era uma promessa diante dos olhos especialistas de Nenê Dreher Bercht¹⁴⁷ e Mina

¹⁴⁶ MACHADO, Janete da Rocha. A primeira dama do ballet clássico de Porto Alegre. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, 12 mar. 2011. p. 2.

¹⁴⁷ Leonor Dreher Bercht, conhecida como Nenê Dreher Bercht morou durante muitos anos na Pedra Redonda, local onde conheceu Lya Bastian Meyer. Na região todos a conheciam por Dona Nenê. Casada com Arnaldo Bercht (Arnold Bercht), rico comerciante de fazendas (panos). Ele importava fazendas e representava os fabricantes nacionais. A família também foi fundadora e dona do Arco dos Aventais, empresa que fabricava todo tipo de aventais, jalecos fardamentos etc. Nenê era vizinha da bailarina, ela morava na Av. Coronel Marcos. O terreno dos Bercht era muito bem cuidado com jardineiros permanentes. Na ocasião, se comentava a casa da Nenê se parecia uma casa de bonecas. (Depoimento do Padre Antônio Lorenzatto).

Black Eckert, fundadoras do Instituto de Cultura Física do Rio Grande do Sul. O grupo se dedicava a esculpir jovens com sessões de ginástica artística e preparar bailarinos para saraus e festas. Após uma de suas aulas, os professores recomendaram aos pais de Lya: "*Esta menina tem que ir para a Alemanha se aperfeiçoar*". Assim, em 1928, com apenas dezessete anos, embarca para a Europa a fim de se aperfeiçoar naquilo que mais gostava: o balé clássico¹⁴⁸. Os ensaios de Lya aconteciam com suas colegas de dança e com suas alunas, aconteciam nos jardins da chácara na Zona Sul. A estes Lya nomeava de "O Bosque Encantado".

Figura 14 - Clotilde (de preto) e Lya (sentada à direita) na praia da chácara/1920



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

Nos dias mais quentes de verão, Lya e suas amigas e alunas aproveitavam as águas do Guaíba para um banho refrescante (fig. 15). Na realidade, nasceu na chácara de veraneio, o seu gosto pelas artes e pela natureza, mediado pela disciplina e pelo talento de jovem oriunda de imigrantes alemães e de uma classe social em ascensão. Tempos mais

¹⁴⁸ MACHADO, Janete da Rocha. **Lya Bastian Meyer: a grande dama do balé clássico gaúcho**. Revista Leituras da História, São Paulo, p. 54-57, 01 jan. 2012.

tarde, já professora de balé, voltou a utilizar os espaços da propriedade para ensaios com suas alunas, conforme registro da Revista do Globo:

Banhada na luz da tarde primaveril, as graciosas raparigas de pés alados, tomadas do delírio da dança, evoluem à beira do lago. Isto, somente nas horas de lazer, pois o que a foto não mostra são as horas de trabalho, de exercício, este agora ainda mais intenso desde que a Escola de Bailados Clássicos de Lia Bastian impôs-se à bela, mas árdua missão de formar as primeiras bailarinas profissionais rio-grandenses¹⁴⁹.

Figura 15 - Lya (sentada à esquerda) na praia da chácara/1930



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

Repetidas vezes, ela e alunas eram fotografadas por fotógrafos de jornais e revistas da época, entre elas a Revista do Globo. A imagem congelada no tempo transmite informações de uma era que vai longe. Um verdadeiro encontro com o passado. “No maravilhoso parque da Vila Clotilde, no Ipanema, a professora Lya e suas alunas mestres de sua esplendida Escola de Bailados dançam sob o sol, numa clara evocação da

¹⁴⁹ REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, ano XI, n. 248, 25 mar. 1939. [Acervo da Família].

Grécia”¹⁵⁰. A chácara da Vila Clotilde ainda existe e atualmente serve de moradia a descendentes da bailarina.

2.5 OS CONDOMÍNIOS FAMILIARES E SEUS CHALÉS DE VERÃO

No condomínio familiar da Vila Nina, situado no balneário da Pedra Redonda, Zona Sul de Porto Alegre, existem ainda alguns chalés muito antigos que remetem a um tempo áureo de veraneio à beira rio. A moradia mais antiga da propriedade, erguida no final do século XIX, pertenceu ao casal Augusta e Frederico Linck, os primeiros veranistas do local. Contam seus descendentes que as terras foram adquiridas por Frederico, atendendo a um pedido de sua noiva Augusta. Desejosa de um lugar à beira rio, não só para o descanso, mas também para estar próxima às suas amigas, Augusta teria recusado, na ocasião, uma joia valiosa, presente de seu marido, pois preferiu terras na Pedra Redonda.

Conforme recorda Maria Helena Luce Schmitz, sobre sua bisavó:

(...) presentindo o que estaria por vir, preferiu trocar uma joia de certo valor em forma de placa por dinheiro e comprou a chácara. A explicação que ela deu foi de extrema sabedoria, pois, caso ficasse com a placa (um pêndulo para colocar numa corrente), apenas uma pessoa iria usá-la, ao passo que uma chácara daria a oportunidade para que os oito filhos usufríssem as benesses do lugar¹⁵¹.

No passado, chácaras e vivendas, como as da Família Linck, serviram para o lazer às margens do Guaíba. Algumas histórias dessas

¹⁵⁰ REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, ano XI, n. 248, 25 mar. 1939. [Acervo da Família].

¹⁵¹ SCHMITZ, Maria Helena Luce. A descoberta da cidade: memórias em Porto Alegre. Organizador: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013, p. 162.

antigas propriedades e de seus moradores ilustres foram contadas por Helga Bins Luce (90 anos)¹⁵², a qual também veraneava no local.

Figura 16 - Frederico Linck e família (Nina sentada à esquerda)/1900



Fonte: Acervo de Maria Helena Luce Schmitz.

Casada com um dos netos de Frederico Linck e sobrinha de Alberto Bins, Intendente de Porto Alegre, ela relembra alguns momentos alegres de verões passados na Zona Sul.

A primeira vez que viemos foi em 1941. Ficamos na casa dos Ely. Nós éramos em quarenta pessoas. Os homens dormiam na garagem dos barcos. Eu conheci meu marido José Fernando, comecei o namoro na Pedra Redonda. Houve um baile de gala na propriedade da família Barata e lá nós dançamos juntos pela primeira vez. A propriedade era uma linda casa de veraneio. No dia seguinte ele me pediu em namoro na pedra aqui na frente¹⁵³.

É fato que esses eventos serviam não só para o lazer e o descanso, mas também para futuros enlances matrimoniais. E isso ocasionou,

¹⁵² MACHADO, Janete da Rocha. Nove décadas de Helga Bins Luce. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 08 mar. 2013.

¹⁵³ LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

lentamente, a transformação de um espaço ainda rural em outro, mais movimentado e populoso, já que novas famílias se constituíam. Após conhecer seu futuro marido em um desses momentos de sociabilidades, Helga acabou integrando a família de José Fernando, filho de Nina e neto de Augusta e Frederico Linck. Tempos mais tarde, em homenagem a Nina, o condomínio foi batizado:

“O chalé foi construído em 1927 pelo marido da Nina e dado de presente para ela veranejar com os dez filhos. Já a casa grande foi feita pelos Linck (Augusta e Frederico) no final do século XIX. Tanto que a rua se chama Augusta Linck em homenagem a ela. Acontece que muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, na Tristeza, na Pedra Redonda e em Ipanema. Muitas famílias faziam isso: a mulher e os filhos ficavam toda a semana e o marido trabalhava na cidade e vinha para cá nos finais de semana num trenzinho que tinha aqui”¹⁵⁴.

Figura 17 - Helga e José Fernando. Pedra Redonda/1940



Fonte: Acervo de Helga Bins Luce.

¹⁵⁴ LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

Assim, os verões na Pedra Redonda causavam expectativa, pois eram ansiosamente aguardados por aqueles que faziam da estação do estio um tempo para recreio, encontros de amigos e reuniões de negócios. Muitas famílias escolhiam os finais de semana dos meses mais quentes para os reencontros, dando continuidade às sociabilidades entre grupos burgueses naquelas primeiras décadas do século passado. Ressalte-se que esses eventos, invariavelmente, ocorriam nos espaços localizados à beira rio. Para o deslocamento até os balneários mais distantes da Tristeza, o meio de transporte era quase sempre o trem da Estrada de Ferro do Riacho, conforme relembra Helga Bins Luce:

“O trem saía do mercado e vinha até aqui. Muitas famílias faziam a viagem nele. Por exemplo, os Bier, que moravam na Avenida Independência e veraneavam aqui. Os Ely que moravam na André Puente e também veraneavam aqui. As pessoas não iam muito para as praias de mar. Era muito longe e não havia estradas”¹⁵⁵.

Dois aspectos foram preponderantes para os grupos de origem alemã optarem pelo lazer na Zona Sul: o deslocamento para esta parte da cidade comparado ao que era preciso para chegar à orla litorânea; e o fato de estarem todos os grupos que buscavam o lazer, juntos em um mesmo local. E, assim, o aspecto da proximidade entre as famílias permitiu estreitar cada vez mais os laços entre eles. Este é o caso da família de Helga Bins Luce:

“A minha avó era casada com o Luis Englert e se chamava Malvina. Ela tinha uma irmã que se chamava Zulmira que se casou com um Bier. Eles fizeram uma casa aqui na Pedra Redonda para veraneio também. O Hugo Gerdau casou com uma irmã do meu pai, a Otília. Eles tiveram duas filhas, uma delas era a Helda

¹⁵⁵ LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

Gerda que se casou com um Johannpeter. Eles tiveram quatro filhos, um deles é o Jorge Gerda Johannpeter. São todos parentes meus porque a Helda era prima irmã minha”¹⁵⁶.

Os sobrenomes acima citados não deixam dúvidas quanto às origens alemãs de Helga. E isso reforça, especialmente, a ideia da presença teuta nas praias da Zona Sul de Porto Alegre. No depoimento que segue, Helga recorda com alegria alguns momentos prazerosos de sua adolescência, quando desfrutava de banhos no Guaíba sob os olhares atentos de sua avó:

“Aqui se podia tomar banho de rio. Todo mundo usava o rio para banhos. Eu usava os maiôs da Ação Católica com saiotê e tudo e a minha avó que veraneou conosco, a Malvina Englert, ficava na praia com a bengala e chamava a gente quando nós íamos muito longe. Minha avó não entrava na água”¹⁵⁷.

Descendente, portanto, de núcleos parentais tradicionais de Porto Alegre, Helga possuía formação privilegiada para a época. Estudou em bons colégios, viajou e conhecia vários idiomas, entre eles o alemão e o inglês:

“(...) sou professora de inglês, de matemática e de alemão. Eu preparava os candidatos para o exame de admissão. Naquele tempo, para se entrar no ginásio era preciso fazer o exame de admissão. Eu também era secretária bilingue. Em 1942 fui convidada para ser secretária do consulado alemão. Meus tios e meu pai decidiram que eu não podia ser secretária do consulado alemão por causa do Hitler, da guerra e porque o papel da mulher era casar e ter filhos. Naquela época todos fomos proibidos de falar alemão”¹⁵⁸.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Idem.

Helga poderia ter consolidado uma carreira profissional de sucesso, porém preferiu casar e constituir família. O período (II guerra mundial) também inspirava cuidados devido à perseguição aos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul pelo regime de Getúlio Vargas. Para Helga, naquele momento, o casamento foi a decisão acertada: “Fiquei sessenta e cinco anos casada e tive sete filhos. Meu marido faleceu no ano passado. Fui muito feliz!”¹⁵⁹. Assim, integrar o grupo parental dos Linck lhe proporcionou aproveitar o veraneio na Zona Sul da cidade, uma vez que a família possuía um confortável espaço para recreação e descanso. Anos mais tarde, após o casamento com José Fernando, Helga, assim como demais alemães, estabeleceu residência na Zona Sul da cidade:

*“Eu morei algum tempo aqui e meu marido chegava do trabalho e tomava banho à noite. A água que vinha para dentro de casa era do rio. Era água boa, potável. Então a gente levava sabonete e toalha e se banhava na praia. Para uso da cozinha, havia um poço no pátio. Havia também um trapiche e os vapores vinham até ele. E aqui ao lado, nossos vizinhos eram os Pabst. A família dos Pabst era ali onde hoje é a Sociedade de Engenharia – SERGS. Havia um lindo chalé de veraneio na propriedade dos Pabst”*¹⁶⁰.

Por muito tempo, o veraneio dos Luce, Linck e Bins foi sinônimo de diversão. As famílias começavam a chegar antes do natal e ficavam até o fim do verão. A animação era tanta que, muitas vezes, os grupos prolongavam o período de estadia até abril, quando já iniciava a temperatura mais fresca do outono. A seguir, Helga Bins Luce reconstitui vários momentos vividos no condomínio nas primeiras décadas do século passado:

¹⁵⁹ LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

¹⁶⁰ Ibidem.

*“Toda a família veraneava aqui no condomínio. Vinham em dezembro, antes do natal, e voltavam somente em março ou abril. À noite, os adultos se reuniam para conversar. As crianças dormiam cedo. A gente tinha horário para tomar banho no rio. A água que se tinha em casa não era encanada. Era do rio direto. Tinha um poço e um chacareiro que bombeava água para todas as residências. E a gente tomava banho na praia com sabonete”*¹⁶¹.

Desta forma, como já dizia Ary Veiga Sanhudo, “um banho na Pedra Redonda é sempre uma higiene para o corpo e principalmente um regalo para os olhos”¹⁶². E, em se tratando de saúde, a prática de tomar sol nas primeiras horas da manhã sempre foi saudável e recomendada pelo médico da família. “O médico indicava pegar sol, era bom para a saúde. O doutor pediatra da família era o Décio Martins Costa”¹⁶³.

Figura 18 - Helga e o chalé erguido em 1927. Pedra Redonda/2013



Fonte: Autora, 2013.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas da minha cidade. Porto Alegre: Movimento, 1975, p. 189.

¹⁶³ LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

Também essa prática de banhar-se no lago, resultava não só benefícios para o corpo, mas também para a mente. Revelava-se, assim, uma fonte nutridora e protetora do equilíbrio psíquico, já que promovia o bem-estar e o conagração dos grupos. O hábito das brincadeiras dentro d'água estendia-se a quase todas as faixas etárias (à exceção de avó de Helga), conforme relato abaixo:

Eram muitas crianças dentro d'água e nunca aconteceu afogamento. Tinha um caninho dentro da água (como uma boia) e dali as crianças não podiam passar. Ninguém ia para o fundo, ninguém se afogava. O meu marido foi campeão de natação e ele ensinou as crianças da chácara a nadar no rio. Ele gostava de se atirar do trapiche e de sentar lá¹⁶⁴.

Além de aproveitar as águas do Guaíba, outras formas de lazer e diversão eram praticadas durante o verão no condomínio familiar da Vila Nina. É importante que se diga que as brincadeiras com crianças eram as mais numerosas, visto que a chácara possuía o grande contingente infantil. Segundo Helga Bins Luce:

“O meu marido tocava instrumentos e fazia serenata. Havia sessões de cinema nos jardins da chácara, se colocava o projetor e passava os filmes. Era o programa dos adultos. Para as crianças tinha as histórias contadas pela vovó Nina. As crianças sentavam todas em volta da vovó para ouvir as histórias contadas por ela. E é isso que eu sei te dizer. Fomos muitos felizes aqui!”¹⁶⁵

A frase final da depoente não deixa dúvidas: a felicidade foi constante naqueles verões passados na Pedra Redonda, pois Nina soube transformar a propriedade, herança de Augusta Linck, em um local onde a convivência entre as famílias foi permanente e fraterna. Assim,

¹⁶⁴ LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora**. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

¹⁶⁵ Idem.

a matriarca Nina, ao longo das décadas e dos verões, pelas peculiaridades de sua personalidade (mãe dedicada, avó amorosa e contadora de histórias, excelente anfitriã), foi “lapidando” as relações interpessoais do clã que se sentia atraído para o veraneio no condomínio da Zona Sul.

No próximo capítulo a Tristeza e o veraneio na primeira metade do século XX.

3

A TRISTEZA E O VERANEIO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

A região que no passado compreendia o bairro Tristeza era muito maior do que se conhece atualmente, pois o antigo arrabalde incluía os bairros atuais da Vila Conceição, Vila Assunção e Pedra Redonda. Até final do século XIX, toda a região da orla sul da cidade permaneceu exclusivamente rural e pouco povoada devido à dificuldade de acesso. Em torno de 1870, iniciaram os primeiros assentamentos de colonos italianos, atraídos pela fartura e pela fertilidade das terras. Posteriormente, vieram os alemães, cujo espírito empreendedor ajudou a desenvolver o arrabalde.

As belezas do local e as águas limpas do Guaíba fizeram a população buscar as praias da Tristeza para lazer e descanso na primeira metade do século XX, pois, conforme Olintho Sanmartin, “a população da cidade procurava recrear-se nos dias de descanso em arrabaldes aprazíveis”¹⁶⁶, como os da Zona Sul. E foram os teuto os principais incentivadores das atividades relacionadas com o veraneio e o desenvolvimento urbano desta parte da cidade. “A Tristeza sempre foi o alegre arrabalde, para onde se deslocava a nata da sociedade porto-alegrense, a fim de curtir na primavera e no verão, o banho reanimador do Guaíba despoluído”¹⁶⁷.

Outro fator impulsionador do desenvolvimento da Tristeza foi a construção da Estrada de Ferro do Riacho. “Com a ferrovia, a localidade

¹⁶⁶ SANMARTIN, Olintho. Um ciclo de cultura social. Porto Alegre: Sulina. 1969, p. 63.

¹⁶⁷ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1996, II v., p. 129.

teve um crescimento acentuado, não só durante todo o tempo em que ela operou, mas também ainda alguns anos após o encerramento de suas atividades”¹⁶⁸. Conforme dados da prefeitura de Porto Alegre naqueles primeiros anos do século passado, observa-se a importância da ferrovia para o crescimento do arrabalde: “Chama logo a atenção o accrescimo annual tanto de passageiros, como de carga, que me parece dever acen-tuar-se cada vez mais, pela procura que está tendo o arrabalde da Tristeza, como localidade de recreio e vilegiatura”¹⁶⁹.

O propósito inicial da estrada de ferro foi o transporte de pedras e os recipientes do serviço de asseio público da cidade, porém, tempos depois, ela foi utilizada para passageiros, servindo aos moradores e veranistas que buscavam as praias da Zona Sul da cidade. Essa facilidade de deslocamento para a região possibilitou que grupos pudessem adquirir propriedades na faixa de terra entre a estrada e o Guaíba, instalando no local, casas de veraneio, vivendas luxuosas ou simples chalés à beira rio.

Junto com o trem, uma série de outros serviços se fez necessária devido ao movimento intensificado na região. As melhorias incluíam a instalação de armazéns, bares, hotéis, pensões, padarias, açougues, comércio varejista, cinema e clubes. A maior parte desses serviços foi empreendida por grupos de alemães que se fixaram na Tristeza, a partir do final do século XIX. O grande fluxo de veranistas desenvolveu também a vida social e cultural do bairro, pois com eles, vieram também

¹⁶⁸ HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 131.

¹⁶⁹ PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Relatório e projeto de orçamento. Porto Alegre, 1904, p. 16-17. In: HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 81.

novas formas de recreação como bailes, saraus, piqueniques, serenatas, festas populares, entre outros. Os grupos que buscavam o arrabalde para veraneiar eram bem diversificados. Entre eles estavam estudantes, profissionais liberais, intelectuais e empresários, estes últimos proprietários de chácaras com lindas vivendas, a maioria à beira rio. Era um público seletivo que buscava não só as águas limpas do lago para banhos, como também o sossego e a inspiração que o local propiciava.

Entre os veranistas que no início do século buscavam o bucólico bairro da zona sul havia estudantes, funcionários, profissionais liberais como médicos, advogados e outros. Era gente da escola intelectual de Porto Alegre, prosadores, escritores, poetas, que levaram consigo à Tristeza a empolgante vida social e cultural da capital. O Correio do Povo em sucessivas décadas informa que clubes da capital realizavam na Tristeza parte de suas promoções sociais; membros dos clubes veraneavam no balneário. Aí surgiu a Colônia de Recreação dos Universitários. O Clube Jocotó e o Filosofia nasceram na Tristeza, formados na maioria por sócios residentes na capital, mas dividindo suas atividades sócio-culturais entre esta e o bairro¹⁷⁰.

Ainda que não se evidencie um rigor crítico em seus apontamentos sobre o bairro, Olyntho Sanmartin, após uma profunda pesquisa histórica, evoca de forma romanceada cenários do balneário em sua fase mais movimentada, ou, nas primeiras décadas do século XX. Para ele, a Tristeza era um singular recanto, um local desejado e jamais esquecido:

Singular encanto apresentava, sem mencionar as ruas transversais, a zona ribeirinha protegida pela sombra amena de árvores frondejantes e de jardins caprichosamente relvados. O perfume de resinas e dos vegetais circundantes, em pleno verão, com tardes sonolentas ainda sob os reflexos do sol merídio e mais o canto das cigarras e de pássaros mudando de pouso,

¹⁷⁰ FLORES, Hilda A. H. Tristeza e Pedra Redonda. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 61.

todo esse quadro de uma pastoral de sonhos, propiciava aos moradores ocasionais, um repouso de plena quietude que só ao fim do dia despertava para o buliço da vida social despreocupada¹⁷¹.

Para Olintho Sanmartin, “o que havia de mais sedutor era um trenzinho municipal que, partindo da Estação do Riacho junto à histórica Ponte de Pedra, deslizava sobre trilhos marginando o rio Guaíba até alcançar a Praça da Tristeza onde se localizava a estação”¹⁷². A seguir as histórias do “trenzinho” da Tristeza.

3.1 O TRENZINHO DA TRISTEZA¹⁷³

No final do século XIX, começou a funcionar, em Porto Alegre, uma linha férrea que servia aos bairros margeados pelo Guaíba. Também conhecida por Estação Ferroviária do Riacho, porque ficava à beira do Arroio Dilúvio, a linha do trem foi muito importante, pois, além de transportar passageiros e cargas, constituía um dos melhores passeios turísticos de Porto Alegre. O “trenzinho”, como era conhecido, consistia em uma locomotiva maria-fumaça pequena que puxava dois ou três vagões e que trafegava de duas a quatro vezes por dia, dependendo da época do ano. Historiadores são unânimes em afirmar que foi devido ao trem que alguns bairros da Zona Sul de Porto Alegre progrediram. André Huyer em seus estudos sobre a Ferrovia do Riacho e o consequente desenvolvimento da Zona Sul afirma que:

¹⁷¹ SANMARTIN, Olintho. Um ciclo de cultura social. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 63.

¹⁷² SANMARTIN, Olintho. Um ciclo de cultura social. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 64.

¹⁷³ MACHADO, Janete da Rocha. História da Via Férrea na Zona Sul de Porto Alegre. Revistas Eletrônicas da PUCRS – Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 1, n. 1, junho – 2010.

(...) foi a necessidade de remover o esgoto cloacal da cidade, que determinou o surgimento da Ferrovia do Riacho. Em sua concepção, qualquer vinculação da ferrovia com a zona sul era meramente secundária, não tendo sido determinante. Tão somente a localização do ponto de despejo foi o que definiu o trajeto da ferrovia, à Ponta do Dionísio¹⁷⁴.

Inicialmente, a estrada de ferro foi usada para transportar pedras e os recipientes do serviço de Asseio Público da cidade, só mais tarde é que a mesma foi utilizada para passageiros. A linha servia aos moradores que residiam entre os bairros do Riacho (atualmente Cidade Baixa) e do Dionísio (também conhecida por Ponta do Dionísio no bairro Asunção). Tempos mais tarde, a estrada foi estendida até a praia da Pedra Redonda e com uma extensão para a Vila Nova.

Augusto Meyer, escritor, jornalista e contemporâneo do trem, ao lembrar-se de sua adolescência, recorda também momentos da ferrovia na década de 1920:

A grande animação, no Largo da Tristeza, era o trenzinho das cinco. Abro aqui uma leve pausa, em homenagem àquela venerável engenhoca, batizada com o nome de trem. Ficava a estação ao lado da velha Ponte do Riacho, e parece que ainda estou no Beco do Império, picando o passo, ao ouvir o primeiro apito. Ladeira abaixo somos alguns retardatários, em cima da hora. Mas o trenzinho, com mais apito e fumaça do que pressa, levará muito tempo a decidir-se, arrastando a sua sina pela Praia de Belas¹⁷⁵.

Além de passageiros, o trem também levava cargas. Inicialmente eram as pedras da Ponta do Dionísio (hoje, o SAVA Clube – Sociedade

¹⁷⁴ HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 57. [Orientadora: Dra. Célia F. de Souza].

¹⁷⁵ MEYER, Augusto. No tempo da flor. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, p. 106, 1966.

Amigos da Vila Assunção), para a construção do Cais do Porto. Em torno de 1925, Borges de Medeiros, então Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, decidiu dar início à grande obra no Cais. Sendo assim, muita pedra foi levada das pedreiras da Zona Sul ao Centro da cidade pelo trem.

Tempos mais tarde, eram os desagradáveis cubos malcheirosos que faziam a viagem no trenzinho. Provenientes das casas dos arrabaldes, que não tinham esgoto, fossas ou casinhas com buracos nos fundos de quintal, os cubos eram transportados diariamente em vagões do trem até o rio. Desta forma, a estrada de ferro tinha também uma função sanitária. O trajeto percorrido por esse material ia até a chamada Ponta do Asseio ou do Melo, onde ficava o antigo Estaleiro Só no bairro Cristal. Conforme Hélio Ricardo Alves:

É quase inconcebível imaginar-se em nossos dias que um trenzinho chegasse a todo o momento, num trapiche na Ponta do Melo, carregado de cubos (cabungos) cheios, até quase transbordar, de dejetos, recolhidos das casas dos porto-alegrenses, desde que fossem assinantes. Os cubos eram transferidos para um trole sobre trilhos e jogados no Guaíba o seu conteúdo. A única lembrança que eu tenho disto foi quando usávamos os cubos na nossa casa, Rua Mariante, 736, em 1932 a 1934, às custas da assinatura que meu pai fazia. Vinte e três anos depois vim morar em Ipanema, quando se pescava muito, e nunca vi lambaris e tambicus tão grandes como aqueles da Ponta do Asseio. E acreditem, os cubeiros comiam depois de assados num braseiro¹⁷⁶.

Em tempos mais remotos, este material viajava até outra Ponta, a do Dionísio, no bairro Assunção. Porém o local serviu apenas por um tempo devido às reclamações do proprietário daquelas terras, José Joaquim de Assunção. Sobre este incidente discorre André Huyer:

¹⁷⁶ ALVES, Hélio Ricardo. Porto Alegre foi assim... Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, p. 112.

“Federalista declarado, durante a revolução de 1893, foi obrigado a se exilar no Uruguai. Ao retornar deparou-se com uma ferrovia construída por seus adversários políticos em suas terras, para lançar o esgoto da cidade no seu litoral”¹⁷⁷.

Para isso foi criada a linha férrea de Porto Alegre à Ponta do Dionísio. Muita gente pensa, erroneamente, que o trenzinho da Tristeza surgiu para transportar passageiros. Foi graças à reação do Sr. José Joaquim de Assunção, que retornando de seu exílio no Uruguai, não concordou com isto, mandando arrancar todos os trilhos de suas terras (hoje Vila Assunção)¹⁷⁸.

Para Sergio da Costa Franco, em 1915 existia na cidade de Porto Alegre, cerca de onze mil assinantes para os serviços sanitários do trem. Os cubos, fornecidos pela Intendência Municipal da cidade, eram colocados sob a tábua de assento dos banheiros da época, para serem usados e depois de cheios eram encaminhados até a estação do trem mais próxima. Logo que chegava ao seu destino, o conteúdo dos cubos era prensado e descarregado diretamente no Guaíba. Os mesmos cubos, ou cabungos, que levavam os dejetos, após serem descarregados e limpos com creolina, faziam a viagem de volta:

O asseio público deixou suas marcas nas tradições da cidade. Como Ponta do Asseio ficou popularmente conhecida a Ponta do Melo, como Lomba do Asseio a ladeira que ligava aquela ponta à Avenida Padre Cacique. Cabungos e cabungueiros são tristemente lembrados pelos mais velhos¹⁷⁹.

¹⁷⁷ HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 59. [Orientadora: Dra. Célia F. de Souza].

¹⁷⁸ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 109.

¹⁷⁹ FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, p. 43.

Carinhosamente conhecido como o “Trenzinho da Tristeza”, o trem trafegava lentamente, passando por diversos bairros da capital, entre eles, o Menino Deus, o Cristal, a Assunção, a Tristeza, a Vila Conceição e a Pedra Redonda. Faltou pouco para chegar até o Balneário Ipanema (até porque quando Ipanema tornou-se conhecido, já havia linhas de ônibus e uma estrada que ligava o centro ao bairro). O início da linha do trem era na Estação da Ponte de Pedra ou Riacho. No local existia um pavilhão de alvenaria que também servia para guardar carvão e peças de reposição do trem. Ao lado ficava o ponto de embarque e desembarque de passageiros. Alguns anos depois, o ponto inicial da ferrovia foi transferido para a Estação Ildefonso Pinto, perto do Mercado Público. A partir deste local, se dava também a ligação com a Estação Central de Porto Alegre e de onde saíam os trens da Viação Férrea do Rio Grande do Sul para o interior do Estado. De acordo com Alves, o primeiro ponto de partida, na beira do arroio Dilúvio, logo foi considerado longe e sem conexão com outros bairros, por isso foi construída a Estação no Centro:

A linha do trem ficou popular. Construíram-se mais vagões e carros especiais para os domingos, mas os usuários vindos de bairros distantes reclamavam que a Estação do Riacho (junto à Ponte de Pedra) era muito longe. A solução foi construir uma estação central que a conectasse com a do Riacho, e assim surgiu o prédio representado pelo desenho, atrás do Mercado Público, no alinhamento da atual Avenida Borges de Medeiros, servindo para embarque de carga e passageiros vindos de bonde dos bairros distantes. A Estação Ildefonso Pinto e parte da linha férrea perduraram por mais tempo, mesmo depois de desativado o percurso Zona Sul¹⁸⁰.

¹⁸⁰ ALVES, Hélio Ricardo. Porto Alegre foi assim... Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, p. 26.

O trem tinha dois horários de saída, um às 08h e o outro às 16h30min, porém nos domingos, quando a procura era maior, em função dos banhos de rio e dos piqueniques na praia da Pedra Redonda, saía em mais horários, às 10hs e às 14hs. Assim, os bairros da Zona Sul que antes eram distantes, com o trem ficaram mais perto, pois em trinta minutos de viagem, “mal dava para consumir o cartuchinho colorido de amendoim de açúcar e de pipoca bem alva equentinha”¹⁸¹. O preço da passagem era de aproximadamente 400 réis, Alves faz referência a esses valores, quando recorda sua infância na escola:

Lembro que em 1930, quando estudava no Grupo Escolar Rio Branco, no antigo Caminho do Meio (atual Protásio Alves), o meu pai dava-me 200 réis para comprar a merenda no armazém da esquina, que podia ser um ovo cozido (aqueles do vidro com água) ou um pãozinho com manteiga¹⁸².

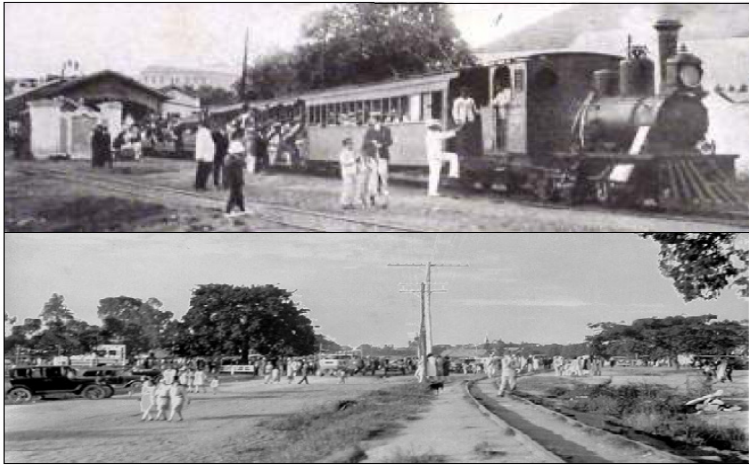
O trajeto do trem era o seguinte: percorria paralelamente o Cais do Porto, fazia a volta na Usina do Gasômetro e seguia pela Avenida Washington Luís, quando então, cruzava o Arroio Dilúvio sobre uma ponte de ferro construída especialmente para aquele fim, a aproximadamente uns cem metros do rio onde o Dilúvio desembocava. Passando para o outro lado, chegava à Estação Riacho, onde os passageiros esperavam por ele. E seguia seu percurso pela Praia de Belas afora, passava por uns trapiches, pelos quartéis da Brigada Militar e logo a seguir fazia outra parada: em frente ao Asilo Padre Cacique. Sempre margeando o rio, seguia o trenzinho, balançando e soltando suas fagulhas até o próximo ponto de parada: a Ponta do Melo ou do Asseio. Augusto Meyer descreve a viagem e o cenário da época:

¹⁸¹ Ibidem, p. 28.

¹⁸² Idem, p. 26.

Começa a afastar-se lentamente a estação da Ponte do Riacho, com seus chorões contemplativos, o Gasômetro e ao longe, o carrancudo perfil da cadeia. Vamos indo. A Praia de Belas encurva a enseada faceira, com debrum de sarandis, salgueiros e juncos. Já se aproxima o Asilo Padre Cacique. Lá em cima do morro, atalaia metida no seu ninho de arvoredos, branqueja o torreão do Velho Wenceslau. E agora, pelo fedor agressivo e tantos narizes tapados a dedo ou lenço, já se percebe que é a Ponta do Dionísio, com o despejo dos cabungos. Há sempre um gaiato para explicar que ali o peixe é mais gordo, a pesca milagrosa. E avança o trenzinho, como pode e como Deus manda¹⁸³.

Figura 19 - Momentos do balneário da Tristeza/1920: a chegada do trem e a praça



Fonte: PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 31.

Quem utilizava a locomotiva, sentia que era uma viagem segura e tranquila¹⁸⁴.

¹⁸³ MEYER, Augusto. No tempo da flor. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, p. 107, 1966. O torreão do Velho Wenceslau que o poeta se refere é, conforme a historiadora Helga Piccolo, o velho Fenselau, uma figura folclórica no bairro Menino Deus, na primeira metade do século passado. Havia uma torre (torreão) nas proximidades de sua residência (hoje frente ao Estádio Beira Rio), local onde ele costumava meditar sempre ao nascer do sol. E era conhecido por isso em toda a Porto Alegre Antiga.

¹⁸⁴ MACHADO, Janete da Rocha. Trilhos até a Tristeza. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 09 abr. 2010. p. 2.

O passeio era seguro, porque o trem andava em baixa velocidade. A viagem era bonita e pitoresca. Mais de dois terços do percurso era beirando o rio Guaíba. Quem já viajou de trem se recorda do cheiro característico da fumaça e dos vapores do carvão de pedra em combustão, do balanço ritmado e do tuco-tuco da separação dos trilhos, do apito e do sino anunciando estar próxima a parada, ou para afastar um cavalo ou boi desprevenido perto dos trilhos. Nunca mais veremos na Zona Sul, num cruzamento: PARE, OLHE, ESCUTE¹⁸⁵.

Nos primeiros anos de funcionamento, o trem vinha somente até a Ponta do Dionísio (Assunção), porém, com o passar dos anos, a via foi estendida até o bairro Tristeza, e finalmente em 1912 até a Praia da Pedra Redonda. Este prolongamento da via só foi possível graças a um empreendimento particular, sendo mais tarde adquirida pelo Estado e incorporada à Via Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS). Tal empreendimento resultou em um grande desenvolvimento à Zona Sul, transformando-a em área nobre da cidade, com suas casas de veraneio, seus hotéis e restaurantes. O bairro Tristeza é um exemplo desse progresso, conforme conta Roberto Pellin em suas crônicas sobre o antigo arrabalde: “Tristeza progredia, habitada pela elite porto-alegrense e por famílias estrangeiras”¹⁸⁶. Assim, o trenzinho tinha como uma de suas paradas finais, o bairro Tristeza, e logo em seguida, no final de linha, o balneário da Pedra Redonda. Meyer resgata momentos deste período, quando relembra suas férias na Tristeza:

Alugamos a casa pelo verão daquele tempo, mas, entra janeiro e lá se vai março, íamos ficando e gostando, como à espera do veranico de maio. Daí a uns dias, o trenzinho a esbotar-se lá embaixo, rumo da Pedra Redonda,

¹⁸⁵ ALVES, Hélio Ricardo. Porto Alegre foi assim... Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, p. 32.

¹⁸⁶ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1997, p. 89.

começava a subir a encosta, distraído, preguiçando e de subido, logo após a primeira volta do caminho, parava, extasiado¹⁸⁷.

O funcionamento da locomotiva era um acontecimento. Quando o trem chegava ao ponto final dos trilhos (última parada), o retorno se dava através de uma plataforma giratória chamada de redondel. Era uma operação manual feita pela força dos rapazes da Via Férrea. Era uma engenhoca para a época, mas que funcionava muito bem, pois permitia que a máquina ficasse virada e pronta para o retorno:

Novo apito fura os ares, provocador, histérico, mas é logo tragado pela majestosa placidez do Guaíba. O mundo não vai acabar tão cedo. Seu Pereirinha, chefe do trem, depois de relancear uns olhares torpentes e velados de profundo ceticismo pela estação, pela enseada, pelos ponteiros do relógio, e de tirar várias vezes o boné vermelho, para ventilar a tampa das idéias, dá o sinal fatídico da partida. Vamos indo, meu povo. No resvalão da hora, depenca-se ainda pela ponte abaixo o Manequinha Martins e num pulo se agarra à traseira do trem... E avança o trenzinho, como pode e como Deus manda¹⁸⁸.

O término da Estação de Ferro do Riacho aconteceu na década de 1930. Segundo Sergio da Costa Franco, o ocorrido foi devido ao surgimento da estrada de cimento que ligou o centro à Zona Sul da cidade. “A expansão vertiginosa do automóvel e a implantação da faixa de cimento para a Tristeza no início da década de 1930 tornaram gravosa a conservação e manutenção da ferrovia municipal”¹⁸⁹. Era a modernidade e o desenvolvimento tecnológico que instituíam os novos tempos e o fim do “trenzinho da Tristeza”.

¹⁸⁷ MEYER, Augusto. No tempo da flor. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1966, p. 105.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 107.

¹⁸⁹ FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, p. 155.

3.2 ASSUNÇÃO E CONCEIÇÃO: AS VILAS BALNEÁRIAS

O bairro Tristeza foi o primeiro a atrair veranistas para as temporadas de verão e férias. O local, à margem esquerda do Guaíba, viveu, a partir do final do século XIX, um desenvolvimento econômico motivado pela procura de um grande número de famílias, muitas delas oriundas de imigrantes alemães e italianos, pertencentes a uma elite porto alegreense. Esses grupos buscavam o descanso e o lazer à beira do Guaíba e, para isso, mantinham chácaras e finas residências para uso nos períodos de férias e finais de semana.

As denominadas Vilas Balneárias, entre elas, Assunção, Conceição e Pedra Redonda que integravam o bairro Tristeza, foram procuradas neste período, pois entre as praias do Guaíba, elas eram as mais próximas do centro. Águas limpas, disponibilidade de terras, e, principalmente, a possibilidade de disporem de um meio de transporte seguro e eficiente (o trem) foram fatores decisivos para esta elite, composta de imigrantes, escolherem o arrabalde como refúgio. Desta forma, foram-se expandindo os loteamentos e as construções na região. Empreendedores do ramo da construção civil ergueram belas vivendas próximas ao lago, as quais serviam para bem receber seus proprietários nos períodos de férias. Assim, nos meses de verão, a Tristeza estava sempre repleta de gente: eram os moradores ocasionais que vinham de trem para aproveitar a estação calmosa, ou, apenas passar o final de semana.

Os estudos de Artur Wilkoszynski¹⁹⁰ sobre a ocupação da região da Tristeza identificam que havia uma divisão espacial marcada pela linha do trem. Essa linha demarcatória separava a população da região conforme os diferentes usos do local. Assim, as áreas residenciais da elite, ou seja, espaços onde se erguiam belos palacetes situavam-se na faixa de terras ao longo da orla e próximas ao trem. Já as moradias mais simples, de colonos e agricultores, permaneciam do outro lado da ferrovia, no interior do arrabalde. Para esse autor, “as atividades de comércio, serviços e lazer estabeleciam-se estrategicamente entre estas duas regiões, próximas à estação do trem e ao longo da linha que havia sido prolongada até a praia da Pedra Redonda”¹⁹¹. E isso foi reforçando a ideia do uso da região para o lazer e o veraneio de famílias pertencentes a uma classe privilegiada da sociedade. Dois locais, especialmente, chamaram a atenção dessa elite porto-alegrense: as vilas balneárias Assunção e Conceição.

3.2.1 VILA ASSUNÇÃO: O BALNEÁRIO ARISTOCRÁTICO

A primeira vila balneária de Porto Alegre a atrair o veranista foi a Assunção, nomeada assim em homenagem ao pioneiro na região, José Joaquim Assumpção. Nascido em 21 de abril de 1844, Assumpção adquiriu em 1888 um lote de terras de cento e trinta hectares situado onde é hoje o bairro Vila Assunção. Na ocasião da compra das terras, a chácara já possuía uma charqueada e um trapiche que servia para o escoamento da produção até o centro da cidade. O local também era conhecido por

¹⁹⁰ WILKOSZYNSKI, Artur do Canto. Relatório de pesquisa: análise gráfico-comparativa e perceptiva da evolução urbana – caso Porto Alegre; subprojeto: análise do percurso do trem da Tristeza. Porto Alegre: FAPERGS, 1991, p. 8.

¹⁹¹ Ibidem, p. 8.

“A Ponta do Dionísio”, em homenagem a Dionísio Rodrigues Mendes, o primeiro sesmeiro da região, já citado. Com o tempo, Assumpção montou uma olaria movida a vapor, novidade para a época, visto que todas as demais olarias dependiam da tração animal. As atividades da chácara também incluíam uma fábrica de destilaria de álcool, que ficava na beira do rio, próxima à charqueada e a exploração de pedras. “Além da charqueada, olaria e um pouco de plantação e criação, Assumpção ainda explorava pedreiras, fornecendo pedras para a construção do cais do porto”¹⁹². Com a Revolução de 1893¹⁹³, Assumpção, devido às suas tendências federalistas, precisou se refugiar no Uruguai, lá ficando alguns anos. Segundo Flores, criou-se uma questão diplomática nas terras então abandonadas de Assumpção. Questões que envolviam o governo do Estado e a Estrada de Ferro do Riacho:

Na ausência do proprietário, o Governo do Estado explorou uma pedreira e retirou areia das praias de Assumpção. (...) ergueu um molhe de pedras, para onde vinha o trenzinho, trazendo o despejo da população de Porto Alegre e retornando com areia e pedras da pedreira, estas destinadas à construção do cais do porto. Apaziguada a situação política do Rio Grande do Sul, Assumpção retornou do Uruguai e reagiu contra a invasão arbitrária em suas terras, processando o Estado. Este se retirou para a Ponta do Melo (...) e aí prosseguiu o despejo sanitário¹⁹⁴.

¹⁹² PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 105.

¹⁹³ A **Revolução Federalista** aconteceu no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895 e envolveu importantes grupos políticos. Ela pode ser interpretada por diversos enfoques analíticos. Um deles enfatiza a divisão das elites gaúchas no que tange às relações com o governo federal, vinculando os chimangos com o situacionismo federal, após a proclamação da república, e os maragatos como saudosistas do Império, críticos da descentralização e do presidencialismo. Outro enfoque detém-se no conflito ideológico: o positivismo dos republicanos e o liberalismo oposicionista. (FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Revolução Federalista: uma interpretação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, p. 23).

¹⁹⁴ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 38.

Até a morte de José Joaquim Assumpção (1918) continuava indivisa sua propriedade¹⁹⁵. Na década de 1930, a viúva Filisbina Antunes empreendeu a partilha das terras, negociando uma parte com a firma Di Primio Beck. Conforme Hilda Flores: “a viúva entrava com o imóvel e a firma com as despesas de loteamento, o que foi feito em 1937”¹⁹⁶. Assim surgiu a Vila Assunção, o bairro mais aristocrático de Porto Alegre. Seguindo uma concepção de cidade jardim inspirada nos preceitos de urbanização de Ebenezer Howard¹⁹⁷ (1850 – 1928), o local deveria oferecer as vantagens e os serviços de um grande centro associados à beleza e à tranquilidade da vida no campo. E foi essa a ideia utilizada para a comercialização dos primeiros lotes do novo bairro. Conforme anúncio da época:

Vila Assunção – o balneário aristocrático – como muito bem foi cognominado, continua sendo o ponto de preferência da principal sociedade porto-alegrense. Surgida há bem pouco tempo, graças aos esforços dos conhecidos homens de negócios – dr. Anibal e Ernesto di Primio Beck – alidos à boa vontade da sucessão Assunção, antigos proprietários do local, a nossa capital pode contar com tão agradável e confortável ponto de reunião. Largas avenidas, ruas calçadas, ótima praia, bares e restaurantes, foram passos

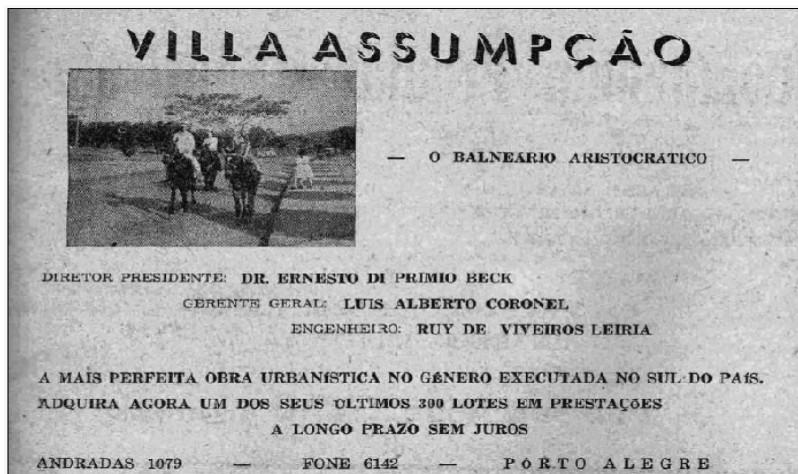
¹⁹⁵ Ibidem, p. 38.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Baseando-se em grande parte na observação das péssimas condições de vida da cidade, Ebenezer Howard propôs uma alternativa aos problemas urbanos e rurais que então se apresentavam. Segundo ele, a superpopulação era causada pela migração proveniente do campo. Era necessário equacionar a relação entre a cidade e o campo. Em síntese, a cidade era o espaço da socialização e das oportunidades, especialmente de empregos, mas padecia de graves problemas relacionados ao excesso de população e à insalubridade do seu espaço. Por outro lado, o campo era o espaço da natureza, do sol e das águas, bem como da produção de alimentos, mas também sofria de problemas como a falta de empregos e de infra-estrutura, além de uma carência de oportunidades sociais. A chave para a solução dos problemas da cidade era reconduzir o homem ao campo, através da criação de atrativos – ou “ímãs” – que pudessem contrabalançar as forças atratoras representadas pela cidade e pelo campo. Ele argumentou que havia uma terceira alternativa, além das vidas urbana e rural, que seria o que ele chamou de Cidade-Campo (Town-Country). O modelo proposto por ele foi o chamado Cidade-Jardim. (URBANISMO, planejamento urbano e planos diretores. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2008/10/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>>. Acesso em: 16 abr. 2022).

iniciais dos organizadores do balneário aristocrático. Moldada nos lindos e modernos balneários uruguaios, a Vila Assunção obedece aos contornos do rio Guaíba, com uma vista amurada a servir do apoio entre os largos passeios e a praia propriamente dita¹⁹⁸.

Figura 20 - Anúncio divulgando o Balneário Aristocrático/1938



Fonte: SOCIEDADE DE ENGENHARIA. **Boletim**, Porto Alegre, n. 31, jan. 1940.

A vista amurada e os largos passeios com praia de que falava o anúncio da década de 1930 foram itens que ajudaram a comercializar os lotes disponibilizados pela empresa loteadora. Para os novos moradores, o planejamento do novo bairro associado à natureza exuberante fez da Assunção o lugar certo para residir. “Lugar simpático, cheio de vendas e bangalôs, na sua maioria rodeados de verdejantes jardins e sombrias árvores, é a Vila Assunção, um sítio de descanso às portas da capital”¹⁹⁹.

¹⁹⁸ SCHIDROWITZ, Léo J. Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha. Porto Alegre: Cosmos, 1942, p. 55.

¹⁹⁹ SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas da minha cidade. Porto Alegre: Movimento, 1975, p. 185.

Porém, diferente dos demais balneários da Zona Sul, a Vila Assunção se configurou desde o início em um bairro residencial que servia também para o veraneio e o lazer das famílias. Segundo Sanhudo: “Não direi que aí só moram aqueles que podem ter um apartamento no centro e outro no bairro balneário mais próximo da urbs. Conheço muita gente que só tem uma casa, e a situaram nessa zona amena da cidade”²⁰⁰. Assim, a proposta do bairro cidade jardim não só atraiu novos moradores, mas também possibilitou a expansão ocupacional da orla sul da cidade. Surgem então outros loteamentos à beira rio, entre eles, a Vila Conceição, local escolhido não só para o lazer, mas também para residência da primeira doutora em História do Rio Grande do Sul: Helga Piccolo Landgraf.

3.2.2 VILA CONCEIÇÃO E O VERANEIO DE HELGA LANDGRAF PICCOLO

A Vila Conceição está situada em uma elevação, próxima ao Morro do Osso e às margens do Guaíba. Apesar de possuir apenas uma pequena prainha, no passado foi zona de veraneio de alemães. Para Sanhudo, a Conceição era uma praia de pouco mais de cinquenta metros de extensão, mas que atraía pelas belezas do lugar. “Junto às margens do rio, temos uma pequena praia pública, cousa de pouco mais de cinquenta metros de extensão, com raros trechos de areia e crivada de pedras. É um dos lugares mais aprazíveis e silenciosos da cidade”²⁰¹. As origens do nome do novo bairro remontam à década de 1930, quando o loteamento foi idealizado e projetado por Antônio Monteiro Martinez²⁰². Em

²⁰⁰ Ibidem, p. 186.

²⁰¹ Idem, p. 186.

²⁰² MACHADO Janete da Rocha. Verões de outros carnavais. ZH, Porto Alegre, ano 8, n. 243, 15 fev. 2013.

homenagem a sua esposa, Zulmira, que era devota de Nossa Senhora da Conceição, o local foi batizado de Vila Conceição. Antes disso, a região era considerada parte da Tristeza, e sua área era ocupada por uma chácara de propriedade de José da Silva Guimarães, o Tristeza:

Parte da atual Vila Conceição integrava a gleba de terras adquiridas por Guilherme Ferreira de Abreu, em 1876. Em 1895 vieram para aí os padres palotinos, com o objetivo de dar assistência ao grande número de imigrantes italianos que havia nas proximidades. Adquiriram uma chácara correspondente à maior parte da atual Vila Conceição. Ao que parece, nela existia ainda a casa de José da Silva Guimarães Tristeza e uma senzala dos escravos. Em 1923 os padres palotinos venderam a chácara retirando-se da zona sul. O comprador foi Antônio Monteiro Martinez, um português de ascendência espanhola que veio ao Brasil no início do século quando tinha apenas 13 anos de idade²⁰³.

O loteamento da Vila Conceição também foi analisado pelo arquiteto André Huyer em sua dissertação de mestrado sobre a Ferrovia do Riacho. Segundo André Huyer,

A gleba localizada entre o loteamento Praia Nova e a Tristeza foi um dos primeiros, recebendo o nome de Balneário Villa Conceição. O acesso a ele se dava por um viaduto construído sobre o cânion da ferrovia do Riacho. Ao contrário do traçado usualmente empregado nos arruamentos de então, esse tinha as ruas curvilíneas, adaptadas à topografia acidentada do sítio. Também tinha outros aspectos diferenciados, como várias áreas para praças, e uma área de uso comum no miolo da quadra central, sendo evidente a influência do conceito de cidade-jardim. Estendia-se do leito da ferrovia

²⁰³ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 36.

até a margem do Guaíba, onde foi construída uma escadaria para acesso à praia²⁰⁴.

Para viabilizar o empreendimento, Antônio Martinez precisou adquirir outros terrenos próximos à antiga chácara de José da Silva Guimarães Tristeza. Para Flores, a maioria dos compradores dos lotes era de origem italiana, porém, para a historiadora Helga Piccolo²⁰⁵, moradora do local desde a década de 1940, os grupos eram, na sua maioria, de origem alemã que vieram em busca de lazer proporcionado pela proximidade com o Guaíba.

Quando eu vim para cá em 1945, de cem famílias aqui na Conceição, noventa eram alemãs. Porque os italianos, na realidade, se instalaram do outro lado da avenida. Então era uma coisa interessante: os alemães do lado de cá, do lado do rio, e os italianos do lado de lá, principalmente porque eles eram agricultores²⁰⁶.

Para Piccolo, entretanto, a ideia de veraneio não está muito associada ao novo bairro, pois a maioria das famílias compraram seus terrenos nas décadas de 1930 e 1940 para residir o ano todo e não apenas para o verão, como era comum em outros balneários da Zona Sul. Ainda assim, muitas dessas famílias também usavam o rio para banhos, principalmente na “Prainha da Conceição”²⁰⁷. Segundo Helga Landgraf Piccolo:

²⁰⁴ HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 131. Orientadora: Dra. Célia F. de Souza.

²⁰⁵ Helga Landgraf Piccolo nasceu em Porto Alegre em 1932. Formou-se em História e Geografia pela UFRGS (1952). Concluiu o doutorado em História Social pela USP em 1972. Possui uma produção bibliográfica de mais de 130 obras. É pesquisadora emérita do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ).

²⁰⁶ PICCOLO, Helga Landgraf. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 14 fev. 2013.

²⁰⁷ MACHADO, Janete da Rocha. Bate-Papo em nome da história. Entrevista com Helga Landgraf Piccolo. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 15 fev. 2013.

As residências eram de veraneio e de moradia. Não havia ruas à beira do rio. Por isso a região não era local de veraneio como Ipanema e Pedra Redonda. Mas lá embaixo, perto do rio eram mais de veraneio. Lá tem a famosa prainha da Conceição. Nós tomávamos banho nessa prainha. Principalmente porque aqui na nossa região tinha muitos momentos de falta de água e nós descíamos a rua e íamos de toalha e sabonete, todos juntos tomar banho na praia. A água do Guaíba era limpa. Depois é que ela ficou poluída. A Prainha era também lugar de namoro. A turma namorava lá à noite. Ela é conhecida também por isso²⁰⁸.

Também conhecida por Ponta dos Cachimbos, a Vila Conceição, durante muito tempo, foi o bairro por excelência de grupos pertencentes a uma elite de Porto Alegre. Eram famílias que priorizavam a natureza com seus recantos aprazíveis e as águas limpas do rio. Não esquecendo a convivência com seus pares, a maioria de alemães. Outras características que também atraíam o morador eram, conforme Sanhudo: “Ruas estreitas e silenciosas, com sombras suaves e convidativas. Calçamento de pedra irregular, bem conservado. Belas e majestosas residências, emergindo de encantadores arvoredos”²⁰⁹.

²⁰⁸ PICCOLO, Helga Landgraf. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 14 fev. 2013.

²⁰⁹ SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: crônicas da minha cidade. Porto Alegre: Movimento, 1975, p. 187.

Figura 21 - Helga Piccolo na Prainha da Conceição/década de 1950



Fonte: Acervo da Família Piccolo.

Conforme relembra, saudosamente, Helga Piccolo: *“antigamente todo mundo se conhecia, nós tínhamos uma associação dos moradores da Vila Conceição. Tempo bom aquele”*²¹⁰.

3.3 OS HOTÉIS E OS CLUBES DE VERÃO DA TRISTEZA

A partir das primeiras décadas do século XX, devido ao grande movimento de veranistas nas praias da Zona Sul, a Tristeza viveu uma fase áurea de desenvolvimento. E isso ocasionou incrementos não só na infraestrutura da região - restaurantes, clubes, cinemas, bares e hotéis, mas também nos eventos sociais e culturais ocorridos no arrabalde.

Milhares de turistas levaram à população da Tristeza vantagens e exigências. Vantagens, porque o imigrante laborioso e geralmente humilde contactou com gente econômica e culturalmente bem colocada fazendo-o

²¹⁰ PICCOLO, Helga Landgraf. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 14 fev. 2013.

evoluir rapidamente através de uma convivência mais ou menos prolongada com o visitante, que espichava os meses de estio de dezembro a maio²¹¹.

O crescimento acelerado ocorrido na região refletiu na economia:

Na órbita econômica, a massa turística motivou um incremento da horticultura e da pecuária existente, pois o consumo multiplicava nos meses de verão. Além disso, surgiu uma série de empregos na área terciária, até então inexistentes. As primitivas chácaras foram desdobradas, fragmentadas, e no bairro germinaram serviços indispensáveis ao bom atendimento da avalanche de turistas²¹².

Foram os turistas que trouxeram para o arrabalde novas formas de recreação e de cultura, entre elas, os bailes, saraus, piqueniques e os esportes. “Os veranistas da Tristeza foram os responsáveis pela abertura das atividades recreativas, introduzindo festas de caráter mundano e popular, particularmente os clubes sociais como o Jocotó e o Esmeralda”²¹³. Com o movimento intensificado nos meses de verão e marcado por uma vida social intensa, oportunizada pelos clubes, fez-se necessária a ampliação e melhorias na forma de bem receber o turista. É fato que nem todos possuíam residências de verão, por isso muitos alemães cediam suas casas para esses grupos que vinham apenas nos períodos de férias e nos finais de semana. Surge neste período, portanto, a necessidade dos serviços de hotéis e pensões:

Quando o afluxo turístico trouxe, além dos veranistas de fins de semana, aqueles que moravam no arraial durante os meses de estio, a infraestrutura hoteleira mostrou-se pequena. Havia os turistas que preferiam alugar casa.

²¹¹ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 58.

²¹² Ibidem, p. 58.

²¹³ Idem, p. 64.

Muitos imigrantes cederam então suas próprias moradias, indo morar em peças existentes nos fundos ou no porão. Esta última opção foi a escolhida pela família Dariano. Por dois ou três verões alugaram sua residência para o poeta Vitor Silva, que veraneava com a mãe e esposa²¹⁴.

Com o passar do tempo, alguns integrantes da família Dariano de que fala a historiadora Flores, foram os responsáveis pela construção do moderno cinema da Tristeza²¹⁵, que depois passou a se chamar Gioconda. É importante salientar que foi no Gioconda que iniciaram as primeiras atividades sociais de alguns clubes da Tristeza, entre eles o Jocotó em 1924. “Na segunda década deste século a família Dariano, principalmente os irmãos Miguel e Leonardo construíram um moderno cinema de alvenaria na Tristeza: o Gioconda”²¹⁶.

Após alguns anos o cinema foi adquirido por José Gomes, dono de chácara e próspero padeiro na Tristeza. Alberto do Valle mais tarde o comprou e reformou, equipando-o com cadeiras removíveis, com o que serviu também para teatro e salão de bailes dos clubes sociais como o Filosofia e o Jocotó, formado por veranistas, e o Padeiral, cujo corpo social compunha-se de pessoas ligadas ao ramo de panificação, e que não teve sede própria²¹⁷.

A Tristeza abrigou outras casas de espetáculo, porém, o Gioconda foi o único cinema que sobreviveu à fase de veraneio. Somente na década de 1970, com o advento da televisão, o cinema Gioconda, assim como outros da cidade, faliram, pondo fim às salas. Os clubes sociais

²¹⁴ Idem, p. 44.

²¹⁵ Desde sua inauguração, nos anos de 1920, até o encerramento de suas atividades em 1970, o Cine Gioconda teve três donos: os irmãos Dariano, José Gomes e Alberto do Valle.

²¹⁶ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 45.

²¹⁷ Ibidem, p. 45.

monopolizaram o divertimento e, entre esses, destacava-se o Clube Veranista Jocotó.

3.3.1 O CLUBE VERANISTA JOCOTÓ

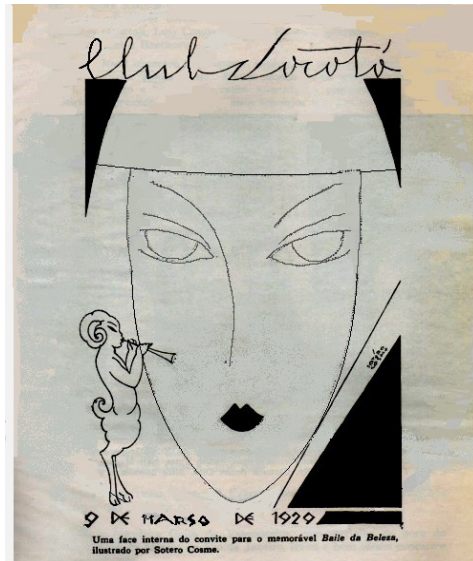
A obra de Olyntho Sanmartin “Um ciclo de cultura social”²¹⁸ traz um resumo cronológico de fatos ocorridos no cenário cultural da cidade de Porto Alegre nas primeiras décadas do século vinte. O autor centraliza seu tema nas realizações do Jocotó, um clube recreativo que nasceu no arrabalde da Tristeza no início do século passado. Olyntho Sanmartin também traz o registro da participação de conceituados artistas em ocasiões festivas e shows nos salões ao longo dos anos em que existiu o clube.

Cabe registrar que os primórdios desta instituição social ocorreram nos anos de maior movimento do arrabalde da Tristeza, devido à procura pelos balneários do Guaíba nos períodos de férias e calor. Porto Alegre naqueles primeiros anos do século vinte usava ainda uma roupa-gem provinciana em certos recantos da cidade, como era o caso dos bairros mais afastados do centro de Porto Alegre. Nesse período, os clubes sociais e desportivos, as sociedades carnavalescas e blocos existiam em número bastante limitado em Porto Alegre. Fazem parte deste grupo, pela sua importância histórica e pela sua expressão social, a Sociedade Esmeralda, a Sociedade Filosofia, a Sociedade Filhos do Inferno e, finalmente, o Clube Jocotó – cujas festas e bailes carnavalescos chamavam a atenção da sociedade porto-alegrense da época. Na realidade, o Jocotó surgiu, pela primeira vez, na Zona sul de Porto Alegre, e, posteriormente, se propagou para outros cantos da cidade.

²¹⁸ SANMARTIN, Olyntho. Um ciclo de cultura social. Porto Alegre: Sulina, 1969.

Associados a esse cenário urbano cultural existiam consagrados homens das letras, como poetas e jornalistas, os quais determinavam os eventos onde não faltavam também cantores, artistas, bailarinos, etc. Entre eles estão: Alcides Maya, Roque Callage, Mansueto Bernardi, Pedro Vergara, Augusto Meyer, Darci Azambuja e Mário Totta. Esse último responsável pela criação e sucesso do Clube Veranista Jocotó entre os anos de 1924 e 1934.

Figura 22 - Convite do Clube Jocotó



Fonte: SANMARTIN, Olyntho. Um ciclo de cultura social. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 123.

Assim, em 1918, juntamente com outros jovens veranistas da Tristeza, Mário Totta funda o Clube Jocotó, local onde os grupos assistiam a shows musicais, participavam de conferências culturais, e, no verão, se divertiam nos animados bailes da cidade, entre eles os carnavalescos. Totta era médico e poeta, conforme Olyntho Sanmartin: “Foi um dos mais requintados espíritos que animava toda a esfera intelectual,

promovendo reuniões culturais, escrevendo sua prosa simples e pura no *Correio do Povo*”²¹⁹.

O surgimento do Jocotó coincidiu com o momento vivido pela população porto-alegrense que procurava nos arrabaldes mais distantes, descanso e recreio às margens do Guaíba. A descoberta das praias da Zona Sul permitiu que novas formas de sociabilidades fossem criadas na região, entre elas o advento das sociedades recreativas. A Tristeza era muito atraente, pois, além das facilidades de locomoção com os usos do trem, o local oferecia belas praias, natureza bastante preservada e ares aprazíveis. O lugar era bonito, cheio de vivendas e bangalôs de verão. Olyntho Sanmartin recupera esses cenários:

O que havia, no entanto, de mais sedutor, de mais poético era um trenzinho municipal que, partindo da Estação do Riacho junto à histórica Ponte de Pedra, deslizava sobre trilhos marginando o Guaíba até alcançar a praça da Tristeza onde se localizava a estação. Depois surgiu novo trecho que terminava na Praia da Pedra Redonda, o balneário da cidade. Aos domingos esse trenzinho com sua locomotiva minúscula arrastando uma fila uniforme de vagões, circulava superlotado de passageiros amigos da Tristeza e da Pedra Redonda, onde tomavam seus banhos divertidos²²⁰.

Assim, muitos banhos divertidos nas praias da Tristeza foram tomados por Mário Totta e sua família naqueles idos de 1920, pois, assíduos que eram no arrabalde, nunca perdiam verão. E para descansar de suas atividades de professor e médico, Totta aproveitava os momentos de lazer nas praias da Tristeza. Ele organizava as festividades do balneário, e por isso, sempre agradava a todos: moradores e veranistas. Esse envolvimento com o balneário fez surgir a ideia de uma sociedade

²¹⁹ SANMARTIN, Olyntho. Um ciclo de cultural social. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 52.

²²⁰ Ibidem, p. 64.

recreativa, o que se concretizou por meio de seu empenho e também o de outros intelectuais da época. A denominação da sociedade foi a de “Clube Veranista Jocotó”. Sobre essa escolha, explica Hilda Agnes Hubner Flores:

O nome do clube foi inspirado pelo ‘Passo do Jocotó’ número picante e de grande sucesso que uma companhia nacional de revistas apresentara no teatro Coliseu. Átila Soares, um dos veranistas, pelo seu jeito peculiar de andar lembrava o ‘passo do jocotó’, pelo que foi apelidado como tal, e breve toda a rapaziada da república da Tristeza era conhecida como os jocotós, bem assim como o Clube que fundaram²²¹.

Eram rapazes muito alegres que se apresentavam nas movimentadas noites do arrabalde da Tristeza, por isso ficaram conhecidos como “os jocotós”. Em pouco tempo o Clube Veranista Jocotó foi fundado, substituindo a Vila do Jocotó recentemente instituída, estilo uma república de jovens universitários. O comportamento desse grupo de veranistas, comandado por Mário Totta, teve uma vida boêmia de profunda intensidade. Armando Teixeira, um dos entusiastas do clube, narra os primórdios do Jocotó, bem como de sua fundação:

A 24 de fevereiro de 1918, por um grupo alegre de rapazes, constituído por José Paiva, Ariovaldo Machado, Luiz Lopes, Armando Barcellos, Leonardo Carlucci, Rui Santiago e Mário Lopes, que veraneavam então numa casinha de madeira denominada “Vila Jocotó”, neste arrabalde, foi levada a efeito a representação de um interessante espetáculo humorístico, ao ar livre, com o concurso dos seguintes veranistas: Pedro Paulo da Rocha, Carlos Guara-gna, Manoelito Teixeira, Atila Soares, Otávio Soares e Armando Teixeira. A

²²¹ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Réus. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 63.

realização desse divertimento, que alcançou um ruidoso sucesso, constituiu o início do nosso inigualável Jocotó²²².

Figura 23 - Carnaval na Tristeza/1929



Fonte: PELLIN, R. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 102.

Conforme Olyntho Sanmartin, “havia canções alegres escritas pelo Dr. Totta e ensaiadas pelo cordão do clube composto de pares sempre precedidos de ensaios muito ao gosto da mocidade da época”²²³. A primeira diretoria responsável pelo clube (com sede na Tristeza) estava assim constituída: Presidente honorário, Mário Totta – Presidente, Álvaro de Lima Santos – Vice-Presidente, Carlos Noll Sobrinho. O clube também possuía um veículo de comunicação que era “O Veranista”, um jornal impresso de regular formato, ilustrado e que além das notícias locais, no período de férias, publicava textos literários.

Entre os poetas colaboradores do jornal estavam Mario Totta, Peri Soares, Zeferino Brazil, Raul Totta e Euclides Lobato. O jornal era

²²² SANMARTIN, Olyntho. Um ciclo de cultural social. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 65.

²²³ Ibidem, p. 83.

publicado quinzenalmente nos períodos de veraneio (janeiro e fevereiro). Na época do carnaval, o clube promovia movimentados bailes, os quais se realizavam nos salões do Cinema Gioconda, popular casa de diversões da Tristeza. Momento em que Porto Alegre vivia seus melhores carnavais populares com ênfase para os cordões, desfiles de foliões, carros alegóricos e os bailes de clubes. Um antigo morador do bairro relembra detalhes desses alegres carnavais vividos no arrabalde da Tristeza:

A Tristeza nunca foi triste. Talvez para desmentir o nome lendário, com diversas versões. Em eras passadas, núcleo populacional pequeno, havia muita integração social, por meio das reuniões familiares. Funcionava também como elemento aglutinador um cinema - o Gioconda, em um amplo prédio ainda existente ao lado do supermercado Nacional, na Avenida Wenceslau Escobar, atualmente desocupado. Existiam, então, entre outras, duas sociedades rivais: Jocotó e Filosofia. A primeira, mais despojada e foliona. A segunda, mais elitista e restrita. A Filosofia era presidida pelo Dr. Armando Barbedo, e o Jocotó, pelo Dr. Mário Totta – ambos renomados médicos que, mais tarde, vieram dar seus nomes às ruas onde moravam e que até hoje são mantidos. O Dr. Mário Totta era uma pessoa extrovertida, muito alegre e jovial, sempre à frente dos acontecimentos singulares do arrabalde. Assim, quando foi introduzida no bairro a luz elétrica, promoveu o festivo funeral do lampião. Os bailes de carnaval eram efetuados, quase sempre, pelo Jocotó no cinema Gioconda, e os da Filosofia no Theatro São Pedro, no centro da cidade. Na noite do respectivo baile de Carnaval, antes de iniciá-lo, cada sociedade realizava um corso, em carros abertos, precedido por cavalarianos que tocavam clarins pelas ruas centrais da Capital. (...) O entusiasmo e a animação eram extravasados por canções, confete, serpentina e lança-perfume. Tudo era, apenas e tão somente, alegria espontânea, sem malícia ou qualquer perversão ou desvio. Ocorriam ainda durante os folguedos carnavalescos banhos à fantasia no Guaíba, em que os veranistas utilizavam as

mais estranhas vestimentas e disfarces. Assim foi a Tristeza na época do Carnaval²²⁴.

Entre outras promoções expressivas, merece registro o “Enterro do Lâmpião de Querosene”, quando, em 1924 a luz elétrica, destronando o lâmpião, passou a iluminar a Tristeza. E o clube veranista Jocotó teve importante participação neste evento.

Episódio curioso está relacionado ao surgimento da luz elétrica na Tristeza. Em 1924, velho e fiel lâmpião de querosene estava superado. A turma de intelectuais achou que ele não merecia simplesmente o desprezo, mas uma despedida digna dos longos anos de serviço que prestara. Fizeram-lhe o enterro, os Jocotós à frente. Velaram a noite toda na sede do clube, e no dia seguinte, em coche puxado a cavalo, o séqüito se dirigiu em direção ao cemitério, às margens do Guaíba²²⁵.

Como o movimento de veranistas era grande nesse período, o trenzinho transportava os grupos em vários horários do dia.

O carnaval era festejado nos salões e na rua, com desfiles dos blocos que caprichavam nas fantasias. Para assistir a estes festejos o trenzinho transportava centenas de pessoas que se deslocavam da capital para o alegre bairro balneário, assistindo aos desfiles, engrossando o ‘entrudo’, isto é, o hábito de se jogar farinha nos foliões, e superlotando os salões da Tristeza, que nesses momentos tornavam-se poucos e pequenos para abrigar toda a alegria contagiante do Rei Momo²²⁶.

Foi na gestão de 1934, quando Totta ainda era diretor do clube que se encerraram as atividades culturais do Jocotó. O seu declínio era

²²⁴ CHAVES, Gastão Loureiro. Depoimento. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Zona Sul, 09 fev. 2007.

²²⁵ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Réus. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 66.

²²⁶ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Réus. Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 66.

evidente, desde o momento em que Totta, o maior de todos os incentivadores do clube, entrava em recesso por já ter cumprido longo mandato e por estar passando por problemas familiares. Cabe salientar que foi durante as gestões dele que o Clube Veranista Jocotó viveu seus anos de maior esplendor, cujo destaque se deu para o caráter cultural da instituição. No Gioconda se apresentaram artistas conhecidos da época como Pasqual Fossati acompanhado pelo pianista Ramadés Gnattali. No capítulo a seguir, as histórias do Hotel da Praia, local que hospedou os primeiros veranistas do arrabalde.

3.3.2 O HOTEL DA PRAIA

Veranear em praia de mar, no início do século passado, significava viajar dias e dias de carruagem ou navegar pelas lagoas costeiras, fazendo baldeações em barcos a vapor e trens. Tudo para se chegar a Torres ou a Tramandaí, as mais conhecidas. Por isso, a Tristeza foi a escolhida na virada do século passado como local de veraneio do porto-alegrense²²⁷. Considerado um espaço de identidade urbana e de contato dos moradores com o Guaíba, se fez necessário o incremento de infraestrutura na região, já citado. Assim, bairro recém-ligado à cidade por via férrea e margeado em parte pelo Guaíba, a Tristeza foi o primeiro balneário descoberto pela população, pois, além dos banhos de rio, o local propiciava descanso e tranquilidade aos moradores ocasionais. Conforme Roberto Pellin:

A praia da Tristeza, que ficava na praça, era bonita. O ar puro, as frutas abundantes, o panorama bucólico, tudo isso era um convite irresistível ao homem da cidade. O porto-alegrense fugia do centro e vinha até os fins de

²²⁷ MACHADO, Janete da Rocha. A casa da Mário Totta. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 133.

linha, que eram o do bonde Teresópolis (puxado a burros até 1908), e o trem, na Estação da Cantina, até 1906 (hoje entrada da Vila Assunção). Desses pontos, os excursionistas eram levados à praia pelos breques (quatro rodas, tolda e dois cavalos _ os chamados carroções) ou pelas aranhas do Sr. Chico Capra²²⁸.

Para Sérgio da Costa Franco, a Tristeza veio a ser a primeira estação de veraneio dos porto-alegrenses ricos, que ali mantinham chácaras de lazer à margem do Guaíba. As terras onde hoje se encontram alguns dos casarões mais antigos do bairro foram compradas nos idos de 1900. Um exemplo dessa elite era a residência com praia particular que ficava no número sessenta e quatro da rua Dr. Mário Totta. Um logradouro cujo nome presta uma homenagem àquele que tanto fez pelo bairro e pelo clube recreativo Jocotó.

Porém, no arrabalde da Tristeza havia aqueles que não tinham residências de veraneio, como era o caso dos estrangeiros, entre eles argentinos e uruguaios. Nesse período, ficou conhecido o Vapor Porto Alegre que trazia turistas aos balneários da Zona Sul. Essa mobilidade turística impôs a necessidade de infraestrutura relacionada à hospedagem, a fim de acolher esses grupos que buscavam o lazer na região. Fez-se necessária, então, a construção de hotéis. Alguns deles tornaram-se locais de referência, como o Hotel da Praia, situado às margens do Guaíba e no centro do bairro. Em 1901, o senhor Lazarini e sua mulher, Catarina, filha de Luiz Capra, um dos fundadores da Tristeza, compraram o imóvel, na rua Dr. Mário Totta. Como já tinha certa experiência no ramo da hotelaria, adquirida com seu pai, Catarina convenceu o marido a fundar o Hotel Lazarini.

²²⁸ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Editora do Autor, 1979, p. 21.

O prédio, uma construção em estilo colonial, todo de alvenaria, com dois andares e decoração moderna para a época, ficou conhecido como o Hotel da Praia. O agradável recanto, sombreado por árvores centenárias e lindos jardins, teve seu apogeu nos anos de 1905 e 1906, período em que as praias ficavam tomadas pelos turistas. Em 1908, o Hotel da Praia foi comprado por uma congregação de religiosas, que instalaram o Colégio Santa Rita, um dos primeiros da Tristeza. Administrado pelas irmãs da Ordem do Imaculado Coração de Maria, a escola teve como primeira diretora a superiora madre Maria Angelina do Santíssimo Sacramento e funcionou, regularmente, no prédio do hotel por seis anos. Após esse período, o local foi ocupado pelas órfãs do Asilo São Benedito. Atualmente, o antigo colégio das irmãs é conhecido por Escola Mãe de Deus e fica na mesma rua onde teve origem: a Dr. Mário Totta.

Passaram-se os anos, e o espaço do antigo Hotel da Praia foi adquirido pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul – o Banrisul, que construiu um novo prédio no local, cuja finalidade foi a de oferecer aos funcionários uma colônia de férias à beira rio. As famílias se deslocavam do interior do estado para passar férias na Tristeza. Em torno dos anos 1930 e 1940 era comum os trabalhadores do banco passarem ali uma temporada de veraneio. O local permanecia atraente em função da natureza bastante preservada e da balneabilidade do Guaíba: eram águas limpas e, portanto, perfeitas para o banho.

Figura 24 - Hotel da Praia da Família Lazarini/1905



Fonte: Acervo do Colégio Mãe de Deus.

Nos anos seguintes, a sede ganhou notoriedade e as páginas dos jornais devido à visitas ilustres, as quais marcavam presença no recanto pitoresco da Tristeza. Em 1952, Getúlio Vargas foi fotografado junto com outras autoridades, entre elas, João Goulart, o Jango. No final dos anos 1960, foi a vez da Seleção Brasileira (quase tricampeã) atrair os olhares dos tristezenses, período em que a colônia de férias do banco hospedou Pelé, Rivelino, entre outros. O lugar era muito atraente e o calor convidava a todos para um banho de rio.

Figura 25 - Famílias na Colônia de Férias do Banrisul/1940



Fonte: Museu do Banrisul.

Durante muito tempo, a colônia de férias do Banrisul serviu aos funcionários e seus familiares, principalmente para os usos do rio, descanso e lazer. Com a poluição das águas do Guaíba, no final da década de 1960, o imóvel se transformou apenas em um local onde os bancários praticavam esportes e faziam cursos. E, finalmente, na década de 1980, a residência foi comprada pela Companhia de Processamento de Dados do Estado do Rio Grande do Sul, a PROCERGS, atual proprietária do imóvel. Após algumas reformas, a sede foi reinaugurada em nove de dezembro de 1982, ano do décimo aniversário da empresa, na gestão do então governador José Augusto do Amaral de Souza. Com uma área de 5,8 mil metros quadrados, sendo 2,1 mil de área construída, o local foi destinado para Centro de Treinamento dos funcionários.

4

PEDRA REDONDA: LUGAR DE LAZER, DE REQUINTE E DE DESCANSO

4.1 AS IMAGENS DE VERÃO

As fotografias antigas permitem por meio de um “dar a ver a cidade”, um novo olhar sobre parte da história de Porto Alegre. A história do veraneio na Pedra Redonda, Zona Sul de Porto Alegre, na primeira metade do século passado, se insere no que Ana Maria Mauad denomina de “abordagens pouco convencionais”. Para a autora, a partir da necessidade de se problematizar outros temas, faz-se necessário ampliar o universo das fontes, daí o uso da fotografia. Segundo Ana Maria Mauad: “Novos temas passaram a fazer parte do elenco de objetos do historiador, dentre eles a vida privada, o cotidiano, as relações interpessoais”²²⁹.

A coleção de fotos aqui analisadas integram o acervo digitalizado da Fototeca Sioma Breitman do Museu Joaquim José Felizardo, o Museu de Porto Alegre. As fotografias selecionadas retratam não só paisagens, mas também personagens, os quais se fazem presente pelas lentes de fotógrafos desconhecidos. São imagens que interagem, possibilitando uma análise mais completa acerca de hábitos de vilegiatura vividos às margens do lago. É fato que a prática de banhos nas águas do Guaíba na parte sul da cidade possui registros fotográficos que remontam aos anos de 1900, identificado na primeira imagem analisada. Na foto em questão, (Fig.26), vê-se uma família de veranistas da Pedra Redonda, um dos

²²⁹ MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. Anais do Museu Paulista, n. serv. v. 13, n. 1, p. 137, jan.-jun. 2005.

primeiros balneários descobertos pela população. A fotografia indica um lugar recém-descoberto pela população, com cenários ainda pitorescos da Zona Sul. São famílias que, ao herdar grandes lavas de terras (muitas delas à beira do rio), utilizavam-nas para o veraneio e descanso. Tempos mais tarde, passaram a residir nas propriedades de verão. A imagem mostra também a natureza delineada pela presença de grandes pedras sobrepostas e uma areia grossa e escura que declina até a beira do rio. Roberto Pellin define assim a Pedra Redonda daqueles tempos:

É uma praia funda, por ser costa de um morro alto. Tem uma areia grossa, misturada com conchinhas do tamanho de uma unha. Podemos considerar como seus limites a Ponta dos Cachimbos e o Morro do Sabiá. No verão recebe uma brisa agradável da Lagoa dos Patos, a partir das quatro horas quando surgem as ondas que vão se amainar lá pelas sete da noite. Por todos esses predicados e pela sua paisagem natural, a Pedra Redonda foi eleita a melhor praia do Guaíba²³⁰.

A indumentária da personagem feminina da foto indica que esta pertence a uma classe privilegiada da sociedade daquele período (os anos 1900). Vestindo um longo traje e finas luvas, a jovem senhora posa para as lentes do fotógrafo desconhecido. O chapéu e a sombrinha completam o figurino e indicam os cuidados com a pele e com a saúde. A moda, proveniente da Europa, impõe também que todo o corpo deveria ser coberto para proteger a pele branca dos raios solares. O cenário refletia desta forma, um lugar de descontração, de lazer, de moda e de conversas à beira do Guaíba, permeando uma nova cena social em plena virada do século.

²³⁰ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 110.

Figura 26 - Família de veranistas da Pedra Redonda/1900.



Fonte: Museu Joaquim José Felizardo/Acervo da Fototeca Siomam Breitman.

Até fins do século passado, os rapazes e moças se cobriam da cabeça aos pés, evitando sair nos horários mais ensolarados, a fim de preservar um tom pálido, macilento, funéreo, sinal de distinção daqueles que não precisavam trabalhar sob o sol. Sombrinhas, chapéus, luvas eram indispensáveis, além de anquinhas, ombreiras, estofos para os seios e as nádegas e espartilhos para a cintura. Algumas moças chegavam a tomar vinagre pela manhã, com o intuito de produzir um efeito esverdeado e musgoso à cútis²³¹.

O enquadramento da fotografia apresentada é no sentido horizontal, isto é, um estilo bastante utilizado pelos fotógrafos de paisagens. Quanto à direção da foto, o olhar inicia da direita para a esquerda, onde se vê, primeiramente, a família, os elementos centrais da imagem.

Conforme Ana Maria Mauad, “os estudos sobre visualidade afirmam que o observador inicia o percurso do seu olhar pela imagem da

²³¹ SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3, p. 561.

direita para a esquerda, de cima para baixo, numa trajetória em S”²³². Seguindo o raciocínio de Ana Maria Mauad, a fotografia, neste caso, pode ser usada com a intenção de recuperar os códigos de representações sociais e comportamentos de certa classe social num dado período histórico, pois o caráter de exotismo do balneário, propiciado pela natureza exuberante, também servia para um público que tinha dinheiro e podia gastar em lazer e férias durante alguns meses do ano.

A história de um lugar, contada por meio de fotografias reflete as experiências tanto dos turistas quanto daqueles que trabalhavam no balneário, promovendo a viabilização dos empreendimentos e dos lazeres. Por outro lado, ser uma estação de veraneio significava estar integrada à urbanização da cidade. Assim, as temporadas de férias no local implicaram um estímulo às oportunidades de novos produtos e serviços. Com o advento da Estrada de Ferro do Riacho e dos vapores que percorriam as águas tranquilas do Guaíba, dava-se o deslocamento até o arrabalde. O surgimento de hotéis e restaurantes na região se impunha como componente indispensável ao desenvolvimento do lugar. Dessa forma, os confortos oferecidos conduziam às sociabilidades, as quais incorporavam um novo padrão de comportamento como a sensação de bem-estar adquirida com a mudança de “ares”.

Em torno dos anos 1920, ocorreu a construção de um trapiche na beira da praia (Fig. 27). Patrocinado pela Intendência Municipal, o trapiche facilitava a chegada dos veranistas que vinham de vapor. Ficaram conhecidos, o Guaporé, o Bubi e o Santa Cruz, embarcações que transportavam, pelo Guaíba, famílias até a Pedra Redonda. O movimento

²³² MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, n. serv. v. 13, n. 1, p. 148, jan.-jun. 2005.

atraía não só aos porto-alegrenses, como também estrangeiros, entre eles, argentinos e uruguaios que vinham à procura de diversão no balneário. Da mesma forma, brasileiros de outros estados também procuravam a Pedra Redonda, entre eles, os cariocas, os quais buscavam nas atrações da Pedra Redonda, recreio e descanso.

Figura 27 - Trapiche da Pedra Redonda/1920



Fonte: Museu Joaquim José Felizardo/Acervo da Fototeca Sioma Breitman.

O enquadramento da fotografia se dá no sentido horizontal, porque é uma paisagem, cujo cenário apresenta o trapiche em primeiro plano. A fotografia foi feita de dentro do rio, aproveitando assim, um amplo cenário da beira da praia, com sua natureza ainda bastante preservada. Observa-se que a intenção do fotógrafo era a de salientar a presença do trapiche. Conforme pesquisas, é possível afirmar que os muros e o portão que aparecem na fotografia pertenciam à família Pabst, analisada nos próximos capítulos.

Na imagem seguinte (Fig. 28), identifica-se um grupo de veranistas em pose para as lentes. Observa-se, nesta imagem no sentido horizontal, por se tratar também de paisagem, uma visão do balneário da Pedra

Redonda/Tristeza no início do século passado. Em primeiro plano, “salta aos olhos”, um grupo de homens, mulheres e crianças, e, num segundo plano, a paisagem. São as grandes pedras da beira do rio, marca reconhecida do balneário, as quais deram nome ao local. “Faz parte da Tristeza e tem este nome porque em sua praia encontramos três enormes pedras acavaladas, sendo a superior maior e arredondada”²³³.

Na imagem observa-se ainda a presença de duas jovens senhoras vestindo roupas típicas dos anos de 1920. Nessa época, a moda feminina já estava livre dos espartilhos do século XIX e por isso as senhoras podiam ousar mais, mostrando as pernas e o colo. Os vestidos eram mais curtos, leves e elegantes, com braços e costas à mostra. O tecido predominante era a seda, o qual facilitava os movimentos. O chapéu era acessório obrigatório e ficou restrito ao uso diurno. O modelo preferido era o “enterrado” até os olhos que só podia ser usado com os cabelos curtíssimos. A imagem deixa a ver que mulher sensual era aquela sem curvas, seios e quadris pequenos e a atenção toda voltada aos tornozelos. Já os homens transformaram o terno em sua peça de vestuário por excelência, mesmo à beira rio em momento de lazer, usavam o chapéu Panamá, que apesar do nome era fabricado no Equador.

²³³ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Editora do Autor, 1996, v. 2, p. 90 e p. 110.

Figura 28 - As pedras redondas que deram origem ao nome do balneário/1920



Fonte: Museu Joaquim José Felizardo/Acervo da Fototeca Sioma Breitman

A outra fotografia aqui analisada mostra, além da bela paisagem, um grupo de “vilegiaturistas” em momento de descontração à beira do lago. Na imagem (Fig. 29), em sentido vertical, se identifica dois grupos: um de rapazes e outro de meninas banhistas. As fotos dos jovens em trajes de banho mostram os corpos sob uma perspectiva histórica em plenos anos trinta do século passado. De um lado, salienta a evolução da moda com a diminuição do tamanho do vestuário. E, de outro, a importância da saúde e do vigor dos corpos. É importante que se diga que, ainda no século XIX, os médicos recomendavam para a boa saúde de seus pacientes, férias em lugares aprazíveis, entre eles, a praia.

Portanto, sobre o vestuário gravado nas imagens, evidencia-se a transformação dos trajes de banho que vão, progressivamente, e sob o efeito da moda, diminuir com o passar dos anos. Surgem, para os homens, os calções de banho e camisetas de física brancas. Para as mulheres, a ousadia foi maior. Na sensualidade dos contornos, a aparência dos maiôs inteiros que vão do pescoço até os joelhos. Com o

passar dos anos, as roupas passam por mais modificações: o calção masculino que ia da barriga à perna, passa a ser colado ao corpo e para as moças, surge o maiô inteiro, porém, mostram-se as costas, as axilas, e, às vezes, também, as coxas, salientando, sensualmente, as nádegas. Nesse período, tem-se o rompimento da timidez e do recatamento impulsionado pelo advento das roupas mais curtas resultado da modernização na moda e nos costumes. Surge, assim, uma maior contemplação dos corpos, os quais douram sob os raios solares. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro convidava os porto-alegrenses para o veraneio nas praias da Orla Sul alterando assim a rotina.

Figura 29 - Veranistas da Pedra Redonda em trajes de banho/1930



Fonte: Acervo da Fototeca Sioma Breitman/Museu Joaquim José Felizardo.

Desta forma, conclui-se que as novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos no local fizeram do balneário da Pedra Redonda um ponto de encontro e de entretenimento importantes na Zona Sul da cidade.

4.2 O BALNEÁRIO DO SR. FUSTER: A FESTA DOS JORNALISTAS

Situado na Pedra Redonda, o balneário do espanhol Valentin Gaspar Fuster atraía não só por conta dos aprazíveis cenários à beira do Guaíba, como também pelas divertidas festas oferecidas pelo proprietário na década de 1930. Entre elas, uma se destacava, merecendo matéria nos jornais da época: a Festa dos Jornalistas²³⁴. Inspirado nas praias de Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideu, Fuster projetou o balneário, o qual oferecia as mais famosas festas carnavalescas, que incluíam banda de música, banhos a fantasia, serpentina, lança perfume e aluguéis de roupas (que podiam ser usadas em cima do maiô). Nas imagens da Revista do Globo, é possível identificar algumas casas de banho à beira rio, locais próprios para a troca do vestuário. Segundo Luce:

Havia o balneário do senhor Fuster, um espanhol que alugava cabaninhas para que o povo pudesse trocar suas roupas. Ele possuía algumas balsas formadas por dois cilindros de metal, presos por duas tábuas, onde as pessoas podiam se sentar e remar; jamais ir muito fundo, caso contrário, ele as buscava e passava-lhes o maior pito. O limite era o trapiche, inaugurado em fevereiro de 1927²³⁵.

A animação era geral, principalmente quando ocorria a concorrida festa em homenagem aos jornalistas da Capital. Os festejos marcavam a abertura da temporada de veraneio e eram oferecidos aos profissionais de jornais e seus familiares. A convite do idealizador do balneário e das festas, os convidados se dirigiam até o arrabalde em ônibus da Companhia Carris. Com saída às oito horas da Praça da Alfândega, Centro de

²³⁴ MACHADO, Janete da Rocha. A festa dos jornalistas. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 04 maio 2012.

²³⁵ SCHMITZ, Maria Helena Luce. Pedra Redonda, uma placa que virou chácara e voltou a ser placa. A descoberta da cidade. Memórias em Porto Alegre. Organizado por L. A. Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013, p. 162.

Porto Alegre, o passeio incluía também o retorno no final do dia. No local eram oferecidos diferentes atrações, entre elas almoço cujo cardápio era churrasco com chope e sobremesas deliciosas. E a festa prolongava-se durante todo o dia, incluindo competições esportivas no Guaíba, como corrida, natação e saltos ornamentais. Às quatro horas da tarde, encerravam-se as atividades e todos retornavam às suas residências localizadas em outros bairros. A divulgação do evento promovido por Fuster pode ser constatado nesse anúncio, publicado em um jornal da época:

Conforme noticiamos, terá lugar amanhã, no Balneário Fuster, na praia da Pedra Redonda, a Festa do Jornalista, que o Sr. Gaspar Fuster, proprietário desse estabelecimento oferece annualmente à imprensa da capital, por ocasião da abertura da temporada. Ainda está bem vivo na memoria de todos o brilhantismo de que se revestiu a festa do anno findo, à qual compareceram não só os que mourejam na imprensa, como elevado numero de exmas. Famílias. A Companhia Carris, gentilmente pôz à disposição dos jornalistas um confortável auto-omnibus. Como succede por ocasião de festejos desta natureza, varias confeitarias e outros estabelecimentos fizeram valiosas offertas para a Festa do Jornalista. Ao meio-dia, em aprazível capão, será servido gordo churrasco regado a chopp. Uma afinada orchestra far-se-á ouvir durante a festa, que continuará, à tarde, com a realização de divertimentos e surpresas de toda sorte²³⁶.

²³⁶ CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 29 jan. 1933.

Figura 30 - Divulgação do Balneário e da Festa de Gaspar Fuster/1930



Fonte: CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 29 nov. 1933.

Figura 31 - Década de 1930 na Pedra Redonda



Fonte: TIMM, L; CARVALHAL, T. Crônica de um rio. Porto Alegre: RIOCELL S.A., 1987, p. 25.

Da mesma forma, posteriormente ao evento, eram veiculadas matérias sobre o acontecido:

Como previramos, alcançou extraordinário successo a realização do Dia do Jornalista, no Balneario Fuster, de propriedade do sr. Gaspar Fuster, na Pedra Redonda. As 8 horas da manhã, na Praça da Alfandega, já era grande o numero de funcionarios das diversas seccções dos jornaes da capital que aguardavam

*a sahida dos autos-omnibus, gentilmente postos à disposição pela Cia. Carris. Completamente cheios, sahiram elles, às 8 rumo ao aprazível arrabalde, onde já se notava a presença de innumerables exmas, famílias. O sr. Fuster, foi incansável nos seus esforços no sentido de bem servir os rapazes da imprensa, que ficavam captivos por todas as gentilezas dispensadas*²³⁷.

É Interessante destacar que tais atrações serviam, conforme os próprios jornalistas, para dar visibilidade ao balneário do espanhol, pois as matérias ilustradas vinculadas nos jornais e nas revistas da época divulgavam o empreendimento, resultando em um maior fluxo de banhistas e estrangeiros ao local.

4.3 OS PABST E O RESTAURANTE FAMILIAR À BEIRA RIO

Eram os primeiros anos do século XX, a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) recém acabava, e o espartilho saía de moda. Foi quando Johann Pabst, um imigrante alemão, proprietário de uma residência de veraneio na Pedra Redonda, à beira rio, viu seus negócios – uma fábrica de espartilhos, e, posteriormente, de gravatas (J. Pabst & Cia)– falirem²³⁸. A história desse teuto remonta ao século XIX quando Johann chega ao Brasil. Acredita-se que a vinda dele tenha sido motivada pelos problemas políticos e econômicos vividos na Europa naqueles anos.

Johann Pabst e sua indústria de espartilhos e gravatas foram importantes para a economia do Estado. Sua empresa, a J. Pabst & Cia. foi oficialmente mencionada em duas publicações da época, conforme se pode ver no site familiapabst.com, com fotos de Johann e Benno (seu filho mais velho do segundo casamento e meu tio) em uma e de Benno e Fritz, seu irmão, em

²³⁷ CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 29 jan. 1933.

²³⁸ MACHADO, Janete da Rocha. Outros verões na Pedra Redonda. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 139, 14 jan. 2011. p. 1.

outra. Foi uma indústria com premiações em exposições internacionais, implantadora de novas tecnologias e que deu bom retorno financeiro aos seus proprietários. As dificuldades surgiram apenas após o falecimento de Jo-hann²³⁹.

Conforme informações obtidas no site da Família Pabts²⁴⁰, Joahnn escolheu a Zona Sul por influência de um amigo que já residia na Pedra Redonda e que favoreceu a compra, uma vez que este intermediou o negócio. O Comandante Booth era amigo de Joahnn desde a época em que aquele ainda residia na Alemanha. Proprietário de uma chácara às margens do Guaíba, Booth facilitou a aquisição do imóvel. De acordo com informações divulgadas pelo site da família na Internet, a propriedade adquirida por Joahnn “era um terreno grande, às margens do rio Guaíba, distante do centro da cidade, mas que pelas suas praias já era um local de veraneio bem frequentado. Casa e terreno ficaram conhecidos como a Chácara Pabst”²⁴¹.

Em 1902, seu João comprou do seu Nicolau Ely, uma chácara na Pedra Redonda. Era a metade das terras do seu Ely, a parte da praia junto à chegada do trem. Após três anos, aí construiu sua casa de veraneio, onde em seguida passou a residir. O casal teve três filhos: Benno, Fritz e Lotário. Seu João Pabst tinha uma fábrica de espartilhos. Quando terminou a guerra, em 1918, o espartilho caiu de moda. Seu João teve que trocar de ramo, criando uma fábrica de gravatas. Ele faleceu em 1922. Seus três filhos, que trabalhavam na fábrica, separaram-se. Lotário transformou a casa de veraneio no primeiro restaurante da Tristeza “Restaurante Familiar Pabst”. Servia sanduíches, bebidas e refeições²⁴².

²³⁹ PABST, Flávio. *E-mail* recebido de Flávio Pabst, filho de Lothario. Porto Alegre, 05 abr. 2013.

²⁴⁰ FAMÍLIA PABTS. Disponível em: <<http://www.familiapabst.com/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

²⁴¹ Idem.

²⁴² PELLIN, Roberto. *Revelando a Tristeza*. Porto Alegre: Metrópole, 1996, p. 162.

Figura 32 - Joahnn e Família na Chácara Pabst - Pedra Redonda/1900



Fonte: FAMÍLIA PABST. Disponível em: <<http://www.familiapabst.com/>>.

Acesso em: 26 abr. 2022.

Em torno dos anos 1920, devido à morte do patriarca e aos problemas na fábrica ocasionados pela guerra, inicia um período de dificuldades para a família de Joahnn:

(...) os negócios começaram a decair. Os espartilhos gradativamente deixando de ser usados e as vendas diminuíram progressivamente. Tardiamente a fabricação deste artigo foi substituída pela de roupa branca: camisas, camisetas, cuecas e ceroulas. Dívidas surgiram. Lothário foi chamado a ajudar. (...) foi ser caixeiro viajante. Viajava com um malão cheio de roupas, o mostruário das peças que oferecia em lojas, pelo interior do Estado²⁴³.

Com o fechamento da fábrica, a casa da família na cidade foi vendida e assim os Pabst fixaram-se na Zona Sul, na chácara de verão. Como alternativa para complementar a renda familiar, inauguraram no local um restaurante cujas opções para os frequentadores da praia eram refeições e bebidas. O empreendimento esteve sob a administração de

²⁴³ FAMÍLIA PABST. Disponível em: <<http://www.familiapabst.com/>>. Acesso em: 26 dez. 2013.

Lothário, filho de Joahnn. Segundo Flávio Pabst, filho de Lothário: *“Quanto ao restaurante, de fato existiu. Foi durante os tempos difíceis. Lothario (meu pai) abriu o restaurante/bar para ajudar na renda mensal, necessária para a manutenção dos que ficaram sob seus cuidados”* ²⁴⁴.

A construção de restaurantes e hotéis na Zona Sul no apogeu do veraneio se insere nesse universo de investimentos de alguns empreendedores que souberam aproveitar o momento propício ao turismo. O estabelecimento dos Pabst foi pioneiro na Pedra Redonda. Ele situava-se onde funciona atualmente a Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul, a SERGS. Em tempos de férias, calor e veraneio, era para lá que muitos turistas se dirigiam, a fim de aproveitar as atrações do lugar, as quais incluíam principalmente os banhos de rio. Com o passar do tempo e o sucesso do balneário, o estabelecimento tornou-se uma referência na região. Localizado no final da linha do trem e defronte ao trapiche, local onde atracavam os vapores que traziam os turistas. Esse restaurante atendia a um público seletivo que vinha em busca de lazer e recreio. Para Maria Helena Luce, era “um local bucólico e muito atraente, com música ao vivo e refeições de dar água na boca” ²⁴⁵.

Vizinho a outro estabelecimento, o do espanhol Gaspar Fuster, o restaurante dos Pabst também oferecia música da melhor qualidade. Conta Pellin que em torno dos anos 1930, Lotário arrendou para outro empreendedor do ramo, Elias Chemale que, além de manter o restaurante, ampliou os negócios transformando a chácara em um hotel. Sob

²⁴⁴ PABST, Flávio. E-mail recebido de Flávio Pabst, filho de Lothário. Porto Alegre, 05 abr. 2013.

²⁴⁵ SCHMITZ, Maria Helena Luce. Pedra Redonda – uma placa que virou chácara e voltou a ser placa. A descoberta da cidade. Memórias em Porto Alegre. Organizador: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013, p. 162.

uma plataforma, que avançava três metros no Guaíba, havia, além do trapiche, um tablado com mesas e cadeiras para os fregueses.

Figura 33 - Garçons do Restaurante Pabst/1926 (Lothário sem gravata)



Fonte: Acervo de Flávio Linck Pabst.

Sobre este tablado localizavam-se as orquestras, que tanto encantavam os banhistas. O ponto dos Pabst se tornou conhecido e muito atraente, chegando ao seu auge na década de 1930, quando a beira da praia ficava tomada pelos veranistas. Conforme Roberto Pellin, “tomava-se um bom banho na melhor praia de Porto Alegre, bebia-se, comia-se, ouviam-se as belas orquestras argentinas e retornava-se de vapor”²⁴⁶. A Pedra Redonda era, então, um ponto de encontro requintado, o qual se destinava não só ao descanso, mas também ao lazer daqueles que procuravam a Zona Sul de Porto Alegre.

²⁴⁶ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1979, p. 22.

4.4 MORRO DO SABIÁ: O MOVIMENTO APROXIMA-SE DE IPANEMA

No início do século XIX, primórdios dos bairros analisados, as terras que hoje compõem o Morro do Sabiá pertenciam ao Barão Von Seidel, um solteirão que construiu uma platibanda sobre a figueira mais alta do morro. O objetivo do nobre era assistir as antigas embarcações entrarem no Guaíba. Entre elas, estavam aquelas que traziam imigrantes, a maioria alemães, a Porto Alegre. Eram viajantes que, ao visitar a região, então Província de São Pedro, deixaram importantes testemunhos acerca da história da cidade, conforme revela Sergio da Costa Franco em “Os viajantes olham Porto Alegre”:

O relógio indicava 5 horas, na pálida luz crepuscular, o continente apresentava-se em forma de vistosos morros escuros à direita e à esquerda. Estávamos na Ponta de Itapuã, na ponta sul da larga península, que, na extremidade norte da Lagoa dos Patos, salta para dentro do lago, separando-o, assim, em duas bacias (...) por todos os lados cercavam-nos morros de formas suaves, cobertos de florestas (...), uma ilha minúscula formada quase somente por uma enorme pedra de branco reluzente, à qual foi anexada uma construção semelhante a uma fortaleza, bem como uma colônia militar penal²⁴⁷.

Tempos mais tarde, todo o Morro do Sabiá foi adquirido por Oscar Meyer, um rico comerciante, proprietário de imóveis e lojas no centro da cidade. Relata a família que, antes das terras serem de Oscar, elas pertenciam a Otto Niemeyer, nome conhecido na Zona Sul. No final dos

²⁴⁷ A minúscula ilha que fala o viajante é a Ilha das Pedras Brancas, situada entre o bairro Ipanema e a cidade de Guaíba. Local em que se descortinaram vários fatos históricos ao longo dos tempos. Entre os anos de 1857 e 1869, o governo construiu ali duas casas para servir de depósito de munição. Também por ter sua ótima localização e uma visão privilegiada, servia para monitorar as embarcações que entravam no Guaíba. Na década de 1960, a ilha foi transformada num presídio de segurança máxima com o objetivo de abrigar presos políticos. Observações da viagem de Bernhard Schwarz (FRANCO, Sérgio da Costa. Os viajantes olham Porto Alegre. Santa Maria: Anatterra, 2004, p. 73).

anos 1920, durante a administração de Alberto Bins (1928/1937), com as transformações de Porto Alegre, Meyer obrigou-se a vender seus prédios situados no centro. A abertura de novas ruas, de avenidas e a construção do Viaduto Otávio Rocha exigiu a demolição de suas lojas que ficavam no meio do caminho (atual Avenida Borges de Medeiros)²⁴⁸.

Charles Monteiro analisa esse momento vivido pela sociedade porto-alegrense como de transformação dos espaços de sociabilidade pública na área central e bairros contíguos: “(...) por causa da abertura de avenidas (...) causou a destruição de prédios e espaços ligados às experiências urbanas da sociedade porto-alegrense no passado”. O que provocou, conforme Monteiro, um movimento dos intelectuais da época, em defesa da preservação desses prédios²⁴⁹. Apesar da reação contrária à demolição, liderada por intelectuais, os imóveis de Oscar foram demolidos. Com o dinheiro da indenização ele pode comprar as terras em Ipanema. Nem sonhava ele que um dia o local se transformaria na “Vila Clotilde”, uma linda chácara, às margens do Guaíba, homenagem a três gerações de mulheres da família.

A chácara dos Meyer, antes apenas um extenso matagal, tornou-se modelo em Ipanema. Um lugar refinado e com ares de parque europeu. Foi Oscar Meyer, o primeiro plantador de coníferas da região, arborizando um grande espaço e preservando a magnífica Mata Atlântica. Chamado de louco pelos amigos por ter se enfiado naquele fim de mundo que era a Zona Sul, ele plantou, juntamente com um grupo de jardineiros, toda a grama (relva inglesa) do parque. A chácara abrangia toda a montanha verde, desde a antiga Estrada da Pedra Redonda, hoje

²⁴⁸ MACHADO, Janete da Rocha. Morro do Sabiá: história e requinte. ZH Zona Sul, POA, 2 set. 2012. p. 5.

²⁴⁹ MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 347.

Avenida Coronel Marcos de Andrade, até a beira da praia que, na época, apresentava águas limpas, boas para o banho. Uma vez que o desejo de Oscar era uma casa de veraneio para a família, o lugar era perfeito e serviu durante muitos anos às gerações dos Meyer. É importante que se diga que a Vila Clotilde encantou, como ainda encanta os porto-alegrenses e visitantes do bairro Ipanema. Tempos mais tarde, porém, diante de dificuldades para administrar tão extensa área, Lyra Bastian Meyer (filha de Oscar e Clotilde – ver capítulo 2.4) vendeu parte da propriedade a terceiros. Entre os compradores estavam a Fundação Ruben Berta – Associação dos funcionários da VARIG (Viação Aérea do Rio Grande do Sul), no início dos anos 1970, a Associação dos Antigos Alunos Maristas de Porto Alegre, hoje Colégio Marista Ipanema, no final dos anos 1950.

Figura 34 - Chácara de Oscar Bastian Meyer/Morro do Sabiá



Fonte: Autora, 2013.

O topo do morro passou então a ser de uso exclusivo do Colégio Anchieta, aquisição feita em 1949. O centro da chácara, onde se avista a

linda moradia, uma casa de cinema em estilo alemão ainda permanece com a família, descendentes de Oscar e Clotilde.

Figura 35 – Clotilde e Oscar/1900



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

Conforme Maria Helena Luce, uma das herdeiras dos Meyer:

Um fato curioso envolveu esta venda. Eu frequentava o Instituto Cultural Norte Americano, cuja bibliotecária Dona Haydée Leão Madureira era amiga da Lya. Pois bem, em uma tarde, após uma revisão médica, eu passei por lá. Ela, um tanto constrangida, perguntou-me se era verdade que parte da chácara estava sendo vendida. Respondi-lhe que sim, e que o arras seria assinado às dezessete horas. Ela então perguntou se eu sabia quem seria o comprador. Dei o nome de uma instituição conhecida, e acrescentei que eles construiriam ali um local para abrigar pessoas especiais. Só então ela

revelou que a dita instituição estava servindo de “testa de ferro” para um cemitério arborizado e com crematório²⁵⁰.

Maria Helena, ao relatar esse sinistro fato, concluiu aliviada que, felizmente, houve tempo para desfazer o negócio e o encantador e histórico Morro do Sabiá continuou sendo dos vivos, para a alegria dos moradores de Ipanema e das redondezas. Permaneceu um lugar aprazível, onde a natureza ainda cumpre a função de encantar, respeitando o desejo daquele que não só acreditou no sonho, mas também, insistentemente trabalhou no intuito de concretizá-lo: Oscar Bastian Meyer. A seguir a trajetória de Oswaldo Coufal e seu empreendimento na Zona Sul: o balneário Ipanema.

²⁵⁰ SCHMITZ, Maria Helena Luce. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 07 mar. 2011.

5

IPANEMA: IMAGINÁRIO LIGADO À CIDADE MARAVILHOSA

5.1 SOCIEDADE DE TERRENOS BALNEÁRIO IPANEMA LTDA

Sobre os primeiros tempos do bairro Ipanema e seu processo de loteamento, revela Roberto Pellin em sua obra sobre a Tristeza. Segundo este autor, as terras onde hoje está assentada parte do bairro foram compradas pelo seu pai nos anos 1920. “Em 1926, fomos morar na Serriaria, de onde foram extraídas as pedras para a construção do Cais do Porto. Nesta época ele comprou uma área onde é hoje Ipanema”²⁵¹. Os limites dessa imensa propriedade eram, de um lado, a grande margem do Guaíba, formando a enseada, desde as terras do seu João Batista Magalhães, o Juca Batista, indo até o outro lado, ou seja, os eucaliptos da Chácara das Flores, de propriedade do seu Otto Niemayer, hoje, Rua Déa Coufal²⁵².

Tempos mais tarde, toda a região foi comprada pelo grupo de empreendedores formado por Oswaldo Coufal e os irmãos Agrifoglio. Já prevendo a possibilidade de crescimento do novo bairro que surgia, apresentaram à família Pellin, um projeto de loteamento, objetivando a compra de toda a região. “Lembro-me que eles abriram um mapa sobre a mesa e mostraram o projeto do balneário, dizendo que já estava tudo aprovado pela prefeitura”²⁵³. Corria o ano de 1930 e após algumas

²⁵¹ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1996, v. 2, p. 148.

²⁵² MACHADO, Janete da Rocha. Ipanema: a origem do balneário. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 126, 15 out. 2010. p. 1.

²⁵³ PELLIN, op. cit., p. 148.

investidas do grupo, pois a família oferecia resistência à venda, as terras onde estava o coração do bairro foram vendidas. Tão logo se fechou o negócio, iniciaram-se as obras na região. “Posteriormente retornei ao local várias vezes, assistindo às obras. Não havia máquinas. Todo o trabalho era braçal, feito com enxadas, pás e carrinhos de mão, rodando sobre filas de tábuas, para remover a terra, no preparo das ruas”²⁵⁴.

Para facilitar o processo de loteamento e venda dos terrenos foi feita uma “obra faraônica”, como diz Padre Antônio: “desviar o curso do arroio Capivara, abrindo um valão de 460 metros lineares até atingir o Guaíba e aterrar o antigo. Essa façanha marcou o início das obras do Balneário Ipanema”²⁵⁵. Também foram feitas outras obras de infraestrutura na região, entre elas, a abertura da Avenida Coronel Marcos, via que ligaria o novo bairro ao centro de Porto Alegre.

Figura 36 - Vista aérea do loteamento Balneário Ipanema/1931



Fonte: Acervo Particular de Antenor Ferrás Vieira Filho.

²⁵⁴ Ibidem, p. 148-149.

²⁵⁵ LOREZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

A Sociedade de Terrenos Balneário Ipanema LTDA, representada por Manlio Prati Agrifoglio, Ariosto Agrifoglio e Oswaldo Coufal, comprou em 1931 uma grande quantidade de terras pertencentes a Otto Niemeyer. Niemeyer, por sua vez, havia adquirido essa área, em 1924, de Antônio José Flores²⁵⁶. Conforme jornal da época:

Em 1924, Otto Niemeyer, comerciante na Tristeza e sua esposa, dona Amália, compraram de José Abbuzzino e sua esposa, dona Deothilde, uma faixa de terras no Passo do Capivara, quinto distrito de Nossa Senhora de Belém Novo. Em seguida, Otto adquiriu também as terras de Antônio José Flores, ficando de posse de tais áreas durante sete anos, até, em 1931, vendê-las ao doutor Oswaldo Coufal, engenheiro e empresário de Porto Alegre²⁵⁷.

Todas as terras compradas por Coufal e sócios foram loteadas para a formação do balneário Ipanema. Segundo o ofício de Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre:

A Sociedade de Terrenos Ipanema LTDA vem declarar que é possuidora do imóvel constante de um terreno denominado Balneário Ipanema, sito no 6º distrito, 2ª zona desta capital, lugar denominado Ipanema (...) que o plano de loteamento foi aprovado pela prefeitura como prova a planta do documento nº 2. Que a planta citada e o respectivo loteamento foram executados pelo engenheiro Oswaldo Coufal²⁵⁸.

Oswaldo Coufal nasceu em Pelotas, no dia cinco de novembro de 1899. Formou-se em engenharia civil em 1922 e, em 1931, já constituía sociedade com os irmãos Agrifoglio. As primeiras moradias bem

²⁵⁶ MACHADO, Janete da Rocha. Os primórdios de Ipanema. Memória ZH Zona Sul, Porto Alegre, 07 dez. 2012. p. 6-7.

²⁵⁷ MUSEU HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSES VELLINHO. O Antigo Passo da Capivara. Jornal da SABl, 06 out. 1999.

²⁵⁸ ACERVO da Família Coufal. Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre. Documento datado de 12/04/1938.

construídas de Ipanema foram justamente as de Coufal e Agrifoglio, erguidas na Avenida Guaíba. O objetivo desses empreendedores era transformar uma grande área rural à beira do lago, outrora fazendas de cultivo de arroz, em um balneário confortável para veranistas que residiam no centro da cidade.

Assim, toda a área foi lentamente urbanizada. A pavimentação das ruas foi feita com pedra irregular extraída da pedreira existente no local e o serviço de captação e distribuição de água para as casas de veraneio era feito, inicialmente, direto do rio, e posteriormente, por meio de poços artesianos e de um grande reservatório construído na praça central. A energia elétrica era distribuída a partir de um gerador próprio e por um tempo limitado de uso diário. Desta forma, os meses de veraneio eram ansiosamente aguardados por todos aqueles que gostavam de Ipanema e que tinham casas na região.

O Rio de Janeiro foi a inspiração do loteador ao dar nome às ruas e ao balneário, que queria ver transformado em ponto turístico. Coufal adorava a capital carioca e levava a família para passar férias no bairro da Urca. Assim, ele se utilizou de um suposto imaginário ligado à Cidade Maravilhosa para criar e divulgar o novo bairro. O nome Ipanema foi uma homenagem à conhecida praia carioca, da qual gostava muito. Rua da Gávea, Leblon, Flamengo e Leme, entre outras, faziam parte do novo balneário.

Segundo Fernando Gay da Fonseca:

A formação do bairro, o loteamento foi na década de 1930 pelo Coufal, mas a configuração oficial, dos registros públicos foi em 1959, na Prefeitura. Porque na nossa escritura dos terrenos ainda é pelos balneários. Porque aqui são vários balneários. Até a ponte é Balneário Ipanema – que é o do Oswaldo Coufal. Da ponte até a próxima esquina na Avenida Oswaldo Cruz

é Balneário Guaíba. Em seguida é Balneário Juca Batista. Depois vem Balneário Palermo e logo adiante Balneário Caiçara, até entrar no Espírito Santo e Guarujá. Todos pequenos, mas com profundidade²⁵⁹.

Gay da Fonseca descreve, desta forma, a configuração dos balneários no bairro Ipanema, nos anos de 1930 e posteriormente nos registros públicos da cidade, os quais aconteceram em 1959. Nas lembranças do depoente é possível identificar ainda que foram criados outros balneários não analisados nessa pesquisa por falta de documentação.

5.2 IPANEMA: BAIRRO COM JEITO DE CIDADE DO INTERIOR

Com o passar dos anos, Ipanema foi se transformando e adquirindo aos poucos características de uma pequena cidade do interior. Com um plano de urbanização que incluía a igreja, as praças e a escola, a remodelação ficou a cargo do mesmo projetista da Praia de Imbé, Ubatuba de Faria²⁶⁰. Engenheiro e projetista, Faria traçou ruas arredondadas e preservou as matas, entre elas os majestosos e centenários eucaliptos, que se mantiveram no bairro até meados dos anos 1980. A construção da capela de Ipanema iniciou com os incentivos de Déa Cézár Coufal. Responsável por inúmeros trabalhos comunitários na região, Déa era esposa do engenheiro Oswaldo Coufal, e foi por intermédio dele que conseguiu o terreno para a igreja. Assim conta o Padre Antônio:

²⁵⁹ MACHADO, Janete da Rocha. Ipanema nas melhores lembranças. Entrevista com Fernando Gay da Fonseca. Zero Hora, Porto Alegre, 04 mar. 2011. Caderno Zona Sul.

²⁶⁰ Ubatuba de Faria e Edvaldo Pereira Paiva em "Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre" (1938), pretendiam elaborar propostas para um Plano Diretor que orientasse o crescimento e a realização de reformas urbanas. (FARIA, L. A. U. E.P. Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre. Porto Alegre, Secretaria de Planejamento Urbano, 1938).

Pediu à sociedade loteadora a doação dos terrenos 1 e 58 da quadra 13, com frente para a praça central, Avenida Tramandaí e rua Leme. Isto lhe foi concedido. Estando assegurado a espaço para a construção do templo, dona Déa viajou para Aparecida, em São Paulo. Adquiriu uma estátua de Nossa Senhora Aparecida com as mesmas dimensões da original, pediu para que um sacerdote a benzesse dentro do Santuário Nacional²⁶¹.

Assim, com os incentivos de Déa Coufal, o início das obras da capela de Ipanema data de 1935, e como padroeira foi escolhida Nossa Senhora Aparecida, que permanece até os dias de hoje²⁶². Conforme informações do pároco do bairro: “A pedra fundamental foi benta em 19 de janeiro de 1936. Com ajuda de todos, em um ano, ficou concluída, sendo inaugurada em 03 de janeiro de 1937: era um mimo da arquitetura colonial espanhola”²⁶³. Sobre este assunto afirma o professor, historiador e morador do Ipanema, Harry Rodrigues Bellomo: “A capela tem uma trajetória muito longa, pois ela começa praticamente com o bairro. Era uma capela muito simpática, eu ainda conheci bem essa capelinha”²⁶⁴.

Infelizmente, a simpática capelinha, como define o professor Bellomo, não teria vida longa, pois junto à construção foram erguidos eucaliptos, cujas raízes, anos mais tarde, danificaram os alicerces da igreja. “Com o tempo, as raízes se alongaram e partiram os alicerces e as paredes. Como as fendas, foi pedido um exame à Secretaria de Obras Públicas. Em 30 de julho de 1960, após vistoria, as autoridades

²⁶¹ LOREZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

²⁶² MACHADO, Janete da Rocha. A história da capelinha de N. S. Aparecida. ZH Zona Sul, POA, 14 out. 2011.

²⁶³ HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Arquiteto responsável: Fernando Corona. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

²⁶⁴ BELLOMO, Harry Rodrigues. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 19 dez. 2008.

condenaram o prédio”²⁶⁵. Anos depois, sob a supervisão do padre Antônio Lorenzatto²⁶⁶ foi construída outra igreja, a atual. Conhecida por Santuário Nossa Senhora Aparecida, foi a primeira igreja em estilo arquitetônico moderno, construída em Porto Alegre. “Às 10h do dia 08 de dezembro de 1967, festa da Imaculada Conceição, com o templo superlotado, Dom Edmundo Kunz celebrou a missa, e, após o Evangelho, leu com emoção, o decreto da criação oficial do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Ipanema”²⁶⁷.

Figura 37 - Ilustração da Capela Nossa Senhora Aparecida/1937



Fonte: HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

O padre Antônio Lorenzatto explica o ocorrido com os eucaliptos do bairro:

²⁶⁵ HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

²⁶⁶ A paróquia foi criada por Dom Vicente Scherer em 23 de janeiro de 1959, e nesse período foi nomeado o primeiro pároco, Padre Antônio Lorenzatto, o qual tomou posse em 01 de fevereiro de 1959.

²⁶⁷ HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

No local onde foi construída a capela havia um pântano, era um banhado. Por isso o cultivo de arroz pelos antigos fazendeiros. Para drenar a região, o loteador mandou plantar nas imediações da igreja, alguns eucaliptos. Não resolveu muito, pois tempos mais tarde toda a estrutura da capela ficou comprometida²⁶⁸.

Eloy Terra analisa o trabalho comunitário de Déa Coufal no bairro Ipanema:

Entusiasmada com o novo bairro que começava a surgir em Porto Alegre, Déa via com alegria a possibilidade de concretizar ali seu sonho de participação comunitária. Passou então a desenvolver um programa de assistência às famílias necessitadas. Percorria as ruas recém-abertas numa charrete puxada por duas pequenas éguas, Rosilha e Boneca, levando alimentos, roupas e remédios. E levava também palavras de conforto, conselhos práticos de higiene e de prevenção de doenças²⁶⁹.

De fato, Déa Coufal não se destacou somente nas ações humanitárias, considerada uma mulher à frente de seu tempo, ela foi a segunda gaúcha a receber carta de habilitação. Trocou sua charrete por um automóvel Ford 39 que ela mesma nomeou de “Navalha”. Essa metáfora se deve ao fato de que, naquela época, sempre que um carro ultrapassava outro, chamava-se o condutor de navalha, aquele que tinha passado a faca. E com seu moderno carro, para a época, a jovem senhora se deslocava com maior rapidez, atendendo a todos que tinham necessidades²⁷⁰.

Tempos depois, fundou a Casa da Criança Inválida, atualmente conhecida por Educandário São João Batista²⁷¹. A instituição foi construída

²⁶⁸ LORENZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, Ipanema 12 abr. 2011.

²⁶⁹ TERRA, Eloy. As ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: AGE, 2002, p. 87.

²⁷⁰ MACHADO, Janete da Rocha. A trajetória de Déa Coufal. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 maio 2011.

²⁷¹ EDUCANDÁRIO SÃO JOÃO BATISTA. Disponível em: <<http://www.educandario.org.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

com os recursos de famílias ricas do bairro, entre elas, senhoras da sociedade, as quais assumiram o projeto juntamente com ela. A casa era destinada às crianças portadoras de deficiência física devido à paralisia infantil. Atualmente, a Rua Déa Coufal, uma avenida extensa, com aproximadamente dois quilômetros, presta homenagem à obra de Déa. O logradouro começa na Avenida Guaíba, cruza a Coronel Marcos e vai terminar na Avenida da Cavallhada. A respeito de Déa Coufal, Eloy Terra escreve:

Aos 63 anos, doente, viajou para o Rio de Janeiro para tratamento. E ali faleceu, no dia 8 de maio de 1967. Um ano e meio depois de sua morte, o Conselho Comunitário de Ipanema encaminhou um ofício à Câmara de Vereadores de Porto Alegre, pedindo a mudança do nome da Rua Ipanema para Rua Déa Coufal. E no dia 13 de dezembro de 1968 foi aprovada a lei que oficializou a troca do nome. A lei estabelecia que nas placas indicativas da Rua Déa Coufal deveria constar a seguinte legenda: *Benfeitora do Bairro Ipanema*²⁷².

Figura 38 - Déa Coufal e seu filho Marcelo na Orla de Ipanema/1930



Fonte: Acervo da Família Coufal.

²⁷² TERRA, Eloy. As ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: AGE, 2002, p. 90.

A criação de uma escola pública foi outro dos projetos incluído no plano de urbanização do bairro, e o nome foi dado para homenagear Odila Gay da Fonseca²⁷³, moradora da região e, assim como Déa Coufal, responsável por importantes trabalhos sociais e de assistência aos necessitados. Odila nasceu em Porto Alegre no dia 12 de outubro de 1895 e faleceu em 20 de julho de 1973. Desde moça se interessou pelos movimentos e obras que se relacionassem à Pátria, à educação e à assistência social. Na revolução de 1930, foi uma das primeiras gaúchas a se incorporar ao movimento liderado por Darci Vargas, a primeira dama da Nação, cujo objetivo era o de auxiliar as tropas revolucionárias e aos familiares dos voluntários. Fundadora da Cruz Vermelha Brasileira, da qual participou durante 25 anos, Odila assumiu a liderança no auxílio às vítimas da catástrofe da enchente de 1941. Conforme relembra seu filho:

Durante muito tempo, foi presença constante na ajuda, salvamento e recolhimento de agasalhos, alimentação e abrigo para os moradores de rua e população carente da cidade. Trabalhava sempre em parceria com autoridades, esposas de prefeitos, governadores e presidentes, entre eles, Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Flores da Cunha, Loureiro da Silva e Leonel Brizola. Odila promovia todos os anos, o natal da criança pobre²⁷⁴.

E, segue Fernando Affonso Gay Fonseca:

Na cidade de Porto Alegre, em vários recantos ela deixou sinais de sua filantropia: a casa que ajudou a construir e as obras assistenciais que estimulou a crescer e a firmar. (...) Hoje minha mãe é rua, é colégio, é instituto. Os que passam pela rua que tem seu nome, também os que o colégio frequentam e os que no instituo militam ou se abrigam, pouco ou quase

²⁷³ MACHADO, Janete da Rocha. A liderança social de Odila Gay da Fonseca. Mulheres de Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 20 maio 2011. p. 8.

²⁷⁴ FONSECA, Fernando Affonso Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

nada dela sabem, mas a verdade é que ela foi uma grande figura humana de seu tempo que pode refletir-se nos tempos. Na placa da rua que leva o seu nome, está escrito: “pioneira da filantropia”. E eu acrescentaria: pedagoga da vida²⁷⁵.

Figura 39 - Odila Gay da Fonseca



Fonte: Acervo de Fernando Gay da Fonseca.

Seguindo o projeto de loteamento iniciado por Coufal, no final dos anos 1930, Ipanema aparece como um local destinado ao lazer e ao descanso dos porto-alegrenses, uma praia no estilo de Copacabana no Rio de Janeiro, e que apresentava todas as normas estéticas de um moderno urbanismo. O que se evidencia no anúncio divulgando, na época:

Ruas largas, amplas avenidas recortam esse soberbo recanto da capital, destinado a transformar-se na mais agradável estação de veraneio da população porto-alegrense. A Avenida Guahyba, com 20 metros de largura

²⁷⁵ FONSECA, Fernando Affonso Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

e 600 metros de extensão, com o seu calçamento já em activa execução, constitue o attractivo mais elegante entre todas as nossas estações balneárias²⁷⁶.

Esse moderno urbanismo que se iniciava no bairro Ipanema estava associado ao momento vivido por Porto Alegre aquele momento: de transformações e conquistas de novas áreas de crescimento para a cidade. Conforme Charles Monteiro: “Os limites estabelecidos entre a área central e os antigos arraiais desapareciam por causa do rápido crescimento e expansão da cidade. Uma nova ordem urbana tornava obsoletos os antigos marcos espaciais da experiência urbana”²⁷⁷. O Plano Geral dos Melhoramentos de João Moreira Maciel²⁷⁸ estimulou mudanças por toda a cidade. Na época foi um pioneirismo que transformou Porto Alegre, de acanhada cidade colonial do início do século XX, numa cidade moderna, saneada e embelezada. Esse arquiteto, inspirado nas mudanças ocorridas na cidade carioca durante a gestão do prefeito Pereira Passos²⁷⁹, referência urbana em todo o Brasil, propôs na capital gaúcha uma profunda alteração do seu perfil paisagístico.

²⁷⁶ CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 22 out. 1931. p. 13.

²⁷⁷ MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade. EDIPUCRS, 2006, p. 286.

²⁷⁸ Conforme Célia Ferraz, o Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre de 1914, elaborado pelo engenheiro e arquiteto João Moreira Maciel, orientou a marcha da modernização da cidade, propondo, pela primeira vez de forma organizada e abrangente, os melhoramentos gerais e deixando traços na sua estrutura urbana, que traduzem, hoje, a própria identidade de Porto Alegre (SOUZA, Célia Ferraz de. Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008).

²⁷⁹ A reforma urbana idealizada e executada pelo prefeito Francisco Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906 foi objeto de uma série de estudos que constituíram um verdadeiro boom sobre o tema no curto período da primeira metade dos anos de 1980 (AZEVEDO, André Nunes. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago. 2003. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-AndreAzevedo.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

Figura 40 - Anúncios divulgando o Balneário Ipanema/1930



Fonte: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

A partir da venda de grandes terrenos, muitas famílias construíram suas casas de veraneio, em estilo chalés. Famílias estas que residiam em outros bairros, mas que nos fins de semana ou nos períodos de férias se dirigiam à Zona Sul para fugir da poluição e do barulho do centro da cidade. O litoral gaúcho neste período se constituía somente de três praias, Tramandaí, Cidreira e Torres. As longas distâncias e a precariedade dos automóveis dificultavam o veraneio nas “praias de mar”. Sendo assim, as pessoas aproveitavam muito mais a orla. A divulgação do balneário foi importante para a venda dos primeiros terrenos, conforme anúncio: “Balneário Ipanema: terrenos na praia em prestações – sem juros – ruas calçadas e arborizadas e água canalizada. Autobonde à porta. Magnífica praia de areia”²⁸⁰ Para Aquiles Porto Alegre²⁸¹ arraiais surgiam como lugares de memória da nova experiência urbana,

²⁸⁰ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931. p. 15.

²⁸¹ AQUILES, Porto Alegre. História popular de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940, p. 43.

resultado da divisão das chácaras e fazendas ou pelo desenvolvimento de alguma atividade econômica.

5.3 APOGEU: IPANEMA DESPONTA NO CENÁRIO PORTO-ALEGRENSE

Na beira do rio, a Avenida Guaíba margeava a grande enseada, formando o balneário, onde os primeiros moradores construíram suas casas de veraneio, os chalés. Muitas eram casas de madeira, próprias para o verão. Porém, havia aqueles que preferiam construir belas moradias, mais confortáveis e luxuosas, como é o caso das famílias Coufal e Agrifóglio. É importante salientar que, a partir dessas construções no bairro Ipanema, pioneiras na época, inaugura-se a modernidade na arquitetura em Porto Alegre. Luís Henrique Haas Luccas descreve esses momentos na década de 1930:

Os primeiros sintomas modernistas na arquitetura porto-alegrense foram percebidos no início dos anos trinta, em casas como de Agrifóglio e Osvaldo Coufal, que guarneciam a esquina formada pelas avenidas Guaíba e Flamengo, em Ipanema. Loteamento recém parcelado, passaria a servir como um laboratório para casas e chalets informais, experimentando as tendências do moderno funcional e art-déco, entre outras²⁸².

Durante a semana, a calma da praia estimulava os proprietários das residências localizadas na orla para encontros nas varandas dos chalés:

O trenzinho descia por debaixo da ponte. Tanto que o Loureiro da Silva queria, tinha um projeto de uma avenida que substitua os trilhos do trem. Ele queria muito alargar isso tudo aqui. Tinha encantos também por Ipanema.

²⁸² LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura moderna em Porto Alegre: uma história recente. ARQTEXT0 (UFRGS), Porto Alegre, p. 24, 2001.

Loureiro veraneou aqui por dois ou três anos. Mas aí Ipanema já começou a ter cheiro de bairro. Ele adorava sentar aqui. Vinha me ver todos os dias quando eu estava veraneando. E sentávamos no avarandado do chalé²⁸³.

Figura 41 - Casa de Coufal em construção/Ipanema - 1931



Fonte: Acervo da família Coufal.

A partir dos anos 1940, Ipanema se tornou um balneário muito atraente. No verão, crianças costumavam brincar na beira da praia, sempre com suas babás por perto, período em que o rio convidava para um mergulho e um banho de sol. Porém, no inverno, alterava-se a paisagem, e os casarões com largos pátios ficavam entregues aos chacareiros.

Tanto eu quanto minha mulher tínhamos paixão por Ipanema, como eu ainda tenho. Meus pais tinham também. Meu pai era da Viação Férrea. Era engenheiro. Ele viajava muito. No verão, quando chegava, fosse dia, fosse noite, ele ia pra dentro do rio. E chamava os amigos para irem ao banho com ele. A família toda. Mesmo à noite, ele levava todo mundo. Inclusive quando nós só veraneávamos aqui. Uma vez ele fez um tablado no meio do rio para

²⁸³ FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

fazer um baile, de gala. Bem em frente a casa dos Coufal, da Déa e do Oswaldo. E tinha dois tablados: um para os serviços e o outro para a orquestra. Foi um dos bailes mais bonitos que se viu naquela época²⁸⁴.

Figura 42 – Família da Praia de Ipanema/1953



Fonte: Acervo da Família Cristóvão.

Figura 43- Crianças na praia/1954



Fonte: Acervo da Família Albuquerque.

²⁸⁴ Ibidem.

Por volta de 1945, conforme o professor Bellomo, grupos de ciclistas davam longos passeios na avenida, organizavam jogos de vôlei e outros esportes, e praticavam natação no Guaíba. As águas do rio ainda eram boas, livres dos despejos cloacais, pois as residências possuíam fossas nos jardins e o Arroio Capivara ainda não poluía a praia.

E sobre essas águas, relembra o professor: “Eram tão limpinhas que se podia ver os peixinhos. As pessoas tomavam banho com sabonete”²⁸⁵. Assim, as águas eram um atrativo e era para Ipanema, portanto, que muitos turistas e veranistas se dirigiam, a fim de aproveitar os banhos de rio e fazer piqueniques²⁸⁶ às sombras de figueiras centenárias. Especialmente os jovens apreciavam namorar, passear e colher pitangas, entre um banho e outro na praia. Com o calor escaldante de janeiro e fevereiro, os veranistas podiam se refrescar nas águas do Guaíba e usufruir a brisa agradável vinda da Lagoa dos Patos. Conforme relembra Maria de Lourdes Mastroberti²⁸⁷, veranista, cujos passeios à orla eram uma constante nos domingos de verão:

A alegria era contagiante. A gente ia porque era o lugar que tinha praia. No fim de semana, no domingo, a gente saía de manhã bem cedinho e voltava à tarde. Tinha ônibus com tranquilidade. Aproveitava-se a praia, com dia bonito. Ia eu, minha irmã e uma amiga dela. Eu gostava muito. Levava lanche. Galinha com farofa e bolo que a minha mãe fazia. A gente comia também

²⁸⁵ BELLOMO, Harry R. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 19 dez. 2008.

²⁸⁶ A prática dos “pic-nics”, conforme relembra Achilles Porto Alegre, é bem antiga na cidade: “Há algumas dezenas de anos o pic-nic fazia parte da nossa vida social, e não havia um domingo ou um dia santo de guarda, que ranchos de famílias amigas não saíssem para os arrabaldes e arraiaes, a respirar o ar puro da natureza sã, longo do hábito mefítico da cidade” (PORTO ALEGRE, Achilles. Noutros tempos (crônicas). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922, p. 166).

²⁸⁷ MACHADO, Janete da Rocha. O veraneio na Pedra Redonda. Zero Hora, Porto Alegre, 26 fev. 2010. p. 8.

ovo cozido e levava pão com salame e queijo, era o sanduiche. Para beber, se levava umas garrafinhas com refresco²⁸⁸.

Figura 44 - Maria de Lourdes (centro) e amigas na Praia de Ipanema/1953



Fonte: Acervo de Maria de Lourdes Mastroberti.

E prossegue Maria de Lourdes:

Tinha ainda aquelas famosas barraquinhas para se trocar. Eram compridas, tinham uns dois metros de altura, era como um cone. Em cima tinha um cordão que a gente amarrava nas árvores. Na barraquinha cabia só uma pessoa. A gente entrava, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô. Tomava-se banho no Guaíba. Ah, se aproveitou muito lá. No fim do dia, a gente colocava tudo dentro de uma sacola e voltava para casa. Esperava o ônibus no final da linha, tudo na maior tranquilidade. Hoje já não se pode fazer mais isso²⁸⁹.

No final da década de 1950, os veranistas começaram a fixar residência no bairro, na busca por descanso e tranquilidade. E, para compor esse quadro de histórias de vida acerca do bairro, relembra com

²⁸⁸ MASTROBERTI, Maria de Lourdes. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 19 dez. 2010.

²⁸⁹ MASTROBERTI, Maria de Lourdes. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 19 dez. 2010.

saudosismo, Orly Furtado, administrador da SABI – sigla de Sociedade dos amigos do Balneário de Ipanema, fundada em 9 de fevereiro de 1953, e que durante muitos anos serviu para entreter seus associados, moradores do lugar: “Ipanema era o xodó de Porto Alegre, aqui, nos finais de semana, no verão, atraía mais de cem mil pessoas”²⁹⁰.

Figura 45 - Garotas de Ipanema/1960



Fonte: ZERO HORA. Porto Alegre, Caderno Zona Sul, 29 maio 2009.

Desta forma, o empreendedorismo de Coufal e sócios transformaram Ipanema em um balneário muito procurado a partir da década de 1930. E esse movimento estendeu-se até o final da década de 1960, quando Ipanema ainda era um local destinado ao lazer e ao descanso dos porto-alegrenses.

²⁹⁰ Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Antigo Passo da Capivara. Jornal da SABI, 06 out. 1999.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira metade do século XX, as novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos, tornaram alguns balneários da Zona Sul de Porto Alegre, lugares de veraneio, de descanso e de entretenimento. É importante salientar que o lago Guaíba foi o grande impulsionador do desenvolvimento da região. Por meio dele, a população descobriu o veraneio em águas doces e próximas ao centro da cidade. Desta forma, criou-se uma prática agradável nos meses mais quentes do ano para aqueles que não podiam viajar longas distâncias até o litoral. As “praias de mar” eram de difícil acesso neste período. A importância do Guaíba remonta aos primórdios da ocupação de Porto Alegre, pois significou a permanência em suas margens, a solução para garantir a sobrevivência através da pesca e a construção de barcos, oportunizando o alargamento do universo conhecido pelo acesso a outras vias fluviais.

Foi com o rio/lago que começou o povoamento e dali partiu a planificação urbana e a demarcação da cidade. Por isso, o Guaíba e sua cidade marcam, fortemente, a sensibilidade e a memória dos porto-alegrenses, vivendo juntos desde os tempos mais remotos, quando os primeiros habitantes, os índios, aqui chegaram. Já naqueles tempos, o lago foi nomeado assim, pois os guaranis o entendiam, sabiamente, como “águas do lugar redondo” ou “Gua-ybe” na língua tupi, que tem o sentido de “baía de todas as águas”. O Guaíba, portanto, está presente na história da cidade e de seu povo, pois por ele chegaram os primeiros

colonizadores sesmeiros, açorianos, viajantes, forasteiros e imigrantes. Navegando em seus afluentes e lagoas, fez-se a comunicação permanente com o mar, desenvolvendo toda a Província do Rio Grande do Sul.

O veraneio nas margens do lago, no final do século XIX e início do XX, possibilitou a descoberta da Zona Sul da cidade. Os locais escolhidos pelo Porto-Alegrense para atenuar o forte calor do verão foram, primeiramente, os balneários da Tristeza, deslocamento esse facilitado por uma linha de trem. Posteriormente, o fluxo maior de banhistas se deu na praia vizinha, o Ipanema. Assim, a pesquisa partiu da coleta de informações, tendo por base, os depoimentos de moradores antigos, outrora veranistas dos locais analisados. Além disso, utilizaram-se documentos, entre eles, cartas, fotografias, desenhos, mapas e reportagens de jornais e revistas da época da formação dos balneários. Grande parte do acervo foi disponibilizada não só pelos arquivos públicos da cidade de Porto Alegre, mas também pelo empréstimo de particulares envolvidos com a história do local.

Alguns autores também foram importantes para a composição da história do veraneio na Zona Sul da cidade. Entre eles é pertinente citar os historiadores Sergio da Costa Franco, Hilda Flores, Charles Monteiro e Sandra Pesavento. Também trouxeram fatos novos à pesquisa, o trabalho do arquiteto André Huyer, bem como os textos dos escritores Roberto Pellin, Ary Veiga Sanhudo, Olyntho Sanmartin e Érico Veríssimo.

Baseado nos resultados obtidos é possível afirmar que a história do veraneio nos bairros Tristeza e Ipanema, analisada e registrada a partir desta pesquisa, teve início no século XVIII, quando a região não passava de uma imensa zona rural de Porto Alegre. Originária da primeira sesmaria concedida a Dionísio Rodrigues Mendes, o local se constituiu em vastas extensões de terras, em cujas fazendas, se cultivavam arroz,

milho frutas. Além da criação de gado leiteiro, o grande sesmeiro também desenvolveu charqueadas, as quais contribuíram para o desenvolvimento de bairros vizinhos. Até então, Porto Alegre configurava-se em poucos vilarejos e algumas chácaras, de onde provinha o essencial para a subsistência das famílias.

Fatos retirados das fontes acessadas levam à constatação de que, tempos mais tarde, em torno do século XIX, começam a se estruturar as grandes fazendas, definidoras do tipo de ocupação na região e da primeira atividade econômica – a agropecuária – nas terras onde hoje se situam os bairros. Uma das primeiras fazendas identificadas na pesquisa foi a de João Baptista de Magalhães, mais conhecido por Juca Batista. Criando e plantando, o fazendeiro ajudou a desenvolver economicamente a região, na época, apenas uma zona rural. Por isso, ele é lembrado, atualmente, em avenida, linha de ônibus e estabelecimentos comerciais no bairro, os quais levam seu nome. A partir da fazenda de Juca, tem-se, com o decorrer dos anos, a fragmentação de suas terras, originando os primeiros loteamentos e jardins residenciais em Ipanema.

Entre os bairros praianos da Zona Sul, a Tristeza foi o primeiro que surgiu, ainda no século XIX. A partir do desenvolvimento impulsionado pelo trabalho dos colonos italianos e, posteriormente, alemães, a região se desenvolveu. Inicialmente com a agricultura e pecuária e tempos depois pelos serviços associados ao veraneio. A Tristeza abrangia uma área maior do que a atual, pois incluía os bairros conhecidos hoje por Vila Conceição, Vila Assunção e Pedra Redonda. O primeiro fazendeiro da região foi José da Silva Guimarães, mais conhecido por Juca Tristeza, fixou moradia na área onde hoje se encontra o bairro Vila Conceição. Instalou-se, com sua família em uma área que logo se consolidou em uma estância. No local, precisamente no alto do morro da Conceição,

Juca residiu durante muitos anos. A partir de Juca Tristeza, outros vieram e fizeram da Tristeza o bairro que é hoje. A procura pelas praias dos balneários proporcionou a empreendedores sagazes lucros com o advento dos loteamentos e os demais serviços associados ao turismo.

Assim, a pesquisa comprovou que, a partir do final do século XIX, nas terras de Juca Tristeza, emergiram os balneários da Pedra Redonda, da Vila Conceição e da Vila Assunção. Na fazenda de Juca Batista, um pouco mais tarde, surgiu o balneário Ipanema a partir do loteamento idealizado e concretizado por Oswaldo Coufal, o qual se inspirou nas praias da Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro. Gradativamente, a paisagem antiga da zona balneária sul de Porto Alegre foi se alterando, desdobrando-se em outras formas. Seguindo uma linha do tempo, da antiga sesmaria e das fazendas dos grandes estancieiros, a região cedeu espaço para lindas chácaras e luxuosas vivendas de veraneio, principalmente na orla da Tristeza. Nesses locais, desenvolveu-se uma infraestrutura voltada ao turismo e ao veraneio, com a construção de hotéis, restaurantes, clubes e a melhoria nos meios de transporte, como o trem e o automóvel.

Aliado a esse novo cenário moderno, o espaço começou a ser recorrido por uma arquitetura de influência europeia que contemplava residências de luxo – as imponentes vivendas com praia particular. Eram novos moradores, os quais se configuravam em uma elite residente, muitas delas oriundas de famílias tradicionais e com poder aquisitivo, as quais desenvolveram suas sociabilidades e negócios à beira rio. Entre estas famílias, a pesquisa contemplou as histórias do Comendador Castro, de Bernardo Dreher, de Oscar Bastian Meyer, de Waldemar Bromberg e de Fernando Gay da Fonseca, entre outros.

A pesquisa identificou também que o momento era de mudanças no espaço urbano da cidade, pois com a administração de Alberto Bins (1928 – 1937), acelera-se a comunicação do centro com os bairros mais distantes como os da Zona Sul. A mudança do cenário também indicava que o local deixava para trás seu aspecto mais rural, ingressando numa era de urbanização e desenvolvimento. Daí o advento dos novos bairros e de seus loteamentos que seguiam uma concepção de “Cidade Jardim”, isto é, locais inspirados nos preceitos de “urbe” de Ebenezer Howard. Os novos bairros/balneários deveriam oferecer as vantagens e os serviços dos grandes centros, associados à beleza e à tranquilidade da vida no campo. Na realidade, toda a paisagem citadina de Porto Alegre, nesse período, passou por uma grande transformação e esta remodelação da nova cidade empreendeu também mudanças na urbanização da orla do Guaíba na Zona Sul.

Acompanhando essa linha de reformulação urbana que teve como modelo o Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre de 1914, o empreendedorismo de Oswaldo Coufal e de seus sócios resultou no surgimento do balneário Ipanema, um loteamento planejado nos anos 1930 e que apresentaria todas as normas estéticas de um moderno urbanismo. Esta modernização empreendida na cidade a partir de então foi decorrente também do progresso e dos avanços tecnológicos (meios de transporte e de comunicação) surgidos naquela época. A aquisição de terrenos foi feita por famílias de classe média. Eram profissionais liberais, entre eles, médicos, advogados, engenheiros e professores, os quais residiam em outros bairros da cidade e nos fins de semana e nas férias escolhiam Ipanema como local de refúgio e de lazer na Zona Sul.

Assim tentou-se desvelar a Zona Sul de antigamente, seus cenários, sociabilidades e cotidianos. Objetivando não só a escrita de um

livro, mas também uma possibilidade de informar à comunidade, interessada na história da sua cidade, a pesquisa frutificou, resultando em um amplo trabalho documental. Com os resultados obtidos, fica a certeza do legado dessa parte da história da cidade às gerações futuras. Um tempo de vida, de cotidiano, de natureza preservada e rio limpo, que não mais existe. Momentos vividos em bairros com ares de cidadezinha do interior, pacata e tranquila, transformada, tempos mais tarde, em um local notadamente residencial, movimentado e urbano. Um tempo que vai bem longe, mas que se traduz no imaginário daqueles que, pela oralidade, contribuíram para o resgate desta parte da história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Das transformações pelas quais passaram os bairros analisados, suscita uma reflexão: da sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes, e das antigas chácaras, restaram para a posteridade a memória documental e o imaginário, elementos construtores de uma história, a partir da oralidade, transmitida e registrada para o conhecimento dos mais jovens. E é nesse mapa antigo da cidade, onde, debruça-se o olhar nostálgico da memória viva, resgatando no tempo, e permitindo afirmar que a história não acabou. Ipanema e Tristeza certamente continuarão sua trajetória de crescimento e mudanças, mas sempre com narradores memorialísticos ou os homens-memória na trajetória do tempo. A história do veraneio na orla do Guaíba não se esgota. Existe, ainda muito para registrar. Faz-se necessário que as histórias dos antigos veraneios nas águas do lago sejam reveladas, não apenas as da Zona Sul de Porto Alegre, mas também de outros lugares onde a deambulação foi prática constante desde a primeira metade do século XIX. Mas isso já é assunto para uma nova pesquisa. Que venham novas inspirações!

REFERÊNCIAS

A PRIMEIRA dama do ballet clássico de Porto Alegre. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, 12 mar. 2011. p. 2.

ACERVO DA FAMÍLIA COUFAL. Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre. Documento datado de 12/04/1938.

ACERVO DO COLÉGIO MÃE DE DEUS.

ACERVO DO MUSEU DO BANRISUL.

ALENCANTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2. p. 291-335.

ARQUIVO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSÉS VELLINHO. O veraneio de antigamente. Jornal do Comércio, Porto Alegre, 04 jan. 1982. p. 2.

BAKOS, Margaret M. Porto Alegre e seus eternos intendentess. POA: EDIPUCRS, 2013.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. SP: Companhia das Letras, 1994.

BROMBERG & Co., Hamburgo. Retropecto 1863 – 1913. Porto Alegre, 1913, p. 5. Álbum Comemorativo aos 50 anos das casas Bromberg. E Bromberg & Cia - Meio Século. Jornal "O Brasil", órgão do Partido Republicano (2 de agosto de 1913).

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 22 out. 1931.

_____. Porto Alegre, 29 out. 1931.

_____. Porto Alegre, 29 jan. 1933.

_____. Porto Alegre, 28 nov. 1958.

DREHER, Ernesto. Carta sem data endereçada à Marina Raymundo da Silva.

DREHER, Martha Elisabeth. Nossa chácara. Carta escrita em 1970. [Acervo da Família Dreher adquirido em 2012].

DREHER, Martha E. Uma viagem a Torres pelas lagoas do litoral há 50 anos. Correio do Povo, Porto Alegre, 07 jun. 1977. p. 30.

DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FAY, Claudia Musa. SCHEMES, Claudia. PRODANOV, Cleber. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. Revista História Econômica & História de Empresas. XIII. 1 (2010), 157-186.

FERNANDEZ, Érico Pinheiro. Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FLORES, Hilda. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979.

FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ediplat, 2003.

_____. Porto Alegre em destaque: história e cultura. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. [Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza].

HISTÓRIA ILUSTRADA DO RIO GRANDE DO SUL. Coordenação de Elmar Bones da Costa, Ricardo Fonseca e Ricardo Schmitz. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.

JANETE & PORTO ALEGRE. Blog. Disponível em: <<http://janeterm.wordpress.com/>>. Acesso em: 02 abr. 2022

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1996.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura moderna em Porto Alegre: uma história recente. ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, v. zero, n. zero, 2001.

MACHADO, Janete da Rocha. A casa da Mário Totta. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 133, 3 dez. 2010. p. 1.

_____. A Chácara do Comendador Castro. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 9, n. 283, 29 nov. 2013.

_____. A cidade recupera o antigo brilho. Zero Hora, Porto Alegre, 11 dez. 2013.

_____. A família Bromberg e o lazer na Zona Sul. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 set. 2013. p. 4-5.

_____. A história da Via Férrea na Zona Sul de Porto Alegre. Portal Oficina do Historiador/Revistas Eletrônicas. Porto Alegre, PUCRS. 2010.

_____. A liderança social de Odila Gay da Fonseca. Mulheres de Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 20 maio 2011. p. 8.

_____. A origem de Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 126, 15 out. 2010.

_____. A primeira dama do ballet clássico de Porto Alegre. Zero Hora, Porto Alegre, Caderno Cultura, 12 mar. 2011. p. 2.

_____. Colonos alemães na Zona Sul de Porto Alegre. Os Jardins da Dona Isabel. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 12 out. 2012. p. 4- 5.

_____. Da Inglaterra para a Zona Sul. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 31 maio 2013. p. 1.

_____. História da Zona Sul – Pedra Redonda/Hotel Cassino. Programa Estilo Bem Viver. Exibido pela TVCOM em 08 abr. 2011.

_____. Ipanema nas melhores lembranças. Entrevista com Fernando Gay da Fonseca. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 04 mar. 2011.

_____. Ipanema: a origem do balneário. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 126, 15 out. 2010. p. 1.

_____. Ipanema: história e memórias de um bairro da Zona Sul de Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Rio Grande do Sul: História,

Memória e Patrimônio, Faculdade Porto-Alegrense, Porto Alegre, 2011.
[Orientadora: Professora Dra. Elizabeth Rochadel Torresini].

- _____. Morro do Sabiá: história e requinte. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 2 set. 2012.
- _____. Nove décadas de Helga Bins Luce. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 08 mar. 2013.
- _____. O cenário da primeira novela do Estado. ZH, Porto Alegre, 25 dez. 2009. p. 4.
- _____. O empreendedorismo de Juca Batista. ZH, Porto Alegre, 13 jul. 2012. p. 6.
- _____. O saudoso Cine Ipanema/Um cinema histórico em Ipanema. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 11 jun. 2010. p. 9.
- _____. O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre. Revista Latino-Americana de História, São Leopoldo: PPGH – UNISINOS, edição especial, v. 2, n. 7, p. 232-252, set. 2013.
- _____. O veraneio na Pedra Redonda. Entrevista com Maria de Lourdes Mastroberti. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 11 fev. 2010.
- _____. Os primórdios de Ipanema. Memória ZH Zona Sul, Porto Alegre, 07 dez. 2012. p. 6-7.
- _____. Outros verões na Pedra Redonda. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 6, n. 139, 15 jan. 2011. p. 1.
- _____. Passos de uma pioneira. A leveza de Lya Bastina Meyer. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 03 jun. 2011. p. 8.
- _____. A festa dos jornalistas. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 04 maio 2012.
- _____. A história da capelinha de Nossa Senhora Aparecida. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 14 out. 2011.
- _____. O veraneio na Pedra Redonda. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 26 fev. 2010. p. 8.
- _____. Trilhos até a Tristeza. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 09 abr. 2010. p. 2.

_____. Verões de outros carnavais. ZH Zona Sul, Porto Alegre, ano 8, n. 243, 15 fev. 2013.

_____. A trajetória de Déa Coufal. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 13 maio 2011.

_____. Bate-Papo em nome da história. Entrevista com Helga Landgraf Piccolo. ZH Zona Sul, Porto Alegre, 15 fev. 2013.

_____. Lya Bastian Meyer: a primeira dama do balé clássico gaúcho. In: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - ANPUH/RS, 2012. Rio Grande/RS, Publicações Eletrônicas, 2012, p. 491-500.

_____. Um viajante italiano e seu olhar sobre a Zona Sul de Porto Alegre na primeira metade do século XX. Artigo elaborado para a disciplina "Sociedade, Urbanização e Imigração V" do Curso de Pós-Graduação da PUCRS, ministrada pela professora Dra. Núncia Constantino. Porto Alegre, I/2012.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. Anais do Museu Paulista, n. serv. v. 13, n. 1, p. 133-174, jan.-jun. 2005.

MENEGAT, Rualdo (Coord.). Atlas ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DE COSTA. História de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010.

MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO. História de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010.

MUSEU HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSES VELLINHO. O antigo Passo da Capivara. Jornal da SABÍ, 06 out. 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, 1993.

OLIVEIRA, Clóvis Silveira. Porto Alegre. A cidade e sua formação. Porto Alegre: Metrópole, 1993.

- PABST, Flávio. *E-mail recebido de Flávio Pabst, filho de Lothario*. Porto Alegre, em 05 abr. 2013.
- PELLIN, Roberto. *Revelando a Tristeza*. Porto Alegre: Metrópole, 1996. v. 1.
- _____. *Revelando a Tristeza*. Porto Alegre: Metrópole, 1979. v. 2.
- PESAVENTO, Sandra. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba: RIOCELL, 1985.
- _____. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- _____. *De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Editora da Ulbra, 1994. p. 200.
- PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura. Cristal. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2003.
- PRESTES, Antônio João Dias. *Pobre Guaíba, quem te vê, quem te viu. A degradação ambiental das praias de Porto Alegre na passagem dos anos 1960 para os 1970*. 2009. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, ano XI, n. 248, 25 mar. 1939.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SANMARTIN, Olyntho. *Um ciclo de cultura social*. Porto Alegre: Sulina, 1969.
- SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998. v. 3.
- SCHIDROWITZ, Léo Jeronimo. *Rio Grande do Sul: imagem da terra gaúcha*. Porto Alegre: Cosmos, 1942.
- SCHMITZ, Maria Helena Luce. *A descoberta da cidade: memórias em Porto Alegre*. Organizador: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

_____. Pedra Redonda – uma placa que virou chácara e voltou a ser placa. A descoberta da cidade. Memórias em Porto Alegre. Organizador Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

SCHOSSLER, Joana. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. [Orientador: Prof. Dr. René Gertz].

SOSTER, Ana Regina de Moraes. Porto Alegre: a cidade se reconfigura com as transformações dos bairros. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SOUZA, Célia Ferraz de. Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

_____. Porto Alegre e sua evolução urbana. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1997.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ENTREVISTAS:

BELLOMO, Harry R. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 05 dez. 2008.

BROMBERG, Lilian Dorothy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

BROMBERG, Rita Brugger. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 06 abr. 2013.

CASTRO, João Lídio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 nov. 2013.

DREHER, Maria C. Mansur. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 10 set. 2012.

FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

LORENZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

MAGALHÃES, Teresa Terra. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 10 jul. 2012.

MASTROBERTI, M. de L. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 15 jan. 2010.

PICCOLO, Helga Landgraf. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 14 jan. 2013.

SILVEIRA, José Schmitt. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 08 jan. 2013.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org